



CRIME DE

IMPREENSA

PALMÉRIO DORIA E MYLTON SEVERIANO;
EDIÇÃO REVISTA E AMPLADA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Livro impossível de pôr um ponto final

Intitula-se este livro *Crime de Imprensa* sem receio, dos autores, de incorrer em exagero. Na verdade, há “crimes de imprensa” perpetrados 24 horas por dia, agora que temos canais de rádio e tevê “news”, vertendo, entre as informações, preconceitos, bobagens, inverdades, verdades torcidas – “está tudo dominado”.

Os autores, que costumam trabalhar juntos no sistema “dupla de criação”, passaram três semanas do primeiro semestre de 2011 combinando: “Amanhã a gente termina.” Mas, no dia seguinte, surgia já outro monte daquilo que os próprios colunistas e comentaristas chamam de “mais do mesmo”, os autores não conseguiam ignorar as novas tramóias, peraltices e patifarias. Sentiam-se como a Penélope da Odisseia, tecendo interminável teia. No momento em que se escreve esta orelha, a mídia vem chamando um terrorista norueguês de “atirador”. O “atirador da Noruega”. Que chique. No penúltimo fim de semana de julho de 2011, esse nazista confesso matou quase 80 pessoas num convescote do Partido Trabalhista. Loiro de olhos azuis. Por isso, não o chamam terrorista, como teriam chamado por muito menos a um moreno ou negro, principalmente árabe. Nossa mídia também se prestou a dar espaço ao terrorista para divulgar partes de seu “livro”, de 1.500 páginas, com críticas ao “Brasil miscigenado”. O nazi-norueguês se inspira em terroristas norte-americanos, como Jared Loughner, igualmente loiro e igualmente chamado, no portal Ig por exemplo, de “atirador”. Em 8 de janeiro de 2011, Jared acertou (na cabeça) a deputada Gabrielle Giffords, que escapou com graves sequelas, e pessoas que a ouviam em Tucson, Arizona. Matou seis, inclusive uma menina de nove anos.

Seu compatriota Paul Krugman, jornalista, Prêmio Nobel de Economia, anota que tais atentados resultam do ódio. Ódio político,

racial, de extremistas de direita. Com certeza, se os autores ainda não tivessem concluído o livro, encaixariam na história mais esta: loiros de olhos azuis não praticam terrorismo, mas tiro ao alvo com seres humanos – são apenas atiradores.

Convém, pois, considerar pronto este livro, antes que *Crime de Imprensa* se torne “interminável”, e convidar você a uma leitura bastante esclarecedora sobre a mídia de nosso tempo. Uma leitura nada raivosa, mas com a medida equilibrada entre o indignado e o apimentado.

Pequenos e grandes golpes dos Grandes Irmãos da Mídia

Trata-se do primeiro livro escrito sobre a cobertura jornalística da campanha de 2010 em que Dilma Rousseff, do PT, foi eleita presidente da República contra a vontade de toda a grande mídia brasileira.

Ricardo Kotscho, Balaio do Kotscho

Na maioria dos casos a mídia é ponta-de-lança para grandes negócios.

Mino Carta, diretor de Carta Capital

Já li. Imperdível. Livro corajoso e fascinante. Um striptease da nossa grande imprensa.

Sebastião Nery, colaborador de mais de 20 jornais brasileiros

Afiada e divertida reconstituição do golpismo "murdoquiano" da imprensa nativa.

Paulo Henrique Amorim, blog Conversa Afiada

Assim como professores, soldados, enfermeiras ou pais, jornalistas executam um trabalho cujo valor não é representado em seu salário. Quando fazem seu trabalho com honestidade e competência, muitas pessoas se beneficiam. Quando são negligentes e irresponsáveis em relação ao poder que têm nas mãos, os danos se espalham para muito mais longe do que eles próprios imaginam.

James Fallows, na introdução de seu *Breaking the News – How the Media Undermine American Democracy (Detonando a Notícia –*

Como a Mídia Corrói a Democracia Americana), trad. Fausto Wolff,
Civilização Brasileira, 1997.

Sumário

Prefácio – Diálogo de preocupante atualidade

- 1 A bolinha de papel que pesava 2 quilos
- 2 Vote num careca e leve dois
- 3 O novo careca tem cabelo falso
- 4 Um vice de cabelos longos e ideias curtas
- 5 Lula matou Jean Charles, e outros disparates
- 6 Metáfora de Lula: bolinha = sinalizador
- 7 Mirou no que viu, acertou no que não viu
- 8 Expectativa nervosa: cadê a bala de prata?
- 9 O que Cleo Pires tem a ver com o sigilo de EJ
- 10 Ah se Guttenberg conhecesse a internet
- 11 “Você devia estar numa penitenciária”
- 12 Chocante: tropa de choque contra Itamar
- 13 Manchete dos sonhos
- 14 Viagem a estripulias de um passado recente
- 15 Milagre da multiplicação dos panfletos
- 16 Como Mônica Serra virou a mulher invisível
- 17 Não se abandona o amigo no meio do rodoanel
- 18 Vamos esclarecer vossa mercê
- 19 O Rio de Janeiro continua bumbo

20 E os aprendizes de Murdoch não desistem

Quem está aqui

Prefácio

DIÁLOGO DE PREOCUPANTE ATUALIDADE

– A imprensa! Que quadrilha! Fiquem vocês sabendo que, se o Barba Roxa ressuscitasse, agora com os nossos velozes cruzadores e formidáveis couraçados, só poderia dar plena expansão a sua atividade, se se fizesse jornalista. Nada há tão parecido como o pirata antigo e o jornalista moderno: a mesma fraqueza de meios, servida por uma coragem de salteador; conhecimentos elementares do instrumento de que lançam mão e um olhar seguro, uma adivinhação, um faro para achar a presa e uma insensibilidade, uma ausência de senso moral a toda prova... E assim dominam tudo, aterram, fazem que todas as manifestações de nossa vida coletiva dependam do assentimento e da sua aprovação. Todos nós temos que nos submeter a eles, adulá-los, chamá-los gênios, embora intimamente os sintamos ignorantes, parvos, imorais e bestas... Só se é geômetra com seu *placet*, só se é calista com a sua confirmação, e se o sol nasce é porque eles afirmam tal coisa... E como eles aproveitam esse poder que lhes dá a fatal estupidez das multidões! Fazem de imbecis, gênios; de gênios, imbecis; trabalham para a seleção das mediocridades, de modo que...

– Você exagera, objetou Leiva, o jornal já prestou serviços.

– Decerto... Não nego... mas quando era manifestação individual, quando não era coisa que desse lucro; hoje, é a mais tirânica manifestação do capitalismo e a mais terrível também... É um poder vago, sutil, impessoal, que só poucas inteligências podem colher-lhe a força e a essencial ausência da mais elementar moralidade, dos mais rudimentares sentimentos de justiça e honestidade! São grandes empresas, propriedade de venturosos donos, destinadas a lhes dar o domínio sobre as massas, em cuja linguagem falam e a cuja inferioridade mental vão de encontro, conduzindo os governos, os caracteres para os seus desejos inferiores, para os seus atrozes lucros burgueses... Não é fácil a um indivíduo qualquer, pobre, cheio

de grandes ideias, fundar um que os combata... Há necessidade de dinheiro; são precisos portanto capitalistas que determinem e imponham o que se deve fazer num jornal...

Vocês vejam: antigamente, entre nós, jornal era de Ferreira de Araújo, de José do Patrocínio, de Fulano, de Beltrano. Hoje, de quem são? A *Gazeta* é do Gaffré, *O País* é do Visconde de Moraes, ou do Sampaio, e assim por diante. E por detrás dela estão os estrangeiros, se não inimigos nossos, mas quase sempre indiferentes às nossas aspirações.

Diálogo entre dois amigos do personagem principal de Recordações do Escrivão Isaías Caminha, de Lima Barreto, sobre a imprensa do começo do século 20.

A bolinha de papel que pesava dois quilos

Mata-mosquitos em fúria na manhã carioca – Tucano foge ao tumulto e se refugia na loja de cosméticos – A tomografia anunciada mas jamais divulgada – Índio avalia o peso da bolinha de papel em 2 kg e a mídia publica

Na manhã de 20 de outubro de 2010, uma quarta-feira, no calçadão de Campo Grande, zona oeste do Rio de Janeiro, um cidadão amassou cuidadosamente um pedaço de papel, transformando-o numa bolinha de consistência suficiente para obedecer a sua pontaria. Esse anônimo cidadão, inadvertido do ato que ia praticar, exerceria sobre os eleitores brasileiros, que onze dias depois escolheriam Dilma Rousseff a primeira presidente da República, mais influência do que toda a mídia reunida, do que as congregações religiosas conservadoras, do que as entidades de direita, do que o próprio papa.

Ele estava no meio da multidão formada principalmente por mata-mosquitos, como são conhecidos os funcionários da Fundação Nacional de Saúde, Funasa, que combatem o *Aedes aegypti*, pernilongo transmissor da dengue hemorrágica, doença por vezes fatal. Esses funcionários têm uma velha diferença com os tucanos e, em especial, José Serra, que para ali havia levado sua convidativa careca.

Não deixava de ser uma provocação do então candidato à presidência. Sua caminhada passava quase em frente do sindicato dos mata-mosquitos, naquela manhã enfurecidos ao lembrar que em 1999, no governo FHC, o ministro da Saúde José Serra demitiu

quase 6 mil deles, deixando o Rio de Janeiro e o Brasil à mercê da dengue.

O anônimo terminou de amassar a bolinha de papel, esperou a careca de Serra passar no jeito, e atirou. A bolinha descreveu um arco por sobre a multidão e quicou no lado direito do alvo; Serra acusou o triscar de algo na careca, e apenas deu uma olhada para o chão, sem atinar que aquele objeto de não mais que 50 gramas havia ferido gravemente sua candidatura.

O tucano, diante do tumulto provocado pelos protestos, refugiou-se numa loja de cosméticos, até que sua militância providenciasse um corredor humano para ele reiniciar a caminhada. No meio do calçadão, atende um telefonema no celular. Na cena seguinte, leva a mão esquerda à cabeça, do lado contrário ao lado atingido pela bolinha que o anônimo atirou. Interrompe a caminhada e entra numa Van.

Ficou claro para o bom observador que naquele telefonema alguém o instruiu para os próximos passos. Serra procurou um hospital onde o atendeu o médico Jacob Kligerman. Um desconhecido de Serra? Jacob era ex-secretário da Saúde do ex-prefeito carioca César Maia e ex-diretor do Inca, Instituto Nacional do Câncer, na gestão de Serra no Ministério da Saúde. Que coincidência, não?

Jacob Kligerman disse à imprensa que não houve ferimento algum, mas providenciou uma tomografia (jamais divulgada) e recomendou repouso – tirado a seguir numa churrascaria de luxo na zona sul do Rio. Ali, a bolinha de papel atirada pelo anônimo cidadão tinha virado uma bobina de fita crepe, logo transformada em “uma coisa grande”, que o vice do tucano, Índio da Costa, avaliou em 2 quilos, e a Folha publicou, peso para o qual o candidato Serra deu um desconto camarada: era só meio quilo – que, a não ser que fosse uma almofada de plumas, de todo modo lhe teria fraturado o crânio.

Colado a José Serra no calçadão de Campo Grande, caminhava Fernando Gabeira, experiente repórter, que afirmou não ter visto “coisa grande” alguma atingir a cabeça do tucano. Naqueles

instantes, o ex-guerrilheiro Gabeira, desmerecendo mais uma vez sua biografia, posava como um vice virtual de Serra, já que o verdadeiro, o citado Índio da Costa, estava completamente desmoralizado.

"Vote num careca e leve dois"

Grandes Irmãos aflitos: Serra vai ou não vai? – Colunistas fazem um frila para cônsul americano – Chapa puro-sangue num país de mestiços! – Urano e Saturno faltam a encontro que elegeria Serra – Vice vira piada

A escolha do principal candidato a presidente pelas oposições, e de seu vice, havia sido uma novela. Policial. José Serra esperou o último minuto, do último dia do prazo legal, para dizer que era candidato, deixando aflitos os Grandes Irmãos – Folha, Estadão, Globo, Veja, Época, o Grupo RBS e outros irmãozinhos pequenos Brasil afora. Seus colunistas até abandonaram temporariamente a função de informar para se tornar conselheiros e incentivadores – “vai que é sua, Serra”. Parecia que era mesmo, pois ao raiar 2010 ele tinha 41% das intenções de voto contra 28% de Dilma Rousseff.

Só um ano depois se saberia, mas naquele início de 2010 os “colonistas” da Veja e do Globo, Diogo Mainardi e Merval Pereira, não só aconselhavam e incentivavam Serra, como eram informantes dos Estados Unidos, na pessoa do cônsul daquele país no Rio de Janeiro. Textos publicados em 10 de março de 2011 por Maria Frô e Miguel do Rosário, no blog Gonzum, mostram que Diogo e Merval embolsaram o ouro de Washington (se fizeram o serviço de graça, fica mais feio ainda). A notícia se baseou em telegramas do saite Wikileaks, repassados com exclusividade para um grupo de blogs, inclusive o Gonzum.

Os telegramas mostram que os leitores de Diogo e Merval estavam lendo gato por lebre. Os dois colunistas não eram colunistas, mas sim moleques de recado de José Serra. Já o cônsul ouviu gato por lebre. Mas os dois gatos, Merval e Diogo, não acertavam uma,

erravam todas na mosca. Seguem alguns exemplos, segundo o Wikileaks.

Em almoço privado dia 12 de janeiro [2010], o colunista político da revista Veja Diogo Mainardi disse ao cônsul que a recente coluna [de Mainardi] na qual propõe o nome de Marina Silva como vice na chapa de Serra foi baseada em conversa entre Serra e Mainardi, quando Serra disse que Marina seria a “companheira de chapa de seus sonhos”. Serra expôs as vantagens: a história de Marina e as impecáveis credenciais de militante da esquerda contrabalançariam a atração que Lula exerce sobre os pobres; e poriam Dilma em desvantagem na esquerda, ao mesmo tempo em que ajudariam Serra a superar o peso da associação com o governo FHC que Dilma usaria.

Serra falou, Diogo publicou como se fosse ideia sua.

Mainardi contou ao cônsul que o governador de Minas Aécio Neves disse a ele, no início de janeiro, que permanecia “completamente aberto” à possibilidade de concorrer como candidato a vice na chapa de Serra. Deu errado: Aécio estava era “completamente fechado” à hipótese de ser vice de Serra.

Apesar de Aécio dizer publicamente que concorreria ao Senado, Mainardi disse ao cônsul que ele planejava esperar um cenário no qual o PSDB o convidasse, por volta de março, para compor a chapa. Deu errado.

Para não atrapalhar o PSDB, Aécio comporia a chapa ao lado de Serra, na opinião de Mainardi. Deu errado.

Era a mesma opinião de Merval Pereira, do Globo, que se reuniu com o cônsul dia 21 de janeiro. Disse ao cônsul que conversou na véspera com Neves, que lhe disse estar “firmemente comprometido” a ajudar Serra fosse como fosse, inclusive como vice. Não se engana um pobre cônsul desta maneira.

Na opinião de Merval, uma chapa Serra-Neves venceria. Disse também acreditar que não só Aécio iria aceitar ser vice de Serra,

mas também que Marina apoiaria Serra num segundo turno. Tudo errado.

Em vez de ouvir os dois informantes, o cônsul faria melhor se lesse o *Conversa Afiada*, blog de Paulo Henrique Amorim, que carimbou os Grandes Irmãos como PIG, Partido da Imprensa Golpista. Paulo Henrique desde 2009 avisava: É mais fácil o Vesgo do Pânico ser presidente do que o José Serra. O Vesgo é um dos panacas do programa Pânico na TV, que se pretende de “humor”.

Naquele momento em que Merval e Diogo desinformavam o cônsul e seus leitores, o sonho da tucanada e da torcida instalada nas redações era que o vice fosse mesmo o neto de Tancredo Neves, o governador mineiro Aécio Neves, tucano como Serra. Diziam como se fosse um achado:

“Chapa puro-sangue!”

Não atinavam para o disparate, remeter às teorias de eugenia do III Reich, e justo num país de mestiços. Mas Aécio, neto de raposa, e raposa mineira, escapou a todas as armações. Reiterava que queria disputar a candidatura numa convenção, enquanto Serra usou a força da porção paulista do partido para um acordo de cúpula. Na pré-convenção em Brasília, dia 10 de abril de 2010, a platéia o recebeu com o coro de “Vice! Vice!”. Mas ao final do ato, como Aécio se mantivesse firme fora da chapa, e os jornalistas o questionassem ainda uma vez sobre quem seria um vice ideal para Serra, o mineiro apontou para a mestre de cerimônia:

“A Ana Hickmann.”

A modelo gaúcha, de 1m86 de altura e 1m20 só de pernas – as mais longas das passarelas brasileiras –, ficou enlevada. Entrevistada dias depois pela colunista Mônica Bergamo, da Folha, declarou que sonhava fazer um programa como o da negra Oprah Winfrey, entidade da televisão americana.

A data da pré-convenção, 10 de abril de 2010, do ponto de vista astrológico, garantia a eleição de Serra, segundo o astrólogo Oscar

Quiroga, do Estadão, que fez um frilazinho para a revista Veja. Quiroga é o papa das bolas de cristal. Ele previu, aconteceu. Escreveu na Veja de 21 de abril de 2010 que, considerando a notável coincidência de que no dia 10 de abril, quando sua pré-candidatura a presidente foi formalizada, o planeta Urano tenha atingido a localização em que o Sol se encontrava no momento do seu nascimento, mais o fato de que Júpiter também atingirá a posição de seu mapa natal no fim de maio e de setembro, o que é outro sinal positivo para seu desempenho como candidato à Presidência, seria tolice não arriscar a afirmação de que José Serra deve ser o próximo presidente do Brasil.

Pelo visto, Urano e Júpiter faltaram ao encontro marcado por Quiroga.

A busca do vice, já que Aécio dizia um não atrás de outro e Ana Hickmann era apenas uma piada, entrou na fase do "não tem tu, vai tu mesmo". Os tucanos se voltam para o aliado desde 1994, o DEM, ex-PFL, ex-PDS, ex-Arena. Os "demos" tinham em Brasília seu único governador, o igualmente careca José Roberto Arruda. Ele havia começado a voar alto na política justamente em 1994, eleito para o Senado pelo PP, o Partido Progressista de Paulo Maluf, e escolhido líder do governo FHC naquela Casa.

O ano, 2010, era propício: cinquentenário da capital federal; lembrava JK, obras, e obras era o que Arruda propagandeava. Ao lançar seu nome em setembro de 2009, Serra criou um lema:

"Vote num careca, e leve dois."

Pena que inventaram uma tal de câmera oculta.

O novo careca tem cabelo – falso

Arruda cai do galho – Novo vice, ex-locutor com voz de Alberto Roberto, dura 5 dias – A mídia lhe informou que EJ, vítima de quebras de sigilo imputados ao QG de Dilma, era amigo do juiz ladrão? – Nossa, que vice!

Falamos de novela policial. O político que Serra anunciou como candidato a vice não iria nos deixar na mão. Dois meses depois, em novembro de 2009, a Caixa de Pandora, que no mito grego se abre espalhando desgraças, em Brasília se fechou encerrando dentro dela Arruda e um bando de comparsas. Arruda vinha comandando um esquema de desvio de dinheiro para corromper deputados distritais e corromper a si mesmo. Era o chamado mensalão do DEM. Logo o DEM, o mais aguerrido denunciador do mensalão do PT em 2005. Mensalão este que, seis anos depois, seria desmentido no STF por seu acusador Roberto Jefferson. Alguém mostrou esse desmentido com o devido destaque?

Nunca antes na história deste país se viu coisa igual. Um governador no exercício do cargo filmado ao receber uma bolada de dinheiro. Ele, assessores, o presidente da Câmara Distrital, todos apanhados pela Operação Caixa de Pandora, da Polícia Federal, deflagrada em 27 de novembro de 2009. Um enfiou o dinheiro nas meias, outro no bolso interno do paletó, uma terceira na bolsa de mulher.

Num vídeo gravado em 2006 e divulgado no início de 2011, a própria filha do ex-governador do Distrito Federal Joaquim Roriz, a deputada federal Jaqueline Roriz (PMN-DF), entra numa sala com o marido, empresário Manoel Netto. Ela, muito safa, apenas admira o dinheiro, sem tocar. O marido é que abre o zíper de uma mochila e

Durval Barbosa, membro do governo Arruda, ali enfia um “paco” de quase um palmo de altura em notas de R\$ 50. Jaqueline não meteu a mão no dinheiro, só gastou. Ainda pergunta ao “pagador”:

“Você vê possibilidade de aumentar isso?”

Podemos chamar esta minissérie de Mensalão do Durval Barbosa, uma coprodução Polícia Federal-Durval Barbosa, dirigida por Durval Barbosa, roteiro e fotografia de Durval Barbosa, estrelada por Durval Barbosa e milionário elenco. Durval é ex-delegado de Polícia, metido em outras estripulias com dinheiro do povo no governo anterior, de Joaquim Roriz. Ao filmar Jaqueline, exercia o cargo de chefe da Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central, no primeiro ano do governo Arruda. O cineasta apesar de si mesmo aceitou gravar as cenas daquela farrá com dinheiro público a troco de punição mais leve para si próprio. A Polícia Federal investigava desvios da ordem de R\$ 100 milhões, quase o dobro, numa só unidade da Federação, do que envolveu o mensalão do PT, de dimensões nacionais.

Até fecharmos esta edição de *Crime de Imprensa*, o cineasta do *Mensalão do DEM* Durval Barbosa continuava vivo. E mais viva ainda Jaqueline, que os colegas de rabo preso com ela absolveram.

Arruda, o novo vice de Serra, fez o que todo larápio costuma fazer: negou tudo, disse que o dinheiro era para fins misericordiosos – comprar panetones de Natal para “famílias carentes”. Disse que não renunciaria ao cargo nem sairia do partido. Renunciou e saiu.

Reincidente. Oito anos antes, senador tucano, violou o painel da Casa durante o processo de cassação do colega Luiz Estêvão (PMDB), metido junto com o juiz Nicolau dos Santos Neto, o Lalau, no escândalo do desvio de R\$ 169 milhões na construção do prédio do Tribunal Regional do Trabalho de São Paulo. Arruda violou o painel eletrônico, junto com o então presidente do Senado Antônio Carlos Magalhães, para ver quem votava contra ou a favor de Estêvão. Apanhados, os dois tiveram de renunciar, para evitar a cassação de seus mandatos. Só que, antes de renunciar, Arruda jurou “pelos filhos” que era inocente.

Agora, teria de renunciar porque o povo brasileiro foi à rua, ocupou a Câmara, brigou com a polícia. E, em vez de ir discursar na convenção tucana, Arruda foi ocupar uma cela da Polícia Federal.

Mas a mando de quem Arruda violou o painel lá em 2001? Se fosse uma rodada de carteados, apostaríamos todas as fichas no nome de Eduardo Jorge Caldas Pereira, o EJ, ex-secretário-geral da Presidência da República, no governo FHC. Guarde bem este nome, que ele vai exercer muitos papéis nessa história. Era, por sinal amigo de Luiz Estêvão e do juiz Lalau.

Como não gostamos de nota de pé de página, vamos explicar aqui aos menos atentos que Lalau, além de rimar com Nicolau, é gíria brasileira para aquele gatuno “descuidista”, o que se aproveita da distração da vítima. Bem adequado apelido para Nicolau dos Santos Neto. A pátria mãe tão distraída não percebeu que o juiz Lalau estava enfiando a mão em sua bolsa.

Que turma! E os Grandes Irmãos da mídia deixando rolar. Apostamos que nove em cada dez leitores nossos jamais foram informados pelos Grandes Irmãos de que EJ, a “vítima” das quebras de sigilo junto com Verônica, filha de Serra, era amigo do Lalau e unha-e-carne com Luiz Estêvão.

O terceiro possível candidato a vice de Serra seria mais um careca, caso não usasse cabeleira postiça, implantada fio por fio: o ex-locutor, de voz impostada, que lembra o Alberto Roberto criado por Chico Anysio, senador paranaense, ex-governador de seu Estado que, depois de rodar por vários partidos, virou tucano.

Quando seus pares o escolheram como vice de Serra, ele preparava uma mamata para si mesmo: por ter sido governador do Paraná, pelo PMDB (1987-1991), pediu entrada na farra da aposentadoria, que alguns Estados brasileiros ainda permitem: ex-governadores fazem jus a pensão vitalícia – traduzindo: até morrer, o que pode em alguns casos estender-se a filho, filha, viúva etc. Álvaro Dias chegou a receber três pensões, a partir de novembro de 2010, no valor de R\$ 24 mil. Flagrado, diria que doou tudo para uma instituição de

caridade. Um dos recibos, ô falta de sorte, datava de um ano depois, novembro de 2011. Acabou abdicando do "benefício" depois de muita grita.

Álvaro Dias foi anunciado em 25 de junho de 2010 pelo tuíte do petebista Roberto Jefferson. Foram apenas cinco dias de Álvaro vice da nova chapa puro-sangue. Os "demos", que queriam a posição de vice de Serra, ficaram bravos e, no dia 30 de junho, praticando tiro ao Álvaro, acertaram na mosca.

Parece incrível, mas José Serra conseguiria um vice pior que Álvaro Dias e José Roberto Arruda somados.

Um vice de cabelos longos e ideias curtas

Ato mais irresponsável da sucessão segundo Jânio de Freitas – Queria punir quem desse esmola – Presidente careca, vice cabeludo – Entra para o partido que não é de direita, de esquerda, nem de centro, é “de fundos”

Índio da Costa tinha sido na juventude aquilo que os de língua destemperada chamam de “cocô-boy”, e o político gaúcho Leonel Brizola teria chamado de “bundinha”. Sua presença numa chapa em eleições presidenciais do Brasil foi um insulto à civilidade. E o que representaria para as instituições do país seria descrito de forma magistral pelo jornalista carioca Jânio de Freitas, na Folha de S. Paulo, dois dias depois das eleições em segundo turno do 31 de outubro de 2010:

Do que foi dito, ou não

Jânio de Freitas

NAS RESSALVAS ainda persistentes ao preparo de Dilma Rousseff para tornar-se presidente – algumas, de evidente seriedade, a maioria com os mesmos odores exalados durante a campanha eleitoral – remetem a um precedente já integrado à história e a duas constatações bem à mão.

As semelhanças entre o tratamento opositor dado a Dilma Rousseff e a Michelle Bachelet, que neste ano passou a Presidência do Chile a Sebastián Piñera, chegam a parecer original e reimpressão. Médica e ex-ministra, na campanha e antes da posse Bachelet foi submetida à insistência de ressalvas e contestações à sua experiência administrativa, à capacidade de enfrentar os problemas econômicos

que diziam avizinhar-se do Chile e ao traquejo para operar com as forças parlamentares. Era, lá, a antecipação de escritos e vozes do Brasil de hoje.

No Chile de tão forte direitismo, pesavam sobre Bachelet desconfianças de que sua Presidência teria as marcas das ideias socialistas com que era identificada e, de quebra, do ressentimento que lhe supunham: Bachelet também fora vítima da ditadura militar chilena. Lá, como cá.

Apesar de tantas semelhanças entre a ex-presidente e a eleita presidente, o passado de Michelle Bachelet nada prenuncia do futuro de Dilma Rousseff, mas nem por isso o registro é inútil: ao passar o governo, Michelle Bachelet vinha com 85% de aprovação, o maior índice já alcançado na América Latina. Justo tributo à sua Presidência de um país difícil.

Agora, as duas constatações. A primeira: todos os que apontaram falta de experiência administrativa em Dilma Rousseff – refrão que ecoou por mais de um ano – sabiam que ela chefiou o Gabinete Civil da Presidência desde a também notória demissão de José Dirceu, portanto, de 2005 a 2010. O Gabinete Civil é o centro nevrálgico da Presidência. Durante cinco anos, Dilma Rousseff esteve envolvida com todas as decisões administrativas da Presidência e, de algum modo, participou ou acompanhou as demais. É uma experiência de governo federal que nenhum outro candidato acumulou, nas eleições pós-ditadura e talvez também nas anteriores.

A experiência proporcionada por anos no Gabinete Civil não é garantia de alto desempenho no Gabinete Presidencial. Desde que a função seja exercida segundo o esperado, porém, não permite comparações, como conhecimento da administração federal, com anos no Ministério da Saúde, ou do Planejamento, ou outro ministério. Com prefeitura e com governo estadual, a comparação nem faz sentido, assim como ocorre à experiência de congressista. Se Dilma Rousseff falhar, não será pela carência que mais lhe pespegaram indevidamente.

Em complemento, o ato mais irresponsável de toda a sucessão presidencial foi dispensado de assédio pelo ímpeto das ressalvas e contestações. A existência de vice-presidente no sistema governamental é o reconhecimento de que o país está sujeito à falta imprevista do presidente. Há outras soluções possíveis, mas essa é a brasileira. E comprovou-se, para ficarmos na história recente, quatro vezes. Duas em apenas 20 anos de democracia entre a ditadura de Getúlio e a ditadura dos militares, com as posses dos vices Café Filho e João Goulart; e outras duas no atual regime, com José Sarney e Itamar Franco.

A escolha do vice em uma chapa presidencial ou governamental é, portanto, ato de extrema responsabilidade. Ou, pelo menos, de responsabilidade equivalente àquela de que o candidato principal se pretende portador. Mas o vice de José Serra deveria representar, a meu ver, o maior motivo de preocupação em todo o processo sucessório. Emplacado, como presença do DEM na chapa, sem que o candidato principal nem sequer soubesse de quem se tratava, Índio da Costa era um risco de calamidade na eventual ocorrência de um incidente impeditivo de José Serra, se eleito. Reconhecido como atrabiliário, violento, político recente, sem credenciais de talento especial ou maior competência, Índio da Costa – não por culpa sua – fez caber a José Serra o ato mais irresponsável e injustificável de toda a sucessão.

Sucessão, por sinal, que deixa muito a ser falado, de bom e, sobretudo, não.

Precisou um articulista, embora depois que o perigo passou, dizer em forma de crônica o que os repórteres, em vez de desnudar, esconderam. Ou, quando não esconderam, encarregaram-se disto os editores, publicando discretamente notícias que mostravam quem era mesmo Índio da Costa.

De sua condição de “atrabiliário e violento” denunciada por Jânio de Freitas, registremos que um dos maiores amigos de Índio é o

deputado federal Jair Bolsonaro, do PP fluminense, que promove o racismo, defende a tortura, quer a pena de morte; e, quanto a gays, incentiva os pais a espancar filhos com tais orientações sexuais. É de Bolsonaro a tese de que o PT está associado ao narcotráfico e às FARC, Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia; e de que o governo boliviano é conivente com o tráfico de cocaína para o Brasil – desta o Serra gostou, e usou na campanha. O amigo de Índio, quando integrava um grupo de jovens oficiais do Exército, durante uma campanha por aumento de vencimentos, sofreu uma Síndrome de Burnier: queria explodir o sistema de abastecimento de água do Rio de Janeiro. Diz-me com quem andas, que te direi quem és.

A reportagem dos Grandes Irmãos ignorou igualmente que Índio se envolveu em acidente de trânsito em junho de 2003. Um taxista o acusa de, transitando pela contramão, bater em seu taxi na Barra da Tijuca, quando voltava de passeio com a mulher e outros parentes. Índio, então secretário municipal de Administração de seu padrinho, Cesar Maia, fez o que qualquer “cocô-boy” faria: sumiu.

O taxista, Márcio Lopes de Carvalho, na época aos 33 anos, sofreu cinco fraturas nas pernas, que exigiram operação para implantar 16 pinos. Entrou com ação pedindo indenização de R\$ 80 mil, que provavelmente jamais receberá.

Você soube disto pelo seu jornalão preferido, pelo noticiário da rádio ou pelo telejornal da noite durante a campanha eleitoral de 2010? E ficou sabendo, pelos mesmos jornalões, rádios e telejornais, que Índio da Costa ganhou certa vez o apelido de Cacique Merendinha? Acontece que ele provocou uma CPI, Comissão Parlamentar de Inquérito, na Câmara Municipal do Rio, quando exercia o mesmo cargo de secretário de Administração: conduziu licitação de merenda escolar considerada fraudulenta. Você até pode ter visto ou ouvido algo, mas tão diluído que não percebeu.

Provavelmente também lhe escapou a informação de que o vice de Serra na campanha eleitoral de 2010, eleito em 2006 deputado federal, até ali tinha gasto R\$ 733,8 mil em verba indenizatória –

aquela verba de R\$ 15 mil mensais que o deputado pode gastar em transporte, comida, hospedagem, assinatura de periódicos, internet, consultoria, pesquisa. Para ser indenizado nos gastos, precisa apresentar notas fiscais.

Pois bem. Segundo a Transparência Brasil, organização autônoma e independente, para justificar R\$ 95 mil Índio apresentou notas da Moscatelli Manutenção em Serviços Digitais, que criou seu saite na internet. O valor é 31 vezes maior que a média de mercado para tal serviço – R\$ 3 mil.

Melhor nem falar do projeto de lei de sua autoria, mas falemos, faz parte do anedotário político carioca. Em seu mandato como vereador, Índio da Costa queria punir com multa quem fosse apanhado no delito de caridade: dar esmola. O projeto previa que os mendigos fossem recolhidos. Tal postura municipal faria o Rio retroceder um século, aos tempos do escrivão Isaías Caminha, personagem de Lima Barreto, autor do prefácio deste livro. Uma autoridade carioca, um Índio da Costa da época, queria prender quem andasse descalço nas ruas – medida com endereço certo: os negros, recentemente libertados, que ou não podiam comprar sapatos ou estavam acostumados a andar descalços, pois antes da Lei Áurea escravo apanhado de sapatos ia preso ou apanhava ou as duas coisas.

Você leu, ouviu ou viu na mídia durante a campanha algum perfil de Índio da Costa que nos desse ideia de sua cabeça tortuosa? Pois seu projeto lembra o “recolhimento” de mendigos no governo Carlos Lacerda, que depois apareciam boiando no Rio da Guarda, nos anos 1960. Uma ação da Secretaria de Serviços Sociais comandada por Sandra Cavalcanti, até hoje favorita do Clube Militar – ela certamente apoiaria o projeto de Índio.

Quem inventou o vice Índio da Costa foi Cesar Maia, junto com o marqueteiro de Serra, Luiz Gonzalez. Era de fato pura questão de marketing: um vice jovem, 39 anos, para um presidente quase setentão; Serra careca, Índio cabeludo; e, principalmente, o relator

da lei da Ficha Limpa, aprovada no embalo de um movimento que coletou mais de 1 milhão e meio de assinaturas. Como vimos, faz jus à expressão popularizada por Ciro Gomes: o relator da Ficha Limpa era mais sujo que pau de galinheiro. Em 2010, saiu do DEM e entrou noutro pau de galinheiro, o Partido Social Democrático – PSD -, sigla surrupiada da história do Brasil pelo prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab, que não é de direita, nem de esquerda, nem de centro. “Então só pode ser de fundos”, concluiu o jornalista Sebastião Nery.

Lula matou Jean Charles, e ouviu disparates

Mais soporífero na Academia – A colunista feliz entre a massa “cheirosa” – O fora do Robert Fisk da Barão de Limeira – Estadão transforma seu eleito em onipresente – FHC maconheiro é lindo; petista, caso de polícia

O artigo de Jânio de Freitas também ajuda a entender o tratamento hostil da oposição, e de boa parte dos colunistas da mídia, contra os dois governos de Lula; e depois contra o governo de Dilma, conforme vamos ver, antes mesmo que ela completasse a montagem de seu time. Esse enfiar de pés pelas mãos entorta as ideias, turva a visão. A uns, leva a querer mostrar serviço ao amo. Caso do colunista Merval Pereira, que assina soporíferos cartapácios na página 4 do Globo. Ele passou dois meses, de junho a agosto de 2010, tentando colar em Dilma um apelido depreciativo. Veja alguns exemplos:

De um lado, a candidata oficial, Dilma Rousseff, transformada pelo próprio Lula em sua “laranja” eleitoral. (15/6/2010)

Ela já era figura proeminente antes mesmo de surgir do bolso do colete de Lula para ser impingida ao eleitorado como sua “laranja” eleitoral. (6/7/2010)

...que o seu eventual primeiro mandato será o terceiro de Lula, o que pode transformá-la em uma mera “laranja eleitoral” do seu mentor. (16/7/2010)

... enquanto Dilma a cada dia valoriza mais o papel de "laranja eleitoral" de Lula. (11/8/2010)

Mas, como não é ele que concorre, e sim uma sua "laranja eleitoral"... (17/8/2010)

Não colou. Merval não tem carisma para colar epítetos ou apelidos nos outros. Desistiu da laranja. E candidatou-se à cadeira 31 da Academia Brasileira de Letras, que pertencia ao escritor gaúcho Moacyr Scliar, um mestre, morto a 27 de fevereiro de 2011. Competiu com o escritor baiano Antonio Torres. Tratando-se de um sodalício de "letras", e talvez pelo critério de quantidade de caracteres digitados por dia, Merval, escorado no Grande Irmão O Globo, a quem serve para denegrir gente como Lula e Dilma, será eleito: só no jornal, despeja até 6.000 caracteres diariamente, raro menos de 5.000, são mais de 120.000 por mês, dá uns 12 livros por ano cheios de letras.

O afã de Eliane Cantanhêde a levou a protagonizar constrangedora aparição em vídeo para a Folha Online, na convenção tucana em abril de 2010. Mais para animadora de auditório que para jornalista, dizia, desejosa de que fosse verdade, que Aécio Neves "finalmente" se mostrou inclinado a ser o vice de Serra. Ressaltando que os ônibus que levaram militantes a Brasília eram "novinhos", a colunista cripto-tucana, saltitante e faceira como tico-tico no fubá, saiu-se com esta confissão de nojo de povo:

"O PSDB parece até que virou um partido de massa", observou, "mas uma massa cheirosa."

Na revista mensal Piauí, de outubro de 2009, quando Dilma já se aproximava de Serra, devagar e sempre, ela com 16% e ele com 37%, a repórter Daniela Pinheiro publicou reportagem, Serra na

hora da decisão. Ali, possivelmente pela primeira vez se viu em letra de forma notícia de uma compulsão do candidato: mania de lavar as mãos. De preferência com álcool. E principalmente depois de contato com a massa não-cheirosa. A repórter acompanha Serra até o jatinho do governo paulista quando ele volta do Rio para São Paulo e a primeira coisa que faz, ao sentar, é pegar “um frasco de álcool, à sua disposição no bolsão do assento do passageiro”. Então limpa as mãos.

No Youtube, na época da convenção de Brasília, circulava um vídeo que mostrava Serra se debruçando de um palanque, tomando a mão de uma mulher do povo e beijando a própria mão dele, não a dela – um contraponto saboroso à observação de Eliane sobre massa cheirosa. Sua colega Danuza Leão, comentando a festa de gala pelos 90 anos da Folha, em 27 de fevereiro de 2011, reclama que, tão logo discursou, “a presidente simplesmente se levantou e saiu, seguida do seu séquito”. Concluiu que “foi uma grande indelicadeza”. A socialaite queria o quê? Que a presidente ficasse ali de tapetinho dos Frias? A presidente tem mais o que fazer.

A alguns, o pensamento desejoso leva à indignidade de anunciar o passamento de quem está vivo, como fez a Folha.com noticiando em 24 de setembro de 2010 a morte do senador Romeu Tuma, com dois dias de antecedência – no afã de ajudar a candidatura do tucano Aloysio Nunes Ferreira para o Senado. A outros, o açodamento leva a perder norte, sul, leste, oeste. Aconteceu durante o Jornal da Globo de 27 de agosto de 2010, que exibiu uma entrevista com a candidata Dilma Rousseff na qual ela se defendia de acusações de Serra, de que partia dela a ordem para quebrar sigilo fiscal de tucanos. A futura presidente iniciou sua fala dizendo:

“Uma acusação sistemática que ele tem feito...”

O apresentador William Waack esqueceu que estava com microfone ligado e mostrou a milhões de telespectadores seu baixo nível de profissionalismo e temperança. Gritou no ar, cobrindo a voz de Dilma:

“Manda calá a boca!”

E o açodamento levou o colunista Clóvis Rossi, em 2005, a cometer a melhor de suas “barrigas”.

Estava Lula a pouco mais da metade de seu primeiro mandato. Em Londres, no dia 22 de julho, policiais da Scotland Yard tinham cometido o mais perfeito acidente de sua história: mataram com oito tiros na cabeça, usando armamento proibido pela Convenção de Haia, o eletricitista Jean Charles de Menezes, jovem brasileiro que confundiram com um muçulmano suspeito de terrorismo. Em sua coluna da Folha de S. Paulo, apenas quatro dias depois, no exemplar de 26 de julho de 2005, Clóvis Rossi já havia descoberto os culpados: o PT e Lula. Não estamos exagerando. Leia com seus próprios olhos:

As digitais do PT em Londres

Clóvis Rossi

SÃO PAULO – Assim que soube que era mineiro o brasileiro morto no metrô de Londres, em “trágico” equívoco, voltei mentalmente a Oxford em novembro de 2002.

Estava cobrindo a outorga ao então presidente Fernando Henrique Cardoso do título honoris causa da legendária universidade da

cidade. Na manhã seguinte, no hotel em que me hospedei, trombei com duas mocinhas, também mineiras, penando na faxina.

Contei essa história à época. Lembro-me de ter perguntado o que faziam naquele fim de mundo (visto do Brasil, claro), num frio de rachar. Resposta de uma delas:

“O senhor sabe que eu nem sei? Queria tanto um solzinho.”

Pois é, aumenta dia a dia o número de brasileiros que fogem do generoso sol tropical em busca do sol da esperança lá fora.

Em tese, a eleição de Lula, que já havia ocorrido quando topei com as mineirinhas perdidas em Oxford, deveria ter trazido o sol da esperança para estes tristes trópicos.

Mas, no domingo, no “Fantástico”, um parente ou amigo (não deu para anotar) de Jean Charles de Menezes, o morto no metrô, reclamava providências do governo para que outros brasileiros não precisassem mais fugir em busca da esperança.

São tantos que, sempre segundo o “Fantástico”, o número dos que foram pegos, só neste ano, na tentativa de chegar aos Estados Unidos, via México, supera a marca registrada nos 13 anos anteriores.

É justo dizer que no revólver que matou Jean Charles estão também as digitais do PT e de seu governo, incapazes de criar a esperança que o mineiro foi procurar tão longe.

De ricochete, as balas atingiram igualmente o slogan “a esperança venceu o medo”, mais um caixa dois do PT e de seu governo.

O jornalista americano Hunter Thompson recomendava que, “quando as coisas ficam estranhas, usem o fato a seu favor”. O Robert Fisk da alameda Barão de Limeira usou os fatos contra si

próprio. Pois, para começo de conversa, o infelicitado brasileiro Jean Charles havia de fato perdido as esperanças, mas, lamentavelmente para Clóvis, isto havia acontecido no apagar das luzes do governo anterior, de seu ídolo FHC. Jean Charles partiu para Londres, com visto estudantil, em 2002, aos 24 anos, ao cabo de oito anos de governo tucano, que deixou o Brasil em pandarecos, endividado, com o desemprego nas alturas, refém do Fundo Monetário Internacional, o FMI.

E mais: FHC era o presidente do Brasil apenas “nominalmente”. Vamos citar outro jornalista americano, Greg Palast, autor de *A Melhor Democracia que o Dinheiro Pode Comprar*, que, para não dizer besteira, antes de escrever faz o que todo jornalista faz – investiga:

Quando era menino, o secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Robert Rubin, sonhava ser presidente do Brasil. E em 1999, seu sonho se realizou. É claro que, como tem endereço em Washington e nacionalidade americana, Rubin conquistou o controle do Brasil da única maneira que podia: por intermédio de um golpe brilhante.

Em outubro de 1998, o presidente nominal do Brasil, Fernando Henrique Cardoso, foi reeleito para o cargo por um único motivo: tinha estabilizado o valor da moeda brasileira e, portanto, contido a inflação. Na verdade, não tinha. O real brasileiro estava ridiculamente supervalorizado. Mas, com a aproximação das eleições, sua taxa de câmbio contra o dólar simplesmente desafiava a lei da gravidade. Esse milagre levou Cardoso à linha de chegada com 54% dos votos.

Mas não existem milagres.

Quinze dias depois da posse de FHC, o real despencou e morreu. Seis meses depois da eleição, ele tinha aproximadamente a metade de seu valor no dia da eleição. A inflação estava aumentando e a economia implodindo. A taxa de aprovação de Cardoso, que se

revelou um incompetente e uma farsa, caiu para 23% do eleitorado. Tarde demais. Ele já havia colocado a presidência no bolso.

Quer dizer, mais ou menos. Não restava muito da presidência de Cardoso além do título. Todas as políticas importantes, do orçamento ao emprego, são ditadas pelo Fundo Monetário Internacional e seu órgão irmão, o Banco Mundial. E por trás deles, dando as cartas, estava o secretário do Tesouro, Rubin, que governou de fato como presidente do Brasil, sem precisar perder uma única festa em Manhattan. Mas esse é o preço que Cardoso pagou pelos serviços de Rubin na campanha eleitoral. Pois foi o secretário do Tesouro quem, junto com o FMI, manteve a moeda brasileira alta.

Esse tipo de história os Grandes Irmãos não contam. Como você leu antes do trecho acima, do jornalista Greg Palast, Clóvis Rossi começa seu texto alçando FHC aos píncaros da glória acadêmica e termina rebaixando Lula a simples cúmplice de um assassinato. É a técnica usual de uma rede de pequenos assassinatos de reputações, desenvolvida pelos Diogos Mainardis, Mervais Pereiras, Di Francos, Gullares, Reinaldos Azevedos, Mauros Chaves, Robertos Pompeus de Toledos, Elianes Cantanhêdes, Doras Kramers, Mirians Leitões, Arnaldos Jabores etc.

A técnica consiste na repetição da mentira tantas vezes quanto necessário para virar verdade. Um uso aberrante da tese de Karl Marx, de que excessiva quantidade acaba gerando qualidade – boa ou ruim.

Essa turma continua nos tempos da Guerra Fria. Olha o nome de um dos programas: *Manhattan Connection*. Nem se dão ao trabalho de criar um nome em língua nativa. E pensam em inglês – com sotaque americano. Apontamos na orelha como se rendem a cabelos loiros e olhos azuis, chamando terrorista norueguês de “atirador da Noruega”. Este livro estava na gráfica quando se deu o décimo

aniversário do 11 de Setembro. A Globo News (*news*, e não *notícias*) dedicou o dia inteiro à efeméride, como se os terroristas de 11 de setembro de 2001 tivessem pulverizado o Corcovado, com Cristo e tudo. Despacharam o âncora André Trigueiro para Nova York, a fim de ancorar aquela overdose de patriotismo com a bandeira de estrelas sobre fundo azul e listrada de vermelho e branco.

Então não causa surpresa que todos os Grandes Irmãos tratem a invasão do Iraque como "guerra". Como tratarão de "guerra" uma cada vez mais possível agressão ao Irã, seguindo a velha receita: criam ameaças falsas, fogem ao diálogo, tentam isolar o país, promovem hostilidades. O Iraque, ao contrário do que Bush espalhou, e a mídia ocidental em peso engoliu, jamais teve arsenal de destruição em massa. Foi invadido, saqueado, destruído. Mais de um milhão de iraquianos morreram, contra apenas 4.500 mercenários assassinos a serviço de Tio Sam. E a nossa mídia murdoquizada chama isso de "guerra".

A fobia, transplantada para a América Latina, espalha Sylvias Colombos pelo continente latino-americano a fim de carimbar como populistas, ditadores, malucos, perseguidores da "imprensa independente" os governantes que os povos elegem nos conformes da democracia inventada pelos próprios Estados Unidos. E sua entidade-mor, a SIP, Sociedade Interamericana de Prensa, usa sigla do nome em castelhano, mas bem escondidinho numa apresentação em seu saite, entrega seu verdadeiro endereço: 1801, SW 3rd Avenue, Miami, FL 33129, USA. O que indica a qual verdadeiro amo estão servindo.

A torcida fanática por um dos candidatos só pode produzir bobagens. Já havia acontecido em 2002 com o mesmo Serra, que enfrentava um candidato do mesmo PT, Lula. No dia 20 de setembro, sexta-feira, no fim da tarde, a Agência Estado põe na internet esta nota:

CORREÇÃO

São Paulo – Por erro técnico, a Agência Estado veiculou hoje, às 13h07m, em seu site na Internet, texto relatando uma suposta visita do candidato à Presidência da República José Serra à cidade de Palmas, capital do Estado do Tocantins. A visita, que constava da agenda do candidato, não existiu: foi cancelada à última hora. A repórter enviada ao Tocantins redigira um texto preliminar, com embargo interno, com o propósito de deixar arquivadas no sistema as informações que já colhera no local, enquanto aguardava a chegada do candidato. Após a visita do candidato, que acabou não acontecendo, as imperfeições do texto seriam corrigidas e dariam lugar ao relato fiel dos fatos em versão definitiva.

A Agência Estado se penitencia pelo erro e pede desculpas aos seus leitores pelas informações equivocadas divulgadas pelo site estadao.com.br. A Agência Estado informa ainda que tomou todas as providências cabíveis neste caso para evitar que esse tipo de erro se repita.

A desculpa tentava esconder uma fraude. Em 20 de setembro de 2002, faltando 16 dias para o 6 de outubro, domingo das eleições, votação do primeiro turno, passados sete minutos de uma da tarde, a Agência Estado divulga a chegada de Serra a Palmas, capital do Tocantins, a efusiva recepção no aeroporto, os políticos que lá estão. Naquela hora, porém, Serra encontra-se em São Paulo, vai gravar para seu programa eleitoral nos estúdios da produtora.

Submete-se à maquiagem e, ao mesmo tempo, segundo a AE, a 1.500 quilômetros é recebido pelo governador tocantinense Siqueira Campos, do PFL, que veio da Arena da ditadura e viraria DEM. A reportagem de Renata Giraldi tinha por título Governo do TO reúne aliados para receber Serra. Enquanto o candidato real vai para o estúdio paulistano, o candidato virtual vive momentos felizes, segundo a AE: “Em clima de vitória, o governador do Tocantins, Siqueira Campos (PFL), reuniu os principais aliados para recepcionar

o candidato da Grande Aliança (PSDB-PMDB) à presidência, José Serra.”

Em São Paulo, ele grava e regrava textos para a reta final do primeiro turno. Em Palmas, acena para multidões nas ruas, desfilando em carro aberto com o governador, na carreato “que passou pelas principais áreas da cidade, pelo bairro de Aurenny (um dos mais pobres), e a avenida principal”.

No estúdio, Serra pede uma água. Na capital do Tocantins, durante a visita, “Siqueira Campos arregimentou 134 dos 139 prefeitos do Estado e os demais candidatos ao governo e ao Senado em torno do tucano”.

Serra, com seus marqueteiros, escolhe as melhores falas e, simultaneamente, em Palmas, fala para 20 mil pessoas.

Por causa de um temporal, Serra cancelou o voo para Tocantins. Mas, graças ao Estadão, durante 4 horas e meia tornou-se onipresente.

Um jovem, José Rodrigues Jr., conhecido como Junior, que trabalhava na campanha de Ciro Gomes, viu a notícia. Sabendo que Serra gravava ali perto, comunicou sua estranheza aos superiores. Um deles, Ruy Nogueira, recebeu uma ligação de Heleno de Freitas, editor-executivo do Estadão.

“Era uma matéria de prateleira”, disse ele.

As desculpas que saíam do Grupo Estado tornavam o caso cada vez mais cômico. O diretor da redação de Brasília, João Bosco Rabelo, atribuiu tudo a um “acidente”, que, se acontecesse com Lula, poderia custar-lhe a vitória, tamanho seria o escarcéu que os Grandes Irmãos fariam.

Bosco Rabelo deu uma aula sobre jornalismo nos tempos da informática. O esquema que a Agência Estado adota no caso de eventos tardios é o seguinte: depois de apurar tudo, o repórter escreve um "texto bruto" que vai para a "gaveta prévia". Acabou o evento? O repórter envia informações finais. Bosco garantia que no comício do Tocantins o clima de festa existiu, assim como a gigantesca manifestação preparada para receber Serra, embora em Palmas ninguém se lembre de fatos tão inesquecíveis.

Quando não cedem ao açodamento, vão procurar chifre em cabeça de cavalo. E foi assim que na Folha alguém amanhece com a instigante ideia de pauta: os pais de Dilma eram búlgaros. Ora, sabe-se que a Bulgária, com o fim da chamada Cortina de Ferro, ou mundo socialista, se tornou como que um Estado delinquente. Tirando alguns gênios da indústria eletrônica, vocação para a qual despertou por uma distribuição de atribuições dentro do "campo socialista" imposta por Moscou, e tirando alguns gênios do violino, vocação possivelmente passada através de gerações de ciganos, na Bulgária – pensou o autor da pauta – com certeza absoluta todos os ovos são peludos. Um repórter voltará de lá cheio de pelos da marca Rousseff: tio de Dilma contrabandista de carro, primo ligado ao tráfico de drogas, meio-irmão contrabandista de armas. E para lá despacharam Vaguinaldo Marinheiro só. Que de lá voltou sem um mísero pelinho marca Rousseff.

A busca de chifre em cabeça de cavalo não pode parar, nem depois das eleições. Em 17 de abril de 2011, o repórter Filipe Coutinho, de Brasília, cavou a seguinte manchete para a Folha de S. Paulo:

Deputado do PT defende plantio de maconha

O deputado Paulo Teixeira, então líder do PT na Câmara, havia falado quase dois meses antes num debate, em São Paulo, a 24 de fevereiro. Ele propôs o modelo da Espanha, onde cooperativas de

maconheiros plantam para uso próprio e com fins não-lucrativos. A posição de Paulo Teixeira foi apontada numa manchete ambígua, que gerou reação dos conservadores. E sua posição está aquém da posição de Fernando Henrique Cardoso, que propõe a descriminalização não só da maconha, como de todas as outras drogas proibidas. No entanto, enquanto o petista foi praticamente “alcaguetado”, FHC foi, na mesma Folha, pouco mais de um mês depois, recebido com tapete vermelho. Dizia a chamada na página de Mônica Bergamo, no caderno Ilustrada:

FHC defende em filme a descriminalização de todas as drogas, o acesso controlado a entorpecentes leves e admite até a plantação caseira de maconha no Brasil como forma de combater o tráfico.

A jornalista comete uma impropriedade comum aos que desconhecem “drogas”: nada menos entorpecedor que maconha, cocaína e outras drogas proibidas. Abaixo, outro texto enaltece FHC antes da entrevista:

Há três anos, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso se juntou a personalidades como os ex-presidentes César Gaviria, da Colômbia, e Ernesto Zedillo, do México, e aos escritores Paulo Coelho e Mario Vargas Llosa na Comissão Latino-Americana sobre Drogas e Democracia. Passou a defender a descriminalização do consumo de entorpecentes. E transformou sua “saga” no filme “Quebrando o Tabu”, de Fernando Andrade, que estreia na sexta, 3. Visitou 18 cidades da América Latina, EUA e Europa, foi a bares que vendem maconha, viu pessoas se drogarem nas ruas.

E pelos mesmos detratores de Paulo Teixeira, FHC passou a ser tratado como estadista, moderno, ao lado de grandes nomes

mundiais, homem de cabeça avançada.

Dissemos na orelha que este é um “livro impossível de pôr um ponto final”. Eis a razão pela qual esta segunda edição sai revista e ampliada. Como ignorar fatos como os que seguem?

No dia 9 de dezembro de 2011, sexta-feira, celebrou-se o Dia Internacional Contra a Corrupção, promovido pela ONU, Organização das Nações Unidas, com eventos em várias cidades do Brasil e do Mundo. No mesmo dia, o jornalista Amaury Ribeiro Jr. lançou um livro bem adequado à data, *A Privatária Tucana*, pela mesma Geração Editorial que lançou em 2009 nosso *Honoráveis Bandidos – Um retrato do Brasil na era Sarney*.

Em seu livro, Amaury mostra que as privatizações da era FHC proporcionaram a tucanos-do-bico-grande fortunas em escala bilionária, eis que movimentaram algo em torno de R\$ 74 bilhões. Entre outros, o jornalista arrola: Gregório Marin Preciado, amigo de José Serra e casado com uma prima dele; Verônica Serra, filha de José Serra, e seu marido Alexandre Bourgeois, acusada aquela, entre outras coisas, de ter empresas em paraísos fiscais em sociedade com Verônica Dantas, irmã de Daniel Dantas, do Banco Opportunity; Ricardo Sérgio de Oliveira, ex-diretor do Banco do Brasil e figura crucial na privatização da Vale do Rio Doce e das empresas do sistema Telebras, quando foi flagrado dizendo que agiram “no limite da irresponsabilidade” – este é acusado de receber em sua conta depósitos de uma empresa de Carlos Jereissati, que arrematou a Tele Norte Leste, hoje Oi; e, está claro, os tucanos-mores FHC e José Serra.

O que deve fazer num dia como aquele o pauteiro de uma publicação de alcance nacional? O cavalo, como dizem os gaúchos, passava arreado e nos trinques. Era pegar os melhores repórteres e mandar apurar um dos casos narrados no livro. E o que se viu? Simplesmente abduziram as maiores falcatruas da história recente deste país, bem como não deram trela ao livro que as denunciava –

o qual passou mais de uma semana ignorado por todos os colunistas dos Grandes Irmãos. Um dos mais clamorosos crimes de imprensa na história do nosso jornalismo.

Tinham diante de si uma floresta amazônica de bandidagens e, com uma lente potente como o telescópio Hubble, procuravam um galinho rasteiro. Estavam, todos eles, aos batalhões, naquele Dia Internacional Contra a Corrupção, caçando um ministro e amigo de Dilma Rousseff “acusado” de ganhar R\$ 2 milhões dando palestras e consultorias, durante um período – fique bem claro – em que não exercia nenhum cargo público. Dois pesos e duas medidas: os caçadores de corruptos se ocupam por semanas com petista enrolado em R\$ 2 milhões, enquanto na área tucana os milhões se multiplicam por mil ou mais. Por exemplo: entre 1998 e 2002, Gregório Preciado depositou 2 bilhões e meio de dólares na conta de Ricardo Sérgio de Oliveira, informa e prova com documentos o livro que Serra temia.

Este, porém, não é um livro sobre corrupção, mas sobre como a mídia a trata, com seu Instituto de Dois Pesos e Duas Medidas. Os mesmos colunistas e comentaristas que desancaram Pimentel, pedindo sua cabeça durante duas semanas, silenciaram diante do livro de Amaury e suas acusações. “O maior inimigo da moralidade não é a imoralidade, mas a parcialidade”, escreveu na *Folha* o filósofo Vladimir Safatle a 20 de dezembro de 2011, acusando que, quando se julga casos semelhantes por medidas diferentes, “os gritos moralizadores” soam como “astúcia estratégica submetida à lógica do *para os amigos, tudo; para os inimigos, a lei*”.

No campo moral estamos, portanto. Desancaram Pimentel, entre outros, o jornalista Elio Gaspari, sobre quem outro colega contou-nos ilustrativo episódio. Trabalhavam na *Veja* na época da ditadura militar. O colega que assistiu à cena caminhava pela redação e, ao passar pela sala do editor Elio Gaspari, ouviu-o dizer ao telefone: “Mas, general, se eu tirar esta foto, quem é que eu vou pôr na

capa?" Elio, italiano de nascimento, chama nosso país de Pindorama e nosso povo de chusma, escumalha, patuleia e outros sinônimos de ralé. Quem fechava a principal revista semanal do país consultando um general, e demonstra desprezo por nossa terra e nossa gente, e zomba de nossa terra e nossa gente, tem moral para dar um pio sobre a moralidade alheia?

E que dizer de quem escrevia editoriais para derrubar Jango e, findo o regime militar, obteve polpudos benefícios da "bolsa ditadura"? Falamos de Carlos Heitor Cony (veja também capítulo 14). Cony também não tem moral para dizer, sobre o fato de Dilma Rousseff não demitir Pimentel, que "alguma coisa está errada", como fez a 18 de dezembro de 2012.

Metáfora de Lula: bolinha = sinalizador

Capítulo bem divertido – SBT mostra bolinha atingindo o alvo – Globo diz que houve uma agressão petista – Internautas criam jogo: teste sua pontaria, tentando acertar a careca de Serra – Lula lembra goleiro Rojas

Voltemos ao caso da bolinha de papel, dez dias antes da votação do segundo turno, porque tem mais diversão à vista. À noite, o episódio ganha no Jornal Nacional, da Rede Globo, cores de um atentado petista. A âncora Fátima Bernardes entra no ar ao lado do marido William Bonner. Ele mostra o perfil no ar, olhando para sua mulher ao lado, que diz:

“A atividade de campanha do candidato do PSDB José Serra foi interrompida hoje no Rio depois que ele foi agredido num tumulto iniciado por militantes do PT.”

O repórter André Luis Azevedo começa a reportagem dizendo que as câmeras registram o momento em que Serra foi atingido por “uma bobina de fita crepe”.

Detalhe: não mostram as imagens em movimento da tal bobina, apenas uma imagem parada, uma foto da Agência O Globo, de Serra com as duas mãos sobre o lado esquerdo da cabeça. A bolinha de papel tinha atingido o lado direito.

Prossegue o repórter, compungido, dizendo que Serra cancelou seus compromissos no Rio depois da “agressão”. Falou-se em pedra, rolo

de papel, por fim os jornais, a Globo e os portais de notícias fecharam com o rolo de fita adesiva.

Pena que o SBT mostrou, no mesmo horário nobre, com nitidez desmoralizante, o voo da bolinha anônima, em reportagem de Marco Alvarenga. No SBT, vemos como a bola de papel bate na cabeça de Serra, vemos como ele nem se abala, apenas olha para o chão tentando localizar o mínimo objeto que o atingiu.

Em minutos, o “atentado” virou piada mundial na internet. Um jogo “online” se inspirou no acontecimento e propunha aos internautas:

Teste sua pontaria atirando bolinhas de papel no candidato José Serra. Mova o mouse para os lados para apontar e quando Serra aparecer, clique para jogar as bolinhas e marcar muitos pontos.

Mas a Rede Globo não se curvaria, como veremos.

O presidente Lula criou uma das metáforas mais incômodas para seus adversários em todos os oito anos de seus dois mandatos. Comparou a reação de Serra à do goleiro Rojas, da seleção chilena. Vale a pena ver de novo.

Na tarde de 3 de setembro de 1989, Brasil e Chile se enfrentam no Maracanã pelas eliminatórias para a Copa de 1990 na Itália. Estamos ganhando por 1 a 0 e jogando por um empate que já nos classificaria quando entra em cena uma mocinha chamada Rosinery Mello, de 24 anos, que assiste ao jogo nas arquibancadas. Rosinery – dita “a Fogueteira” – vai ganhar fama efêmera, vai aparecer na televisão, dar entrevistas, posar nua para a Playboy. E voltará ao anonimato de dona de casa e proprietária de bar em Araruama, Região dos Lagos fluminense, onde jornalistas a encontrarão em 2009, vigésimo aniversário de seu feito, e onde tão moça, aos 45 anos, a morte a colherá, atacada por um aneurisma.

Aos 24 minutos do segundo tempo, de brincadeira, Rosinery lança um sinalizador de marinha na direção do campo. O artefato estoura justo ao lado de Rojas, que se lança ao chão. Ele tira de dentro da luva uma lâmina, corta o supercílio esquerdo, suja a camisa de sangue e finge que o foguete o atingiu. Que presença de espírito.

O Chile se retirou de campo, o juiz encerrou a partida e os brasileiros ficaram como ficariam 21 anos depois: em suspense. Em 1989, sem saber se o Brasil tricampeão do mundo se classificaria para a Copa seguinte. E agora, em 2010, sem saber se a pantomima da bolinha de papel, hiperdimensionada pela mídia quase inteira contra Dilma, resultaria enfim numa virada de José Serra.

Em 1989, descoberta a mutreta dos chilenos, o Brasil se classificou. Era a bolinha de papel de Rojas. E em 2010, como Lula sacou, a bolinha de papel lançada por um anônimo seria, para José Serra, o que significou o sinalizador da Fogueteira para Rojas. A farsa do goleiro lhe custaria o banimento do futebol por dez anos, mas, anistiado, fez carreira vitoriosa no São Paulo Futebol Clube, levando-o, como técnico, de volta à Libertadores da América. Já a farsa de Serra lhe custaria punição nas urnas. E é possível que ele nunca mais se livre da bolinha.

Quase um mês depois de sua derrota para Dilma na votação de 31 de outubro de 2010 – na noite de 21 de novembro, um domingo – ele convidou FHC para ver o show de Paul McCartney no estádio do Morumbi, São Paulo. Quando a multidão o reconheceu na área VIP, prorrompeu num coro:

“Bolinha de papel! Bolinha de papel!”

Serra teve de se retirar da frente do público, apesar de não correr risco algum: era proibido naquela noite entrar no estádio com jornais, revistas ou papel, em rolo ou de qualquer outro tipo.

Mirou no que viu, acertou no que não viu

Batalha de celulares e soco no sócio da produtora – Globo insiste e traz perito em fonética! – Depois da bolinha, diz o perito, veio o rolo de durex – Bonner, o âncora, tuíta “orgulho”; na sucursal paulista é vaiado

O último fim de semana antes das eleições para o segundo turno, a realizar-se no 31 de outubro de 2010, decorreu em clima de aflição, angústia até. Cremos que para os dois lados. A tensão fazia estalar nervos. Em Curitiba, na quinta-feira, dia 21, um anônimo paranaense atirou do alto de um edifício um balão de borracha cheio de água sobre o jipe aberto em que Dilma Rousseff desfilava, ao lado de Lula. O balão se esborrachou no capô do carro espalhando água para todo lado. Ao contrário de Serra, Dilma não se fez de vítima.

“Quando me jogam água, eu me esquivo”, disse ela numa entrevista.

No fim da tarde da quinta, explode um bate-boca carregado de palavrões numa das edificações da Quanta Centro de Produções Cinematográficas de São Paulo Ltda. A Quanta aluga armazéns adaptados para produções de cinema e televisão, no número 930 da rua Mengenthaler, perto do Ceagesp, a central paulistana de abastecimento na zona oeste da cidade. Num dos armazéns, muito bem equipados, instalou-se para a campanha de Serra a produtora GW, que nasceu num ninho de tucanos em 1991. Seus fundadores,

os jornalistas Woile Guimarães, Gilnei Rampazzo, Wianey Pinheiro e Luiz González, haviam trabalhado na campanha de Mário Covas à presidência da República em 1989. Colecionaram várias vitórias para os tucanos, mas naquela tarde de quinta-feira a viola parecia em cacos.

O pessoal que trabalhava no rés do chão ouviu a troca de improperios pelo telefone interno. Havia duas alas separadas na parte alta do armazém, às quais duas escadas davam acesso. De um lado, berrava Woile Guimarães, do outro o executivo Danilo Pelasio. Os berros cessam e imediatamente Woile, um homem vigoroso e sanguíneo aos 71 anos, desce a escada da direita e, em marcha batida, sobe a da esquerda. Entra na sala de Danilo, prepara o murro, e desfere. Danilo, rápido como um boxeador, se esquiva. E o murro de Woile acerta no que ele não viu: Bruno, filho de seu sócio González. Era o ápice da crise da bolinha de papel – na véspera, dois produtores travaram uma breve batalha na qual usaram seus celulares como projéteis.

Poucas horas depois, o Jornal Nacional vem com a matéria que pretende provar de uma vez por todas que José Serra de fato sofreu foi um atentado. Praticado por petistas. Põem no ar um conhecido perito especializado em fonética forense, Ricardo Molina, para tentar provar que, depois da bolinha, outro objeto atingiu Serra. A cena, do ponto de vista jornalístico, é grotesca. Se o objeto que atingiu a careca de Serra fosse um gravador de som, até faria sentido chamar um bambambã da fonética. Mas, vá lá. O especialista em fonética segurou uma bolinha de papel numa mão e, na outra, um rolo de fita adesiva.

“São dois eventos completamente diferentes”, dizia o homem, muito sério e compenetrado, “um é o evento bolinha e o outro é o evento rolo de fita.”

A imagem que amparava a farsa desta vez era uma foto desfocada, feita com celular no meio da confusão por um repórter da Folha. Aparece uma mancha perto da careca de José Serra, que tanto poderia ser um raio de luz, o raio laser disparado por um ET de um disco-voador ou o raio que o parta. Em todo caso, era um avanço da Globo rumo à longínqua verdade: a bobina da véspera já era um simples rolo de fita adesiva. Um durex.

Noutros tempos, o âncora Cid Moreira, que em dias de muito calor apresentava o Jornal Nacional trajado a caráter da cintura pra cima e metido em bermudas da cintura pra baixo, tão logo se despedia dos telespectadores dirigia-se para uma saleta do jornalismo. De uma mesa, fazia uma ligação e engatava um papo de meia hora para a mulher, que ele encontraria dali a minutos. William, já que apresenta o JN junto com a mulher, adota outro hábito. Diz até amanhã e passa a disparar tuítes para seus "sobrinhos", mais de 2 milhões. Naquela noite, entusiasmado com o achado de pôr um especialista em fonética para periciar imagens mudas e sem foco, tuitou uma única palavra: Orgulho. Com linque para a sobrinhada ver a lambança que havia exibido e que, na sua cabeça de Homer Simpson, tinha decidido a eleição em favor de Serra.

A 400 quilômetros de distância, na produtora GW, a equipe de produção e criação tinha assistido aquilo constrangida, pressentindo o efeito desastroso da presepada. No outro lado da capital paulista, os jornalistas da sucursal da Globo estavam acachapados, envergonhados mesmo; teve gente que vaiou.

William Bonner foi dormir com a sensação do dever cumprido, sonhando com as férias que ali vinham e que ele gozaria na África do Sul, onde seria fotografado para a capa da revista da desintelligentsia: Caras.

Expectativa nervosa: cadê a bala de prata?

Petistas e tucanos em suspense temem que carreatas se encontrem no meio do caminho – Onde estão os machos selvagens?, pergunta a atriz serrista – Dilmistas escolados em velhas campanhas esperam a tal bala de prata

Domingo se temia sangrento, o 24 de outubro, uma semana faltando para as eleições do segundo turno. O PSDB havia programado carreata em Copacabana, zona sul carioca; e o PT, caminhada e comício no bairro da bolinha de papel, Campo Grande. Sangue só interessava aos tucanos.

Não faltou quem especulasse: um cadáver de tucano, mesmo sem expressão, seria fatal para Dilma. Outros lembraram o atentado da rua Toneleros contra Carlos Lacerda, na madrugada de 5 de agosto de 1954, que levou o presidente Getúlio Vargas ao suicídio 19 dias depois.

Segundo o Datafolha, instituto de pesquisas ligado à Folha de S. Paulo, Dilma chega às vésperas do dia D com 12 pontos de vantagem sobre Serra, 56% para ela, 44% para ele. Mas os serristas, não se sabe por quê, acreditam em virada. E os dilmistas mais escolados em velhas batalhas eleitorais têm insônia ao pensar no que “eles” estão tramando. “Eles” significa a direita aliada aos Grandes Irmãos.

O clima era este.

O presidente do PT, José Eduardo Dutra, exorta a militância a não aceitar provocação alguma, a “baixar a bola”. Vem o domingo, que rola pacífico e prenuncia a lavada que Serra levará no Rio de Janeiro. A carreata com Dilma e Lula dura mais de uma hora e meia. E, a 50

quilômetros dali, a carreata Tucana em Copacabana termina depois de percorridos apenas dois quilômetros da orla. Tinham vindo ônibus fretados de Minas e da Baixada Fluminense. Dentre os “famosos” presentes, o mais notável é o ex-governador mineiro Aécio Neves, recém-eleito senador. Os outros pertencem à quinta categoria: Luciano Huck, aquele que tinha um bar em São Paulo no qual, dizia ele, “baiano não entra”; Rosamaria Murtinho, paraense inesquecível, lembra? E Maitê Proença, que requer uma paradinha para contar o que a midiazona não conta.

Naquele segundo turno, Maitê estava no ar, fazendo o papel de devoradora de homens numa novela. Fora do vídeo, conclamava os machos a unir-se contra Dilma:

“Onde estão os machos selvagens?”, perguntava ela.

Para quem, ainda uma menina, começava a protagonizar uma vida novelesca, parece que não conseguia mais distinguir ficção de realidade. O pai matou-lhe a mãe a facadas e ela, “orientada” por um dos advogados criminalistas mais competentes do país, Leonardo Frankenthal, teve de dizer que a mãe traiu o pai e que ela, Maitê, teria feito a mesma coisa.

Mas o ano acabaria com uma mulher “lá”. Não deve ter sido por acaso que o jornal popular O Dia mandou para cobrir a carreata Tucana três moças: Lucienne Braga, Sheila Machado e Beatriz Salomão. É delas o melhor relato, publicado na segunda-feira, 25 de outubro. Em Bangu, muita gente saía nas ruas e acenava para Lula e Dilma; um homem ergueu uma taça de vinho no portão de sua casa, num brinde “a Lula”; uma mulher estourou um champanha na calçada para comemorar. A carreata petista foi seis vezes maior: percorreu 12 quilômetros de Realengo a Bangu, durante uma hora e 40 minutos.

Em Copacabana, depois de pouco mais de meia hora, a carreata dos tucanos terminou com a divulgação de uma fala do jurista Hélio Bicudo, fundador do PT que virou casaca e acusou Lula de usar “a máquina pública” na campanha. A possível meia dúzia de votos angariada naquele evento deve ter evaporado depois da arenga do jurista – os cariocas, pouco atentos à política paulista, deviam estar mais alheios ainda a um Bicudo chamado Hélio.

As repórteres do Dia anotaram que eleitores do tucano foram à passeata com capacetes azuis onde se lia “paz”; e bonecos com o rosto de Serra ostentando curativos na cabeça. Olha a bolinha de papel aí, gente.

Os petistas esperaram algumas horas – para não haver confusão, segundo o deputado federal reeleito Jorge Bittar; e botaram na rua o Bloco da Dilma. Não esqueceram a estrela do momento: usavam colares, perucas e camisas feitas com bolinhas de papel e cantavam a paródia de um conhecido funk, Um Tapinha Não Dói, transformado em Uma Bolinha Não Dói.

A animação foi ao auge com a chegada de um trio elétrico, passistas e ritmistas de escolas de samba cariocas, como Portela, Vila Isabel, Imperatriz Leopoldinense. Dez mil pessoas sambavam em volta de uma boneca de Dilma de quase cinco metros de altura, enquanto, de tempos em tempos, eram convocados para farra maior ainda na praia do Leme dali a uma semana, para a “comemoração da vitória”. Você viu isso na televisão? Nem nós.

Não tinha acontecido a virada anunciada por José Serra no fim da passeata tucana. Mas os eleitores de Dilma mais realistas passariam uma semana de cão. Sabiam que os adversários são capazes de tudo. E tinham razão. A semana lhes reservava um suspense de destroçar os nervos.

As atenções se voltavam para a próxima pesquisa do instituto Vox Populi, na segunda-feira, 25 de outubro, abrindo a reta final para a votação do segundo turno. Os eleitores de Serra engoliram em seco

e os de Dilma deram um suspiro de alívio: 49% para ela, 38% para ele. Onze pontos de diferença.

Mas pairava no ar a expectativa nervosa daquilo que a mídia pró Serra chamava de “a bala de prata”. Volta e meia, acenavam com ela. Bala de prata, reza a lenda, é a única capaz de matar um vampiro – e os colunistas divulgavam a ameaça inadvertidos de que, conforme consagrou o humorista José Simão, vampiro era Serra – o “vampiro anêmico”.

O que Cleo Pires tem a ver com o sigilo de EJ

Podemos dizer que o primeiro movimento coordenado dos Grandes Irmãos se deu em julho de 2010 com as “denúncias” da quebra de sigilo fiscal de Eduardo Jorge, o EJ, secretário-geral da Presidência da República no primeiro mandato de FHC. Você leu em algum jornal, ouviu em alguma rádio ou viu em algum telejornal algum espanto de algum repórter, ou comentarista, com o fato de um burocrata assalariado do governo federal, como EJ, ter em sua conta mais de R\$ 3 milhões?

Também não deve ter visto durante a campanha de 2010 nenhum dos Grandes Irmãos lembrar que esse mesmo burocrata comprou um hollywoodiano apartamento na Praia do Guinle, Rio de Janeiro, avaliado no ano 2000 em R\$ 1 milhão. Claro que não, eles estavam ocupados em procurar pelo em ovo.

Na semana da bolinha de papel, penúltima antes da votação no segundo turno, a revista Carta Capital reclamou que “Nunca na história eleitoral brasileira a mídia nativa mostrou tamanho pendor para a ficção”. Em artigo assinado por seu diretor, Mino Carta, a revista também reclamava que “a chamada grande imprensa não quer a verdade factual”. Mino relatava que, quatro meses antes, em junho de 2010, Carta Capital contou “a verdade factual a respeito do caso da quebra do sigilo fiscal de personalidades tucanas”, mas nenhum grande veículo de comunicação do país repercutiu, muito menos procurou investigar mais sobre o assunto. Com sua verve peculiar, Mino comentou, com razão, que os grandes “em hipótese alguma” repercutiriam informações de sua revista, “nem mesmo se revelássemos, e provássemos, que o papa saiu com Gisele Bündchen”. Prossegue o diretor do semanário:

Quatro meses depois da reportagem de CartaCapital sobre o célebre caso, a Polícia Federal desvenda o fruto das suas investigações. Coincide com as nossas informações. O sigilo não foi quebrado pela turma da Dilma, e sim por um repórter de O Estado de Minas, acionado porque o deputado Marcelo Itagiba estaria levantando informações contra Aécio Neves.

(...)

Ao sabor do entrecho literário, pretende-se a todo custo que o repórter Amaury Ribeiro Jr. tenha trabalhado a mando de Dilma. Desde a quarta 20, a Folha de S.Paulo partiu para a denúncia com uma manchete de primeira página digna do anúncio da guerra atômica [PF liga quebra de sigilo fiscal de tucano a pré-campanha de Dilma]. Ao longo do dia, via UOL, teve de retocá-la até engatar a marcha à ré [era o contrário!].

Deu-se que a Polícia Federal entrasse em cena para confirmar com absoluta precisão os dados do inquérito e para excluir a ligação entre o repórter e a campanha petista.

O recorde em matéria de brutal entrega à veia ficcional cabe, de todo modo, à manchete de primeira página de O Globo de quinta 21, obra-prima de fantasia ou de hipocrisia, de imaginação desvairada ou de desfaçatez [Inquérito liga violação de sigilo a Dilma, mas a PF tenta negar]. Não custa muito esforço constatar que o jornal da família Marinho acusa a PF de trabalhar a favor de Dilma, com o pronto, inescapável endosso do Estadão. Texto da primeira página soletra que, segundo “investigação da PF, partiu da campanha de Dilma Rousseff a iniciativa de contratar o jornalista”. Aqui a acusação se agrava: de acordo com o jornalão, o diretor da PF, Luiz Fernando Corrêa, a quem coube apresentar à mídia os resultados do inquérito, é mentiroso.

Seria este jornalismo? Não hesito em afirmar que nunca, na história das eleições brasileiras pós-guerra, a mídia nativa permitiu-se trair a verdade factual de forma tão clamorosa. Tão tragicômica. Com destaque, na área da comicidade, para a bolinha de papel que atingiu a calva de José Serra.

A fidelidade canina à verdade factual é, a meu ver, o primeiro requisito da prática do jornalismo honesto. Escrevia Hannah Arendt: “Não há esperança de sobrevivência humana sem homens dispostos a dizer o que acontece, e que acontece porque é.” Este final, “porque é”, há de ser entendido como o registro indelével, gravado para sempre na teia misteriosa do tempo. A verdade factual é.

Menos de dois meses depois do início das tais “denúncias”, elas se estenderiam à quebra do sigilo também de Verônica Serra, filha do candidato tucano – ela que, no governo FHC, através do pai ministro, havia quebrado o sigilo bancário de nada menos que 60 milhões de brasileiros. Montou uma empresa com sua xará Verônica Dantas, irmã de Daniel Dantas, o banqueiro que escapou da cadeia em 10 de julho de 2008 graças a dois habeas corpus fornecidos em menos de 48 horas pelo presidente do Supremo Tribunal Federal, Gilmar Mendes. A empresa das duas Verônicas, com sede em Miami e filiais na Argentina, Chile, México, Venezuela e Brasil, no fundo se dedicava a chuncho. Mas vamos usar a linguagem elegante dos Grandes Irmãos: nasceu em 2000 oferecendo “oportunidades de negócios, inclusive na área de licitação de obras públicas no Brasil” – enfim, chuncho. No capítulo 18 tem mais, não perca.

Na edição que circulou em 12 de setembro de 2010, Carta Capital traz a reportagem Sinais Trocados, na qual Leandro Fortes conta o “caso escabroso”, sobre o qual em janeiro de 2001 o futuro vice-presidente Michel Temer, então presidente da Câmara dos Deputados, pediu explicações ao Banco Central, comandado pelo tucano Armínio Fraga: durante 20 dias, os dados de 60 milhões de brasileiros ficaram expostos na internet, uma “das maiores quebras

de sigilo bancário da história do país”. Tinha sido coisa de pais para filhas. O pai da Verônica Dantas financiou a abertura da empresa com 5 milhões de dólares; o pai da Verônica Serra, ministro da Saúde de FHC, ajudou a escancarar as contas bancárias daqueles milhões de patrícios para que a filhinha facilitasse a vida de seus clientes na escolha do melhor negócio no país.

“Encontre em nossa base de licitações a oportunidade certa para se tornar um fornecedor do Estado”, dizia o saite das meninas de Miami. Chunchu.

Segundo autoridades norte-americanas, a Decidir.com fechou em 5 de março de 2002. As duas Verônicas devem ter saído com as malas forradas. Seis anos depois, quando a operação Satiagraha, da Polícia Federal, pegou no pé delas, uma Verônica disse que nunca tinha conhecido a outra, “nem pessoalmente, nem de vista, nem por telefone, nem por e-meio”, disse a filha de José Serra.

Temer jamais recebeu explicação alguma até tornar-se, em 2010, candidato a vice de Dilma, acusada pelos tucanos de ter comandado o vazamento do sigilo de Verônica Serra. Mas a história morreu lá mesmo em 2001, graças à “leniência” de FHC e à “boa vontade da mídia” – a Folha não registrou sequer a presença das duas Verônicas na Decidir.com. Nada viram de mal, tal como agora em 2010 não se lembravam mais de nada e levavam às manchetes o cabuloso caso da pobre, desamparada e injuriada filha milionária de José Serra.

O pai, na televisão, surge tentando parecer ora compungido, ora indignado. Mas não convence. Serra é péssimo ator. Seu xará José Celso Martinez Correa, um dos maiores atores e diretores do teatro brasileiro, afirmou que o maior ator da cena política brasileira é Lula, que exerce magistralmente o papel de Lula. Serra não consegue imprimir veracidade ao papel de Serra.

Um dos Quatro Irmãos, a Folha, contratou durante a campanha o nipo-americano David Matsumoto, renomado especialista em microexpressão, gestual, comportamento não-verbal e emoção. Ele recebia em sua empresa, em San Francisco, vídeos dos vários candidatos. Na Semana da Pátria, Matsumoto avaliou dois vídeos levados ao ar no 7 de Setembro: o discurso de Lula reclamando das baixarias da oposição e o de Serra reclamando da “quebra de sigilo” de seu genro e da filha Verônica. Veja e leia:

Serra tem prazer do trapaceiro

David Matsumoto

Esta semana analisei o presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, através de um vídeo que ele gravou para Dilma Rousseff no Dia da Independência.

Ele parece bastante intenso, provavelmente bravo e amargo com a campanha eleitoral. Diversas vezes, tensiona as pálpebras e abaixa suas sobrancelhas não apenas para intensificar o que está falando, mas também para mostrar sua irritação.

Dado o conteúdo do discurso, me pareceu que suas expressões eram apropriadas. Quando ele menciona “nosso adversário”, ele passa uma grande repugnância, o que parece demonstrar bem a intensidade de seu sentimento sobre a questão.

Lula também dá um rápido microssorriso para dizer que os “brasileiros saberão repelir” a campanha rival. Foi um sorriso de convicção. Fiquei com uma forte impressão de seus sentimentos, fortes e honestos. O segundo vídeo que analisei trouxe o candidato do PSDB, José Serra. Mais uma vez não fiquei com uma boa impressão do que vi.

Por exemplo, quando ele fala que está “indignado” com o escândalo do sigilo fiscal violado de seu genro, ele está sorrindo. Eu não vejo

muita indignação. Suas expressões faciais eram muito inconsistentes com o que ele estava falando.

Ele dá o mesmo microssorriso quando fala que os crimes não são contra ele pessoalmente e sim contra o próprio Brasil. Quando diz que o PT debocha das vítimas, percebi outro microssorriso. Serra amplifica seu discurso de forma apropriada com gestos e expressões faciais, mas sem emoção. Parece que estava tentando muito convencer o espectador de sua sinceridade, mas, com esses exemplos que eu citei, suas expressões foram totalmente inconsistentes com sua fala.

Penso que esses podem ser exemplos do que chamamos de “dupers delight”, algo como “prazer dos trapaceiros”, nos quais uma pessoa que não é totalmente franca está curtindo em não ser totalmente franca.

Matsumoto, pouco depois, desapareceu das páginas da Folha. Por que será? Da mesma forma, a questão dos sigilos quebrados, diariamente martelada na mídia impressa e na televisão, sumiu. Naqueles dias, estava nas bancas a Playboy com o maior sucesso de vendas dos últimos tempos: nuinha, outra filha, só que da veterana atriz Glória Pires. O humorista José Simão, da própria Folha, vinha avisando os tucanos de que o grosso do eleitorado não fazia a mínima ideia do que fosse “quebra de sigilo”. Reforçava dia sim dia não:

“Eu quero quebrar é o sigilo da Cleo Pires!”

Ah, se Gutenberg conhecesse a internet

Prêmio Esso vai para reportagem de perna quebrada – Enfim, um perfilzinho de EJ, O Sombra – Favor especial da Globo para Alckmin em 2006, lembra? – Quem usa tuíteer tem uma gráfica em casa: e agora, Grandes Irmãos

Verônica, nas touradas, é um passe de grande audácia. O toureiro ajoelha-se na arena de costas para o touro. Brandindo a capa vermelha ao lado do peito, atíça o bicho. Se olhar, ainda que de soslaio, para o adversário que bufa às suas costas, escavando o chão, leva uma vaia. Precisa ter muito sangue frio, arrisca-se a levar uma chifrada fatal nas costas. Verônica é um perigo. Imagine duas.

Quebrar sigilo é crime. Mas até começo de 2011, dez anos depois, não tinha dado em nada a quebra de sigilo de 60 milhões de brasileiros, 60 milhões de crimes atribuídos às duas Verônicas. Por lei, as duas deveriam ser alvo de investigação da Polícia Federal. Não foram. O ministro da Justiça, a quem se subordina a PF, era José Gregori, que em 2010 funcionou como tesoureiro da campanha de Serra. E seu subordinado, o chefe da PF, era o tucano Agílio Monteiro Filho, que inclusive se candidataria no ano seguinte a deputado federal pelo PSDB, sem sucesso.

Mas, à custa do que se chamou de Receitagate, o repórter da Folha Leonardo Souza ganhou o Prêmio Esso de Reportagem. Ele não aludiu aos 60 milhões de sigilos quebrados pelas duas Verônicas, mas apenas à meia dúzia de sigilos quebrados por supostos filiados do Partido dos Trabalhadores. O prêmio foi atribuído à série Dossiê Traz Dados Sigilosos da Receita Contra Tucanos. E nem numa série de reportagens sobre o Receitagate de 2010 o premiado repórter conseguiu elucidar a questão: mas quem diabos é esse tal EJ?

Esse Prêmio Esso parece tão desmoralizado quanto o Prêmio Jabuti ou a Academia Brasileira de Letras. Prenunciava o fim da Esso, logo engolida pela Shell.

Os serristas diziam que a quebra de sigilo era coisa dos petistas. Os petistas diziam que não, que se tratava de briga entre tucanos – Aécio teria ordenado a quebra dos sigilos para se proteger de igual serviço sujo iniciado por Serra contra ele, na briga inicial dentro do PSDB para ver quem saía candidato a presidente.

E a verdadeira reportagem nunca ninguém fez. Se tucanos, se petistas, ou se as duas facções queriam conhecer as contas de EJ, não importa. Importa, sim, o porquê. Por que EJ? Esta os Grandes Irmãos estão devendo aos seus leitores, ouvintes e telespectadores. Vamos contar. A história de EJ, para efeito do que interessa nesta narrativa, é mais ou menos a seguinte.

O cearense Eduardo Jorge Caldas Pereira, o EJ, tinha 22 anos em 1964 e militava em movimentos de esquerda, quando passou num concurso para datilógrafo do Congresso Nacional. Em dois anos, era peça fundamental para a elaboração do Orçamento da União e, com a fama de eficiente, recebe carta branca para implantar o Prodasen, serviço de processamento de dados do Senado. Uma forte amizade nasce entre ele e Fernando Henrique Cardoso em 1983. EJ voltava de um mestrado e um doutorado nos Estados Unidos, e o então senador FHC o chama para trabalhar na CPI das Polonetas, que investigava irregularidades num empréstimo que o Brasil fez para a Polônia. Eleito presidente em 1994, FHC o leva para o Planalto e ele se torna secretário-geral da Presidência da República. Protegido de um tio deputado federal, Lister Caldas, egresso do antigo PSD, Partido Social Democrático, EJ passa a fazer parte de um clã que se enquista na máquina pública a partir de sua entrada no Senado. A família Caldas está bem servida no governo FHC:

Maria Delith, irmã de EJ, trabalhou com o presidente no Senado até 1992 e foi secretária-executiva do Ministério da Cultura até 1999.

Era agora diretora-executiva do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), ganhando salário de R\$ 17.500.

Tarcísio Jorge, almirante da reserva, desde 1995 era presidente da Casa da Moeda no Rio de Janeiro. Salário: R\$ 10.400. Demitido naquele mês de julho de 2000.

Marcos Jorge Caldas Pereira, solicitado tributarista de Brasília, era acusado de se beneficiar do parentesco com EJ.

O caçula Fernando Jorge, sociólogo, trabalhava para o PSDB desde 1992. Em 1995 tornou-se chefe do escritório brasiliense da consultoria MCI, que ganhou do Palácio do Planalto milionário contrato em dobradinha com o Ibope, para realizar pesquisas semanais em todos os Estados durante a campanha da reeleição de FHC.

É certo que havia uma figura poderosa naquele governo: Sérgio Motta, ministro das Comunicações e uma espécie de “trator” com pá mecânica para captar dinheiro. Mas Sérgio Motta, que morreria pouco antes de terminar o primeiro mandato de FHC, agia externamente, enquanto EJ era palaciano. Nos primeiros quatro anos do governo, acumulou poderes em todas as áreas, mandava até no gabinete militar. Os apelidos – Sherlock, Homem-Interpol, O Sombra – não deixam dúvidas: depois do presidente, era com ele.

A pergunta inicial – por que EJ? – começa a configurar-se. Os Grandes Irmãos, na campanha do primeiro turno de 2010, se esmeraram em transformar EJ em vítima de falsos dossiês, buscando a bala de prata com um novo “caso dos aloprados” que provocou o segundo turno em 2006, entre Lula e Geraldo Alckmin. Aloprados foi o termo que o próprio presidente Lula usou para qualificar um grupo de petistas, realmente aloprados: caíram no conto de um dossiê que supostamente arruinaria a candidatura do tucano Alckmin para a Presidência e alavancaria a do petista Aloizio Mercadante para o governo paulista. Era uma arapuca. Foram apanhados pela Polícia

Federal no saguão de um hotel de São Paulo. Levavam mala cheia de dinheiro, que a televisão mostrou na antevéspera da eleição do primeiro turno, levando para o segundo turno a reeleição praticamente garantida para Lula.

Um dos Grandes Irmãos, que monopoliza as atenções da maioria dos telespectadores, a Rede Globo, prestou nesse dia, 29 de setembro de 2006, um favorzinho especial para o candidato tucano. Mas antes, vamos rebobinar o filme e voltar 22 anos na história para contar dois episódios que ajudam você a entender melhor que ali, na Rede Globo, nada acontece sem querer nem por acaso – pouco antes, em 1982, nas primeiras eleições diretas para governadores, junto com uma empresa de processamento de dados, a Proconsult, já havia tentado dar um golpe midiático nas eleições do Estado do Rio de Janeiro: fechadas as urnas eletrônicas, a Globo passou a noticiar o tempo inteiro que o candidato Moreira Franco estava disparado na frente de Leonel Brizola (primeiro, iriam convencer o povo de que Brizola perdeu; depois, era só falsificar os resultados).

Em 1984, quando a esmagadora maioria do povo brasileiro se havia cansado da ditadura militar e pedia eleições diretas para presidente, as Organizações Globo da família Marinho queriam mais. E trataram de abduzir um dos maiores movimentos cívicos que este país já viu: a campanha Diretas Já. Chegou ao cúmulo de pôr no ar o repórter Ernesto Paglia para transformar um comício pelas Diretas, com trezentas mil pessoas na Praça da Sé, em mera festa dos 430 anos de São Paulo, a 25 de janeiro de 1984. Numa reportagem de cerca de 3 minutos, em que não se menciona uma só vez a palavra de ordem “Diretas Já”, Ernesto fez duas menções curtas a um comício que ali se realizava, com uma fala de 8 segundos do governador Franco Montoro, depois de citar todos os artistas que estavam no palanque e nenhum nome de político. O histórico movimento foi diluído homeopaticamente na proporção de 1 para 1.000 – para a Globo, eleições diretas naquela proporção só chegariam lá pelo século 22.

O segundo episódio digno de menção acontecerá cinco anos depois. Enfim, um quarto de século após a instauração da ditadura militar, vamos escolher pelo voto direto um presidente civil. Na reta final da campanha, surgem como favoritos os candidatos Fernando Collor, Leonel Brizola e Lula. Para eleger seu queridinho, qual estratégia adotam os Grandes Irmãos, especialmente a Rede Globo, naqueles anos detentora do monopólio quase absoluto da audiência nacional? Nos meios jornalísticos, tudo se sabe, embora nem sempre tudo se publique. Ninguém publicou, mas todo jornalista sabia que estava em curso a Operação Deodoro: tirar da jogada Leonel Brizola, então com mais carisma, político matreiro, que eletrizava plateias, à vontade no vídeo, capaz de num debate passar como uma motoniveladora por cima do estreante Collor. E Lula só dispunha da invejável oratória de palanque. No mais, aos 44 anos, perto de Brizola não passava de um franguinho de leite, as esporas nem tinham nascido ainda. Inflaram a bola de Lula na reta final do primeiro turno e esvaziaram a de Brizola. Lula chegou em segundo com apenas 450 mil votos a mais que o velho Briza, 0,6% dos votos válidos de diferença. E, por uma asa de barata, Lula enfrentou Collor no segundo turno. Mas por que Operação Deodoro? Porque Collor, embora carioca, viveu infância e juventude mais em Alagoas, terra de seu pai e do primeiro presidente da República, o alagoano Deodoro da Fonseca.

A operação, para ter êxito total, precisava agora provar que Collor era vinte vezes melhor que Lula. Se alguém chegasse a novembro de 2011 achando que a Globo tratou com lisura a reta final da campanha para o segundo turno em 1989, tirou a prova dos nove com a entrevista que o ex-poderoso chefe de programação daquela rede de tevê concedeu na GloboNews ao jornalista Geneton de Moraes Neto. Boni simplesmente declarou que preparou Collor para o último debate entre ele e Lula:

“Eu achei que a briga do Collor com Lula nos debates estava desigual, porque Lula era o povo e o Collor era a autoridade. Então nós conseguimos tirar a gravata do Collor, botar um pouco de suor

com uma glicerina e colocamos as pastas todas que estavam ali, com supostas denúncias contra o Lula. Mas as pastas estavam inteiramente vazias ou com papéis em branco. Foi uma maneira de melhorar a postura do Collor junto ao espectador, para ficar em pé de igualdade com a popularidade do Lula.”

A vaidade derrotou a cautela. Boni nem tocou no assunto dias depois, entrevistado no Programa do Jô, em tevê aberta. E todos sabem também que, sob o comando de Boni, viria a manipulação final, com a edição do debate. Entra em cena Alberico Souza Cruz, chamado informalmente pelos colegas de Alburrico. Sua estrela vai subir. Alberico comandou na linha de frente, junto com Ronald de Carvalho, a edição que mostrava os piores momentos de Lula e os melhores de Collor. A operação contaria ainda com a providencial ajuda de uma “pesquisa” feita por telefone, que resultou em acachapante vitória de Collor, apontado como vencedor do debate e como mais preparado para governar o país. Desta maneira, Collor venceu a 15 de novembro de 1989, com quase 50 milhões de votos contra pouco mais de 44 milhões para Lula.

Refresquemos nossas memórias: o candidato vencedor fez governo pífio e saiu pela porta dos fundos da história, vítima de impeachment; o candidato derrotado seria eleito 13 anos mais tarde e, reeleito, sairia do segundo mandato com 87% de aprovação. Isto é que é ser contra o que o povo quer.

Voltemos, então, ao ponto em que interrompemos a narrativa, o 29 de setembro de 2006. Três horas antes do Jornal Nacional entrar no ar, um jatinho Legacy que ia para os Estados Unidos desviou-se da rota sobre a selva amazônica e, com o leme, rasgou a asa de um Boeing da Gol. O jatão, que ia de Manaus para Brasília, entrou em parafuso e despencou, matando seus 154 passageiros e tripulantes. Um acidente e tanto, por suas características único na história da aviação. Mas a Globo, como todos os Grandes Irmãos, queria eleger Alckmin presidente. O Alckmin que, naqueles dias, conforme

informações divulgadas mais tarde pelo saite WikiLeaks, era considerado por dirigentes de seu próprio partido quase um estranho no ninho: ligado à Opus Dei, prelazia de extrema direita da Igreja católica; um “caipira” incapaz de ver o Brasil além do Vale do Paraíba; e integrante do “baixo clero” do partido; o Alckmin, enfim, que nas eleições seguintes, para a prefeitura paulistana, abandonado pelo partido, ficou em terceiro lugar, atrás de Gilberto Kassab, do DEM, e Marta Suplicy, do PT.

Então, o Jornal Nacional não dedicou sequer uma notinha ao vivo ao acidente da Gol, ao contrário de vários concorrentes. Era o atestado de falência do jornalismo da Globo, mas a glória da manipulação. Sonegaram a notícia mais importante do mundo naquele dia para não ofuscar o monte de dinheiro apreendido com os aloprados, mais de 1 milhão de reais e quase 250 mil dólares.

Façamos justiça: nem todos os jornalistas da Globo concordavam com tal “filosofia editorial”. Um deles, Rodrigo Vianna, menos de três meses depois, a 19 de dezembro de 2006, receberia o comunicado de que seu contrato não seria renovado – como ele já desconfiava. Tanto que Rodrigo, repórter da Globo desde 1995, havia escrito uma carta aberta, na qual acusou a emissora de atuar para prejudicar Lula. Da longa carta, extraímos um resumo:

O que vivemos aqui entre setembro e outubro de 2006 não foi ficção. Aconteceu.

Intervenção minuciosa em nossos textos, trocas de palavras a mando de chefes, entrevistas de candidatos (gravadas na rua) escolhidas a dedo.

Os “aloprados do PT” aprontaram; e aloprados na chefia do jornalismo global botaram por terra anos de esforço para construir um novo tipo de trabalho aqui.

Ao lado de colegas, entrei na sala de nosso chefe em São Paulo, dia 18 de setembro, para reclamar da cobertura e pedir equilíbrio: “por

que não vamos repercutir a matéria da IstoÉ, mostrando que a gênese dos sanguessugas ocorreu sob os tucanos? Por que não vamos a Piracicaba, contar quem é Abel Pereira?” Nenhuma resposta convincente.

Quando, no JN, chamavam Gedimar e Valdebran de “petistas” [dois dos “aloprados” apanhados pela Polícia Federal com a dinheirama] e, ao mesmo tempo, falavam de Abel Pereira como empresário ligado a um ex-ministro do “governo anterior”, acharam que ninguém ia achar estranho? [Abel Pereira era o elo de ligação entre os “sanguessugas” e o PSDB, no caso da compra de ambulâncias superfaturadas para o Ministério da Saúde na gestão de José Serra-Barjas Negri, no governo FHC.]

Faltando seis dias para o primeiro turno, o “petista” Humberto Costa foi indiciado pela PF. No caso dos vampiros. O fato foi parar em manchete no JN, era normal. O anormal é que, no mesmo dia, esconderam o nome de Platão, ex-assessor do ministério na época de Serra/Barjas Negri. (...)

Ah, sim, Freud. O que fizemos na véspera da eleição foi incrível: matéria mostrando as “suspeitas”, e apontando o dedo para a sala onde ele trabalhava, bem próximo à sala do presidente... A mensagem era clara. Mas, quando a PF concluiu que não havia nada contra ele, o principal telejornal da Globo silenciou.

Não vi matérias mostrando as conexões de Platão com Serra, com os tucanos.

Também não vi (antes do primeiro turno) reportagens mostrando quem era Abel Pereira, quem era Barjas Negri, e quais eram as conexões deles com o PSDB. Mas vi várias matérias ressaltando os personagens petistas do escândalo.

Um colega chegou a produzir, por telefone (vejam bem, por telefone), reportagem com perfil do Abel. Nunca foi ao ar!

Os telespectadores da Globo nunca viram Serra e os tucanos entregando ambulâncias cercados pelos deputados sanguessugas.

Estava na tal fita do “dossiê”. Outras TVs mostraram, a internet. Provava alguma coisa contra Serra? Não. Ele não era obrigado a saber das falcatuas de deputados. Mas, por que demos o gabinete de Freud e não demos Serra com sanguessugas?

E as perguntas para o Serra? Ouvi, de pelo menos 3 pessoas do SP-TV, que foram rigorosamente selecionadas. Aquele diretor (você sabem quem) teria mandado cortar todas as perguntas “desagradáveis”. A equipe ficou atônita. Entrevistas com os outros candidatos tinham sido duras.

E as fotos da grana dos aloprados? Por que não demos a história completa? Os colegas que estavam na PF (15 de setembro) tinham a gravação, mostrando as circunstâncias em que o delegado vazara as fotos. Mais uma vez, fomos seletivos: as fotos mostradas com estardalhaço. A fita do delegado, essa sumiu!

Olhem no ar. Ouçam os comentaristas. As poucas vozes dissonantes sumiram. Franklin Martins foi afastado. Do Bom Dia Brasil ao JG, temos um desfile de gente que está do mesmo lado.

Era o impacto da montanha de dinheiro dos “aloprados” que, em 2010, os Grandes Irmãos buscavam ao puxar para as manchetes, diariamente, as quebras de sigilo de gente ligada a Serra. Curioso que esses pequenos crimes, de bisbilhotar contas e declarações de Imposto de Renda, haviam começado em outubro de 2009 sem que ninguém lhes prestasse atenção. E agora, assim que surgiram as notícias sobre a quebra de sigilo de EJ, Serra se tornou um dos maiores defensores do homem que exercia papel importante em sua campanha. A pergunta que os Grandes Irmãos não faziam e, é óbvio, não respondiam – quem é EJ – já estava porém nos blogs, que Serra tratou de desqualificar, chamando-os de blogs sujos. Por ironia, 190 dias depois do segundo turno, isolado no PSDB, ele lançou um saite contendo seu blog, onde apresenta tantos sinais de esquizofrenia, que levou o colunista Fernando de Barros e Silva a

perguntar, na Folha, se o candidato derrotado não estaria vivendo ali seu terceiro turno imaginário.

Novos tempos. O homem que tinha a mídia em peso a seu serviço preocupava-se com blogueiros e tuiteiros. A revolução digital democratizou a difusão de informações. O diretor do inglês The Guardian, Alan Rusbridger, diz a propósito:

“Hoje eu tenho uma gráfica na minha casa.”

Alan se refere ao tuíte, que considera a ferramenta mais poderosa dos últimos vinte anos, embora o microblog estivesse completando apenas 5 anos em 2011. Para nós, talvez desde os últimos seis séculos, desde Guttenberg com sua prensa de tipos móveis.

"Você devia estar numa penitenciária"

FHC pega vírus EJ e fica apático – “Não tenho provas, mas não tenho dúvidas.” – CPI do Judiciário comprova: EJ tinha, sim, ligações com Lalau, juiz que desviou R\$ 169 milhões na construção do prédio do TRT paulista

Deixemos de lado os blogueiros “sujos” e as publicações de esquerda para que não nos acusem de parcialidade os Grandes Irmãos. E já que esqueceram aquilo que eles mesmos sabiam fazia anos mas não acharam conveniente lembrar, relembramos nós folheando as páginas da Veja de 19 de julho de 2000. A capa traz uma montagem, a foto de FHC com ar contrariado e, em primeiro plano, folgazão, de pé, com o paletó carregado às costas, EJ. À esquerda, um texto:

Eduardo Jorge, o burocrata que chegou ao topo do poder despachando ao lado do presidente, usa agora sua influência para azeitar negócios ligados a órgãos do governo.

A reportagem, de Alexandre Secco e Daniela Pinheiro, tem por título Os rastros do ex-assessor. Nota-se o hercúleo esforço do editor do texto final para livrar a cara do ex-presidente FHC. Mesmo assim, fica claro que as duas siglas, EJ e FHC, são como a unha e a carne. Lembremos que, passados mais de dez anos, em janeiro de 2011 EJ seguia sendo o vice-presidente do PSDB e dava expediente no Instituto Fernando Henrique Cardoso, no Vale do Anhangabaú, centro de São Paulo.

Seguia também mantendo o blog Gente que Mente, registrado em nome do PSDB desde 2009, e suspenso durante as eleições de 2010 para dar lugar a outro, Combata a Mentira. Fixação em mentir. Em carta publicada pela Folha, dia 28 de fevereiro de 2011, EJ observa que, ao contrário do que o jornal publicou três dias antes, “Gente que Mente não é um blog anti-Dilma, e sim um espaço onde apontaremos contradições e propaganda enganosa do governo federal como um todo”.

Os Grandes Irmãos não contaram jamais que partiam do Combata a Mentira, sob responsabilidade de EJ, os golpes mais imorais, indecentes e truculentos contra Dilma Rousseff, inspirados pelo guru Ravi Singh, um americano de origem indiana. A “vítima” de quebra de sigilo, supostamente praticada por petistas, criava peças apócrifas jogadas na internet, que eventualmente entravam no horário eleitoral da televisão, e bem separadas do programa de Serra, para levar eleitores incautos a crer que aquilo não tinha nada a ver com os tucanos. Num desses vídeos, aprovados por Serra, um homem, caracterizado como Lula, leva alguns rottweilers furiosos, seguros por correias. O locutor pergunta se Dilma vai conseguir conter os radicais do PT.

Os Grandes Irmãos nem precisavam fazer muita força para contar ao público quem era esse EJ do sigilo quebrado. Bastava consultar a revista Época, edição de 24 de julho de 2000. Como é bom ler um texto de repórteres como Gustavo Krieger e Leandro Fortes. Na reportagem Os efeitos de um vírus palaciano, sabemos que FHC, no meio do segundo ano do segundo mandato, apresenta-se “abatido, tenso, apático”, responde às indagações fitando quem pergunta “com olhar vago”. O transmissor da doença que provocou o estado catatônico do presidente chamava-se EJ, segundo o próprio EJ disse à imprensa – “tornei-me um vírus, pareço uma doença ambulante”. Ele, por sua vez, que vinha sofrendo crises de choro e dormindo à custa de tranquilizantes, havia sido contaminado, possivelmente, pelo juiz Nicolau dos Santos Neto, o Lalau, foragido depois do citado

escândalo da construção do novo fórum trabalhista de São Paulo, em que surrupiam R\$ 169 milhões.

Detalhe: ninguém publicou que EJ e Lalau eram velhos amigos.

EJ tinha ligado para FHC "tentando explicar" entrevista concedida ao Valor Econômico, na qual revelou que o foragido Lalau "ajudava o governo a selecionar candidatos a juiz classista para auxiliar o andamento do Plano Real". Que falta de classe. E queriam que FHC estivesse como?

E agora, uma saraivada de denúncias pipocava sobre o ex-secretário-geral que, dizia a reportagem, havia multiplicado seus lucros na iniciativa privada "graças ao tráfico de influência".

Os Grandes Irmãos, abeberados na reportagem de Gustavo Krieger e Leandro Fortes, poderiam nos informar que...

EJ aproveitava o fato de trabalhar a trinta passos do gabinete do presidente FHC para turbinar negócios da EJP Consultores Associados, de consultoria política.

participou de reuniões no Ministério dos Transportes para defender interesses da empresa de transporte de cargas Transroll e conseguiu que a legislação mantivesse reserva de mercado para seu cliente.

em 1998, grampo telefônico ilegal flagrou EJ cobrando de André Lara Resende, presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, operação de socorro para o frigorífico catarinense Chapecó, que recebeu R\$ 54 milhões sem dar garantias.

procurou o ministro da Justiça José Carlos Dias querendo a ampliação dos contratos da Montreal Informática com o Departamento de Trânsito.

procurou o ministro dos Transportes Eliseu Padilha tentando mudar regras no transporte internacional de cargas, a fim de beneficiar a Transroll.

Em abril de 1998, EJ deixou a sala do terceiro andar do Palácio do Planalto e despencou para cima. Assumiu a coordenação da campanha eleitoral para a reeleição de FHC. Comprada a reeleição, FHC usou toda a força parlamentar de que dispunha a fim de evitar a instalação de uma CPI no Congresso Nacional, embora não estivesse disposto a evitar a convocação de EJ – “Eduardo Jorge não é governo”, desabafou o presidente com um líder governista no Congresso. Na citada reportagem da Veja de 19 de julho de 2000, FHC se sentia acuado por novas acusações, que atingiam o próprio presidente, como suspeito de usar o cargo para emprestar dinheiro público para a construção do novo prédio do TRT paulista. Um ministro pergunta a FHC:

“O senhor acha que Eduardo Jorge pode estar usando seu nome para facilitar negócios, presidente?”

FHC respondeu:

“Não tenho provas, mas não tenho dúvidas.”

Contudo, para evitar a CPI do Judiciário em 2000, não havia possibilidade de combinar nada com o senador baiano Antônio Carlos Magalhães. No dizer do jornalista Sebastião Nery, FHC era o presidente noturno, e ACM o presidente diurno. E agora, depois da morte do filho Luís Eduardo a 21 de abril de 1998, que ele pretendia fazer presidente nas eleições de 2002, o senador tinha virado um “radical livre”. Se já era incontrolável, agora ninguém mais o segura. ACM, em março de 1999, consegue instalar a CPI do Judiciário, que comprovará as ligações de EJ com o juiz Lalau. E EJ, durante uma das sessões, mereceu do senador Roberto Requião esta assertiva:

“Você não devia estar aqui, devia estar numa penitenciária.”

Chocante! Tropa de choque contra Itamar

O que a midiazona não contou, Sebastião Nery conta – Uma convenção com sabor do tempo das eleições a bico-de-pena – Isso que é poder: substituiu juiz do TRE, pôs FHC no programa de Roriz, e Roriz derrotou Buarque

Se Sérgio Motta era um trator, EJ é um buldozer. As aparências enganam. Ele faz biquinho para falar, é cheio de ademanos, quando excitado pode ser que sua voz se esganice, tem o tique de, repentinamente, dar uma repuxada no pescoço jogando a cabeça para o lado. A intensa vida social inclui uma mulher de extrema beleza, que se diz desenhista de joias e até montou exposição em homenagem a Dercy Gonçalves. Mas não se iluda. EJ é um buldozer.

Por exemplo: como impedir uma candidatura presidencial que não interessa ao grupo dele. Ouça essa história, porque ela não está na mídia. Mas é contada por Sebastião Nery no livro A Eleição da Reeleição, no capítulo Tropa de Choque Contra Itamar.

O ano é 1998. O governo FHC já tinha comprado a reeleição. Mas o PMDB queria sair com candidato próprio: Itamar Franco, pai do Plano Real. Um balde de água fria na pretensão de FHC e sua turma de dar um passeio em Luiz Inácio Lula da Silva nas eleições de outubro.

EJ, como vimos, havia saído do governo em abril para coordenar a reeleição de FHC. A trama urdida por EJ vai se desenvolver em três frentes: manipular as pesquisas eleitorais; derrotar o então petista Cristovam Buarque na tentativa de se reeleger governador do Distrito Federal e eleger o então peemedebista Joaquim Roriz; e melar a convenção do PMDB em Brasília.

O sociólogo Antônio Lavareda tinha em Pernambuco uma empresa de pesquisas eleitorais, a MCI. EJ, desde o começo do governo FHC, pôs seu irmão Fernando Jorge para dirigir a MCI em Brasília. O Palácio do Planalto fez um contrato milionário de quatro anos com o Ibope nas pesquisas e a MCI nas análises. Eram pesquisas semanais em todos os Estados. As duas empresas nadaram em notas de real valor. As pesquisas chegavam às mãos de EJ, que as mostrava a FHC. E EJ virou o manipulador dos titeres, fazendo subir e descer os candidatos que ele bem entendia. O Ibope/EJ segurou Ciro Gomes o tempo todo em 8%. Nas eleições, ele teve 11%. Como queriam Roriz no Distrito Federal, derrubaram Arruda, tucano como eles, para 14% durante a campanha e, no voto, ele teve 18%. Outro tucano indesejado, Marconi Perillo, começou a crescer em Goiás e o Jornal Nacional da TV Globo não divulgava as pesquisas favoráveis a ele, porque o preferido de FHC e EJ era o peemedebista Iris Rezende.

Você está acompanhando o raciocínio deles, não? Eram tucanos, mas precisavam adular peemedebistas sensíveis à adulação para obter votos com os quais derrotar Itamar Franco, a candidatura própria do PMDB, em sua convenção.

Segundo passo da trama. EJ convida José Roberto Arruda, ainda um tucano, e líder do governo no Senado, para um papo em seu apartamento na Quadra 312 Sul. Soa a campanha, EJ abre a porta e quem Arruda vê ao fundo? O colega de Senado Luiz Estêvão, peemedebista com quem ele não se dá.

Numa conversa pesada, EJ e Estêvão tentaram convencer Arruda a tomar duas decisões: desistir de sua candidatura ao governo do DF, favorecendo portanto Roriz, e convencer seu candidato ao Senado Augusto Carvalho, do PPS, a retirar-se de cena. Irritado, Arruda foi embora e queixou-se a FHC, inutilmente. Roriz acabaria eleito, derrotando José Roberto Arruda e Cristovam Buarque. Para tanto, Roriz contou ainda uma vez com uma ajudinha de EJ. A lei eleitoral impede que um candidato apoie outro que não seja de seu partido ou sua coligação. Que fez EJ? Tirou um juiz do Tribunal Regional Eleitoral e substituiu por outro, que concedeu liminar, permitindo ao

tucano FHC aparecer no programa do peemedebista Roriz, dando-lhe o apoio decisivo de presidente da República.

Histórias que a mídia não conta.

Falta agora narrar como EJ iria agir para impedir a convenção do PMDB de lançar a candidatura própria de Itamar Franco, a 8 de março de 1998, em Brasília. Qualquer observador da política nacional sabe a importância do PMDB em toda eleição, dada a sua inserção em todos os rincões do país. Ainda mais tendo como candidato o mineiro Itamar Franco, ex-presidente e contando com o segundo maior colégio eleitoral, depois de São Paulo.

Também aqui EJ agiu em dobradinha com Luiz Estêvão, que lhe cedia seu jato para circular pelo Brasil. Luiz Estêvão garantiria três votos de convencionais fiéis a ele contra a escolha de Itamar. EJ se comprometia a torpedear a candidatura Arruda ao governo do DF. A dupla EJ-Luiz Estêvão montou então um esquema de tropa de choque para intimidar a convenção.

O então senador goiano Iris Rezende contribuiu com o envio de dois ônibus vindos de Goiânia, lotados de arruaceiros, inclusive policiais militares à paisana. Um deles, o ex-PM Valdir, de Planaltina, negro alto e forte, ficou bem na frente da mesa. Ele encarava Itamar e o xingava o tempo todo. Estilo eleições a bico-de-pena e das cacetadas da República Velha. Atrás de Itamar, postou-se outro PM, que fingia ser assessor e ficava abaixando e, no ouvido dele, disparando insultos. Convencionais de peso, diante do clima, se retiraram. E a convenção miou.

Sobre essas qualidades de EJ os Grandes Irmãos não falaram nada para que o eleitorado de 2010 soubesse quem era de fato a "vítima" de quebra de sigilo. Mas EJ não vai desaparecer desta história ainda. Não é Getúlio Vargas, mas ele voltará.

Manchete dos sonhos

Primeiro, os colunistas passaram a insinuar que Dilma era um “poste” que Lula queria eger, como egeria qualquer poste, com a popularidade jamais alcançada por um presidente em fim de mandato. Tentaram criar a imagem de “assaltante” de banco e até, quem sabe, “assassina” – por ter participado de grupo da luta armada contra a ditadura militar, a Vanguarda Popular Revolucionária, VAR-Palmares. A Época, das Organizações Globo, antes mesmo da campanha eleitoral, ampliou uma foto 3 x 4 de Dilma, tirada do prontuário de sua prisão em janeiro de 1970, botou sobre fundo vermelho e fez uma capa. Parecia uma integrante do grupo anarquista alemão Baader-Meinhof dos anos 1970. Num fenômeno comum da moderna sociedade de cultura de massas, os eleitores de Dilma “compraram” a imagem, fizeram camisetas, inundaram as redes sociais com aquela foto no lugar das suas – tal como torcedores do Flamengo adotaram o urubu como mascote, ou os palmeirenses adotaram o porco. Os Grandes Irmãos desistiram da foto.

A Folha contribuiu com um falso dossiê, publicado dia 5 de abril de 2009, domingo; um dos pratos principais era a mesma foto. A chamada de capa, no alto, lado esquerdo, dizia Grupo de Dilma planejou sequestro de Delfim Netto. Uma bomba.

A reportagem, de Fernanda Odilla, diz que, em dezembro de 1969, o ex-ministro da Fazenda na ditadura militar, agora conselheiro do governo Lula para assuntos macroeconômicos, foi alvo de sequestro planejado pela VPR (Vanguarda Popular Revolucionária) e VAR-Palmares (Vanguarda Armada Revolucionária Palmares), grupos em que a então ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, militava naquela época.

A repórter obteve a história entrevistando por telefone um ex-colega de militância de Dilma, Antonio Roberto Espinosa, 63 anos. No

mesmo domingo, a Folha Online publica entrevista de Odilla com Dilma Rousseff, já pré-candidata mas ainda ministra. Parece que a gente ouve o estalar de chicote do amestrador de repórter, enquanto a moça tenta arrancar da ministra, sem anestesia, a confissão de que não passava de uma terrorista:

FOLHA – A senhora não se lembra dos planos de sequestrar Delfim e de montar a fábrica...

Dilma Rousseff – Nem sabia que houve. Qual era o outro?

FOLHA – Construir uma fábrica de bombas acionadas por controle remoto.

D.R. – Ah, pelo amor de Deus. Nenhuma das duas eu lembro e nunca me perguntaram. Veja bem, nunca ninguém do Exército, da Marinha e da Aeronáutica me perguntou isso.

FOLHA - Antônio Roberto Espinosa [ex-comandante da Vanguarda Armada Revolucionária Palmares] me disse que, logo depois do racha, a VAR começou a se reestruturar e a traçar alguns planos. Apesar de estar mais focada na mobilização operária e estudantil, havia dois planos que considerava ousados e que não deram certo: o sequestro do Delfim Netto e o outro...

D.R. – Eu não participei disso.

FOLHA - Ele diz que era o responsável direto da ação e que informou ao comando, que seria composto pela senhora, o Carlos Alberto Soares de Freitas, o Loyola [Mariano Joaquim da Silva] e o Max [Carlos Araújo, segundo ex-marido de Dilma].

D.R. - Deixa eu te explicar uma coisa, eu tinha saído do comando. Quando houve a fusão, eu saí do comando e fui para São Paulo. Quando recompôs, eu fui presa. Eu não sei o que eles iam fazer.

FOLHA – O que Espinosa fala é que, depois do racha, a senhora era do comando.

D.R. – Ah, minha santa, eu não me lembro disso mais. Não sei se fui, se não fui. É um período muito pequeno até a queda. Eu sou uma das primeiras a cair. Eles só vão cair lá para a metade do ano.

FOLHA – O Espinosa cai antes...

D.R. – Na minha cabeça eu achava que ele tinha sido preso depois.

FOLHA – Ele foi preso em novembro de 1969, com o Chael [Schreier, morto pela repressão] e a Dodora [Maria Auxiliadora Lara Barcelos].

D.R. – Tá certo. Eu saio em setembro do Rio.

FOLHA - Eu encontrei no inquérito da VAR um mapa que foi apreendido na rua Aquidabã, quando a Dodora, o Chael e ele [Espinosa] foram presos. O mapa, que o Delfim reconheceu, era um lugar que ele freqüentava. É um sítio do cunhado dele no interior de São Paulo e o Espinosa disse que a ação seria no interior de São Paulo.

D.R. – Ô, minha santa, aí é ele quem sabe disso.

FOLHA – Te surpreende um plano para sequestrar o Delfim naquele momento?

D.R. – Eu acho que não era o que a gente [queria], não era essa a posição do pessoal da VAR. Nós não éramos a favor de ações armadas desse tipo.

FOLHA – De qualquer forma, depois do racha o dinheiro do cofre [com US\$ 2,4 milhões do ex-governador de São Paulo Adhemar de Barros] foi dividido, não? E o sequestro daria visibilidade à organização.

D.R. – Acho muito difícil ter acabado [o dinheiro do cofre]. Eu não cuidava dele. O que uma fábrica de bombas traz dinheiro? Não entendo. Precisava estar numa linha de luta armada e a gente não estava muito [nessa linha]. A gente não acreditava nisso (...).

FOLHA – Quando tem o racha, quem assume o comando da nova VAR?

D.R. – Quando tem o racha? Eu não me lembro. Se o Espinosa está dizendo que eu estava... Eu lembro que eu fui em outubro para São Paulo e nunca mais voltei [ao Rio] (...).

FOLHA – Só para deixar claro, a senhora não se recorda desse plano para sequestrar o ministro Delfim Netto?

D.R. – Não. Eu acho que o doutor Espinosa fantasiou essa.

FOLHA – Será?

D.R. – Sei lá o que ele fez, eu não me lembro disso. E acho que não compadece com a época, entendeu? Nós acabamos de rachar com um grupo, houve um racha contra ação armada e vai sequestrar o Delfim? Tem dó de mim. Alguém da VAR que você entrevistou lembrava-se disso?

FOLHA – O Juarez [Brito], ainda no Colina, tinha pensado em...

D.R. – Ah, santa, então isso é coisa dele.

FOLHA – Ele não conseguiu executar e o Espinosa disse que, depois do racha, continuaram com o plano. O levantamento estava todo pronto, havia o mapa e eles iriam fazer [o sequestro] num fim de semana de dezembro de 1969. Seria num sítio no interior de São Paulo...

D.R. – Então isso é por conta do Espinosa, santa. Ao meu conhecimento, jamais chegou.

FOLHA – Ele disse que comunicou à direção da VAR. Eram cinco integrantes, entre eles a senhora e que a direção deu o aval para continuar o plano, apesar de não saber detalhes.

D.R. – Eu não me lembro disso, minha filha. E duvido que alguém lembre. Não acredito que tenha existido isso, dessa forma.

FOLHA – Ele fala que a responsabilidade de fazer a ação era dele, mas que a direção sabia, foi informada e autorizou.

D.R. – Isso está no grande grupo de todas as ações que me atribuem. Antes era o negócio do cofre do Adhemar, agora parou isso e vem o Delfim. Ah, tem dó, minha filha. Você sabe que tem isso. Todos os dias arranjam uma ação para mim. Agora é o sequestro do Delfim? Ele vai morrer de rir.

FOLHA – Delfim Netto disse que não tinha medo, não. Às vezes o mandavam tomar mais cuidado, um pouco de cautela, mas que ele nunca levou muito a sério esses conselhos.

D.R. – Tá certo.

FOLHA – De qualquer forma, muito obrigada por tocar nesse assunto delicado...

D.R. – Eu estou te fazendo uma negativa peremptória, para mim não disseram. Tá?

Mesmo assim, com todas as negativas de Dilma, a Folha publicou que ela estava metida num grupo que ia sequestrar Delfim Netto, e mais, montar uma fábrica de potentes explosivos.

Justiça seja feita. Para embasar melhor seus petardos contra Dilma, a Folha pôs sua diligente advogada, Taís Gasparian, para tentar com todos os dispositivos legais possíveis abrir o arquivo do Superior Tribunal Militar (STM) e folhear os 16 volumes que compõem o processo que levou a primeira mulher presidente da República a ficar três anos nos cárceres da ditadura militar. A alegação da Folha era meritória, fazer jornalismo: informar seus leitores para que pudessem melhor refletir sobre quem escolher para dirigir seus destinos. Mas, como o peixe morre pela boca, a doutora Taís Gasparian se traiu ao declarar em meados de novembro de 2010, quando finalmente o STM abriu aqueles arquivos:

“Lamentável que o pedido tenha sido deferido após as eleições.”

E o que dizia o processo? Que Dilma, em depoimento à Justiça Militar de 21 de outubro de 1970, contou ao juiz da 1ª Auditoria da 2ª Circunscrição Judiciária Militar que foi interrogada no Dops de São Paulo sob “intensa tortura”. Diz o processo ainda que Dilma, “Joana D’Arc da subversão”, era “um dos cérebros dos esquemas revolucionários”; e “coordenadora dos Setores Operário e Estudantil da VAR-Palmares de São Paulo, como também do Setor de Operações”. Nada sobre pegar em armas, assaltar banco, sequestrar, praticar atentados. Contudo, se os Grandes Irmãos pusessem as mãos no processo durante a campanha eleitoral, você pode perfeitamente imaginar a primeira manchete:

Dilma era o cérebro do terror

No mesmo domingo, 5 de abril de 2009, o professor e jornalista Antonio Roberto Espinosa enviou carta à Folha contestando Fernanda Odilla. Espinosa pedia publicação no dia seguinte, segunda-feira, o que o jornal não atendeu. Principais pontos das contestações de Espinosa:

... Estranho que um jornal do porte da Folha publique matérias dessa relevância com base somente em “investigações” telefônicas.

... por emeio, fui novamente procurado pela repórter, que me enviou o croquis do trajeto para o sítio Gramadão, em Jundiaí, supostamente apreendido no aparelho em que eu residia, no bairro Lins de Vasconcelos, Rio de Janeiro. Ela indagou se eu reconhecia o desenho como parte do levantamento para o sequestro do então ministro da Fazenda Delfim Netto.

Na oportunidade disse-lhe que era a primeira vez que via o croquis e, como jornalista que também sou, lhe sugeri que mostrasse o desenho ao próprio Delfim.

... A direção do jornal (ou sua repórter, pouco importa) tomou como provas conclusivas somente o suposto croquis e a distorção grosseira de uma longa entrevista que concedi sobre a

história da VAR-Palmares.

... Dilma Rousseff era militante da VAR-Palmares, sim, como é de conhecimento público, mas sempre teve uma militância somente política, ou seja, jamais participou de ações ou do planejamento de ações militares. O responsável nacional pelo setor militar da organização naquele período era eu.

... Jamais eu diria a qualquer pessoa, mesmo do comando nacional, algo tão ingênuo, inútil e contraproducente como "vamos sequestrar o Delfim, você concorda?".

... convém lembrar que o próprio companheiro Carlos Marighela, comandante nacional da ALN, não ficou sabendo do sequestro do embaixador americano Charles Burke Elbrick. Por que, então, Dilma deveria ser informada da ação contra Delfim?

Como a sequência interminável de denúncias de "quebra de sigilo" não fez Dilma despencar, o repórter da Folha Rubens Valente, transferido da base em São Paulo para a sucursal de Brasília, encontrou um pelinho implantado num ovo. A manchete sai no domingo, 5 de setembro de 2010:

Consumidor de luz pagou

R\$ 1 bi por falha de Dilma

A matéria caiu no vazio e a Folha até abandonou o assunto. Mas os adversários de Dilma montaram no porco. Serra repisou a “denúncia” na tevê por dez dias. E a candidata verde-evangélico Marina Silva? Estava em campanha na terra natal, o Acre, mas a Folha despachou para lá a enviada especial Flávia Foreque – a viagem, na Europa, equivaleria a cruzar uns três ou quatro países. Um esforço de reportagem para Marina invocar uma metáfora bíblica:

“Aos poucos se está descobrindo que existe muito pé de barro na gestão.”

A história vinha do governo FHC e Dilma deu as explicações técnicas. Mas, sem mais comentários. Vamos abrir espaço para a própria ombudsman do trovão da Barão Limeira, Suzana Singer. No domingo seguinte, 12 de setembro, Suzana, a única pessoa a exercer neste país o cargo de defensora dos leitores de uma publicação, defendeu com garra o direito dos leitores da Folha a saber o que acontece.

SUZANA SINGER ombudsman@uol.com.br @folha_ombudsman

O ATAQUE DOS PÁSSAROS

A manchete de domingo desencadeou uma onda anti-Folha no Twitter, que o jornal ignorou.

A Folha vem se dedicando a revirar vida e obra de Dilma Rousseff. Foi à Bulgária conversar com parentes que nem a candidata conhece, levantou a fase brizolista da ex-ministra, suas convicções teóricas e até uma loja do tipo R\$ 1,99 que ela teve com uma

parente no Sul. Tudo isso faz sentido, já que Dilma pode se tornar presidente do Brasil já no primeiro escrutínio que disputa.

Mas, no domingo passado, o jornal avançou o sinal ao colocar na manchete 'Consumidor de luz pagou R\$ 1 bi por falha de Dilma'. O problema nem era a reportagem, que questionava a falta de iniciativa do Ministério de Minas e Energia para mudar uma lei que acabava por beneficiar com isenção na conta de luz quem não precisava.

Colocar uma lupa nas gestões da candidata do governo é uma excelente iniciativa, mas dar tamanho destaque a um assunto como este não se justifica jornalisticamente.

Foi iniciativa de Dilma criar a tal Tarifa Social? Não, foi instituída no governo Fernando Henrique Cardoso. É fácil mexer com um benefício social? Não, o argumento de que faltava um cadastro de pobres que permitisse identificar apenas os que mereciam a benesse faz muito sentido. Existe alguma suspeita de desvio de verbas? Nada indica.

O lide da reportagem dava um peso indevido ao que se tinha apurado. Dizia que a propaganda eleitoral apresenta a candidata do PT como uma 'eficiente gestora', mas que 'um erro coloca em xeque essa imagem'. Essa tem que ser uma conclusão do leitor, não do jornalista.

Uma manchete forçada como a da conta de luz, somada a todo o noticiário sobre o escândalo da Receita, desequilibrou a cobertura eleitoral. Dilma está bem à frente nas pesquisas de intenção de voto e isso é suficiente para que se dê mais atenção a ela do que a seu concorrente, mas, há dias, José Serra só aparece na Folha para fazer 'denúncias'. Nada sobre seu governo recente em São Paulo. Nada sobre promessas inatingíveis, por exemplo.

Os leitores perceberam a assimetria. Durante a semana, foram 194 mensagens à ombudsman protestando contra o noticiário, mas o maior ataque ocorreu no Twitter, a rede social simbolizada por um

pássaro azul, que reúne pessoas dispostas a dizerem o que pensam em 140 caracteres. Até quinta-feira passada, tinham sido postadas mais de 45 mil mensagens anti-Folha.

Criatividade

Os internautas inventaram manchetes absurdas sobre a candidata de Lula: 'Empresa de Dilma forneceu a antena para o iPhone 4', 'Dilma disse para Paulo Coelho, há 20 anos: continue a escrever, rapaz, você tem talento!', 'Serra lamenta: a Dilma me indicou o Xampu Esperança' e 'Errar é humano. Colocar a culpa na Dilma está no Manual de Redação da Folha'.

O movimento batizado de #Dilmafactsbyfolha virou um dos assuntos mais populares ('trending topics') do Twitter em todo o mundo, impulsionado, em parte, pela militância política -segundo levantamento da Bites, empresa de consultoria de planejamento estratégico em redes sociais, 11 mil tuítes usaram um #ondavermelha, respondendo a um chamamento da campanha do PT na rede. Até o candidato a governador Aloizio Mercadante elogiou quem engrossou o coro contra o jornal.

Mas é um erro pensar que apenas zumbis petistas incitados por lideranças botaram fogo no Twitter. O partido não chegou a esse nível de competência computacional.

Na manada anti-Folha, havia muito leitor indignado, gente que não queria perder a piada, além de velhos ressentidos com o jornal.

Não dá para desprezar essa reação e a Folha fez isso. Não respondeu aos internautas no Twitter e não noticiou o fenômeno. O 'Cala Boca Galvão' durante a Copa virou notícia. No primeiro debate eleitoral on-line, feito por Folha/UOL em agosto, publicou-se com orgulho que o evento tinha sido um 'trending topic'. Não dá para olhar para as redes sociais apenas quando interessa.

A Folha deveria retomar o equilíbrio na sua cobertura eleitoral e abrir espaço para vozes dissonantes. O apartidarismo – e não ter medo de crítica – sempre foram características preciosas deste jornal.

Estava enterrado o assunto. Mas tem sobremesa: na mesma primeira página do 5 de setembro que anunciou o novo "escândalo", o humorista José Simão merecia chamada para sua coluna: "Escândalo é a cara do programa do Serra: o povo não entende!"

Falamos da repórter Fernanda Odilla, faz alguns minutos. Ela está de volta com dois colegas, Andreza Matais e o também já mencionado Rubens Valente. Os três mudaram o cardápio das "denúncias". Descobriram uma tentativa de tráfico de influência na Casa Civil. Israel Guerra, filho de Erenice Guerra, meses depois sucessora de Dilma Rousseff como ministra-chefe da Casa Civil, e um amigo que ele levou para lá, Vinicius de Oliveira Castro, marcaram audiência em 10 de novembro de 2009, que teria a presença da então secretária-executiva da Casa Civil. Eles receberiam Rubnei, chamado na reportagem de "sócio" da empresa paulista EDRB, de Campinas, também apresentado como "consultor". Rubnei contou à reportagem da Folha que Israel pediu R\$ 240 mil mais 5% sobre o empréstimo do BNDES, Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social.

Havia pelo menos três erros graves na reportagem, um erro para cada repórter, só na chamada da primeira página, embaixo da manchete:

Filho de Erenice pediu 5% por crédito do BNDES, diz empresa

De novo a sede de chegar ao pote. Em tempos de informática, os Grandes Irmãos, antes de abraçar esta nova denúncia, não fizeram pelo menos uma consultinha ao Tio Google antes de publicar? Primeiro, o jogo dos três erros:

1 Não foi uma empresa, EDRB, que acusou o filho de Erenice, mas o próprio Rubnei Quícoli.

2 Rubnei não era consultor.

3 Rubnei não era sócio da empresa.

Tudo bem. Erenice tinha marido e cunhado metidos em falcatruas; não fiscalizou as ações do pimpolho, nem cuidou de saber em companhia de quem estava andando – não atuou à altura do cargo. E quem pôs a mão no fogo por Erenice, ficou maneta. Mas, espera aí, logo no alto do documento que a secretária da Casa Civil envia para Rubnei, marcando a audiência com Erenice, e publicado na mesma primeira página do jornal, como evidência supostamente fatal, vemos que o endereço eletrônico do “empresário” é um hotmail! Você acreditaria num cidadão que se diz sócio de uma empresa que pleiteia R\$ 9 bilhões do BNDES e em cujo cartão apresenta como endereço eletrônico um hotmail?

Um editor de qualquer publicação que batesse o olho no cabeçalho do mencionado documento e visse hotmail já teria de chamar seus repórteres e sentar para conversar direito sobre tal matéria. E tem mais. Rubnei não era consultor, muito menos sócio da EDRB, empresa campineira dedicada a energia solar e eólica, que se apressou em negar qualquer ligação de Rubnei com ela; Rubnei era um candidato a lobista, mas você pode chamar de picareta ou escroque. Dizia-se associado à EDRB com sua KVA, da qual, afirmou, possuía 99,99% do controle. Dizia ele que queria tocar um projeto de energia solar com os R\$ 9 bilhões – na época perto de metade do custo de Belo Monte, que estará entre as três maiores hidrelétricas do planeta e no país só perderá para Itaipu.

Acredite se puder.

O BNDES lançou nota negando a “denúncia” e dizendo que a proposta vinda numa “carta-consulta” da empresa (EDRB) era de R\$ 2,25 bilhões. Já a empresa de Quícoli, apurou e publicou a revista IstoÉ em matéria de Leonardo Attuch, instalava-se atrás de uma portinhola, ao lado de um motel de quinta categoria, na periferia da periferia de Campinas.

Se algum dos repórteres tivesse chegado à portinhola de Rubnei teria de voltar correndo à redação e dizer ao chefe que aquela canoa

era furada. Mas se tratava de um topa tudo pelo poder. E a TV Globo “comprou” aquele jacaré podre e o levou ao ar. Este Rubnei um ano depois pediu desculpas ao PT pelo estrago que causou à candidatura Dilma. Mas os Grandes Irmãos não pediram desculpas a ninguém.

Convidamos você que nos lê a fazer uma visita ao Google Imagens e clicar em “Rubnei Quícoli”. Nós, que assinamos este livro, não daríamos ao assunto nem um “pirulito” de pé de página, que está mais para pé-de-cabra. O homem se veste como jacaré. Tem cara de jacaré. Pose de jacaré. Como não é jacaré? É jacaré!

Rubnei, depois se publicou – e disfarçadinho como sempre –, tinha condenação por receptação de carga roubada: dez toneladas de condimentos. Foi acusado em 2000 de receptação de moeda falsa. Foi também condenado por coação. Interrogado sobre a pena de prisão, depois transformada em prestação de serviços, respondeu:

“São processos na vida de uma pessoa comum.”

Claro, toda pessoa comum está sujeita um dia a esconder em casa dez toneladas de carga roubada, e aparecer num grande jornal como empresário decente acusando um filho de ministra de traficar influência. Quícoli, na tarde do mesmo dia 16 de setembro de 2010, em que a Folha publicou sua denúncia contra o filho de Erenice, foi entrevistado pelo G1, portal de notícias das Organizações Globo. Ele disse então que uma parte do empréstimo do BNDES serviria para “saldar dívidas da candidata à Presidência Dilma Rousseff, de Erenice e do ex-ministro e candidato ao governo de Minas Gerais Hélio Costa”.

Etapafúrdio os Grandes Irmãos dar espaço a quem diz coisas que já estão nos cheirando a um samba do jacaré maluco. Não deram ao leitor a menor pista de quem era aquele denunciante. Com certeza você e outros milhares de eleitores não dariam crédito a tal figura se lhes tivessem informado quem era Rubnei Quícoli.

Ao G1 da Globo, ele negou ligação com partidos, mas disse que a campanha de Serra o procurou e que mostraria o projeto ao candidato para que o ajudasse a viabilizá-lo. Um tuíte em pessoa entrou pela janela e pousou sobre nossa mesa de trabalho chilreando que viu Rubnei na produtora do programa eleitoral de Serra, para, quem sabe, gravar um depoimento, e receber uma ajudazinha de custo. Algo como um milhão e meio de reais. E o tuíte saiu voando.

Naquela mesma tarde, os gastos com a operação jacaré maluco compensaram os investidores: Erenice caiu fulminada, provocando considerável estrago na candidatura Dilma. Rubnei disse que lamentava, mas ao denunciar só queria tornar possível "a construção de uma usina de energia solar". Declarou:

"Estou salvando meu projeto, não estou caguetando ninguém."

Até o linguajar era de jacaré. Mas era um jacaré "deles". Como tantos outros que, de tempos em tempos, os Grandes Irmãos usam para fazer serviço sujo com a mão do gato. Um ano depois do jacaré, um javali dono de academia invade o palácio do governo do Distrito Federal, quebra o dedo de uma secretária, joga uma mala forrada de dinheiro gritando que não aceita suborno, até ser dominado pelos seguranças. E seu advogado tem direito a dizer a última palavra em pleno Jornal Nacional: a reação ao invasor "foi desproporcional". Agora, o PM João Dias queria incriminar o governador petista Agnelo Queiroz, depois de derrubar o ministro do Esporte, Orlando Silva. Não se discute aqui se houve desvios de conduta, mas da credibilidade que os Grandes Irmãos atribuem a esses bichos.

Viagem a estripulias do passado recente

No passado era mais fácil? – Levaram um presidente ao suicídio – No Rio, o povo depredou jornais que atacavam Getúlio – Em 1964, tirando a Última Hora, todos fizeram coro contra Jango – Agora, acuada, Dilma reage

Naquele mesmo 16 de setembro da derrubada de Erenice, a mais nova pesquisa Datafolha apontava Dilma Rousseff a confortável distância na frente de José Serra, ela com 51% das intenções de voto, ele com 27%; em terceiro, Marina Silva, com 11%. Uma semana depois, media-se pelo mesmo instituto o tamanho do estrago da denúncia do jacaré: Dilma 49%, Serra 28% e Marina, pela primeira vez, chegando aos 13%. E a vantagem de Dilma sobre os dois mais fortes adversários caiu 5 pontos.

Contudo, o fator determinante para haver um segundo turno não foi Erenice, eis que com o novo quadro mostrado na pesquisa Dilma venceria no primeiro turno com 54% dos votos válidos contra 46% de todos os outros adversários somados. O que aconteceria nessa reta final de duas semanas até o 3 de outubro? Naquele domingo, Dilma chegou ao fim do primeiro turno com 46,9% dos votos válidos, Serra com 32,6% e Marina com 19,3% – quase 20 milhões de votos. É humano: Dilma venceu mas entrou em depressão, com olheiras de ursinha panda, junto com Lula, o staff da campanha e dois terços do povo brasileiro.

O marqueteiro baiano João Santana, responsável pela campanha petista, depois da vitória, enfim, no segundo turno, explicará em entrevista à Folha que foi o caso Erenice que levou Dilma ao segundo turno. Esqueceu-se de que, como informou Veja na primeira semana de outubro de 2010, ele mesmo encomendou “pesquisa para descobrir os motivos que levaram eleitores a

abandonar o barco de Dilma dias antes da votação no primeiro turno". A aferição concluiu que grande parte dos vira-casacas alegou que ficou sabendo que Dilma "declarou-se favorável à descriminalização do aborto".

A medida é apoiada por apenas 11% dos brasileiros. Por quê?

Porque os Grandes Irmãos estão aí para confundir, não para esclarecer. O povo acha que Dilma é "a favor do aborto", quando ela sempre fez questão de dizer que é contra – o que ela apoia é a descriminalização, como você verá daqui a pouco, no primeiro debate entre ela e Serra no segundo turno. Os Grandes Irmãos poderiam contar ao povo brasileiro que na Itália, berço do catolicismo, sede da Igreja católica, onde se localiza o Estado do Vaticano, mesmo atrasada em termos de Europa, a Itália descriminalizou o aborto em 1978. Se já não esclarecem normalmente, imagine se iam esclarecer naquele momento.

O então deputado pelo PT da Bahia Walter Pinheiro discordava do conterrâneo João Santana. Senador eleito pela Bahia com 3 milhões e 600 mil votos, evangélico batista e expoente da ala religiosa conservadora do partido, Walter Pinheiro procurou a Folha para rebater ao marqueteiro e ponderar, com argumentos bem razoáveis, que o segundo turno foi provocado pela onda religiosa obscurantista, medieval, açulada pelos Grandes Irmãos nos últimos dias antes do 3 de outubro. Eis os pontos levantados pelo senador Pinheiro:

1 Se fosse o caso Erenice, a campanha de Dilma teria veiculado peças e declarações para neutralizar a denúncia do jacaré, e não, como aconteceu, ações de marketing para "conter a onda de boatos e mentiras na área religiosa contra Dilma".

2 Se o caso Erenice foi tão bombástico a ponto de levar ao segundo turno, por que ele "se dissipou ao vento" e os Grandes Irmãos não falaram mais nisso na reta final do primeiro turno, tampouco no segundo turno?

3 Já a onda de boatos e ataques apócrifos (Dilma é lésbica, dizia um panfleto distribuído no Maranhão), em geral repercutidos pelos Grandes Irmãos, inundaram a internet; e, por meio de pregações nos púlpitos, chegaram aos grotões pela rede de igrejas católicas e evangélicas: Dilma matou gente, é terrorista, disse que “nem Jesus me tira a vitória”, é a favor do aborto – esta o adversário percebeu e encaixou, dizendo coisas como “eu respeito a vida”.

4 Se o debate religioso foi “só uma vírgula”, como disse João Santana, pergunta o senador: “Por que o publicitário não fez vacina para o caso Erenice? Ele estava no marketing, eu estava na rua.”

Com o beneplácito e a torcida dos Grandes Irmãos, um José Serra transformado em extremista de direita, por vezes mais à direita ainda que o próprio DEM, uma Marina Silva citando versículos e triciclos da Bíblia, abraçada ao verde, atraindo incautos com discurso moderninho mas sendo contra qualquer modernização da ciência e do comportamento, com uma cachopa de marimbondos tecida com seus cabelos atrás do crânio porque sua religião não permite à mulher cortar os cabelos, e se ela os soltasse ficariam abaixo da cintura e denunciariam seu atraso, e ela cobrando honestidade mas dividindo o leito conjugal com um marido enroscado na família Sarney no milionário escândalo da Usimar no Maranhão; e colonistas cerrando fileiras com a Tradição, Família e Propriedade, a TFP, com a Opus Dei, com os carcomidos generais golpistas de 64 do Clube Militar: o Brasil parecia voltar séculos antes da separação Igreja-Estado. Idade das Trevas.

Então foi que o impossível aconteceu.

De longa data os meios monopolistas de comunicação tentam barrar os avanços sociais, se possível até dar marcha à ré na roda da história, como tentaram em 1954 e conseguiram em 1964.

Em 1954, diante das medidas nacionalistas e a favor dos desvalidos tomadas por Getúlio – Petrobras e o monopólio estatal do petróleo, que irritaram as petroleiras do hemisfério norte; Volta Redonda, fundadora da nossa indústria de base; salário mínimo dobrado de

uma penada; etc. Então, as incipientes redes, como os Diários Associados de Assis Chateaubriand, e os principais jornais e rádios (televisão engatinhava) bateram o bumbo contra Getúlio. Criaram o mote demolidor: mar de lama, para induzir o povo de que Getúlio estava mergulhado na corrupção – ele que ao morrer deixou apenas a fazendola herdada dos pais e um apartamento modesto no Rio. O “demolidor de presidentes” Carlos Lacerda falava no rádio e na tevê, e escrevia em seu jornal, Tribuna da Imprensa.

No meio do século 20, segundo uma criação anônima, o Rio era “o tambor do Brasil”. Não era muito difícil derrubar um presidente, instalado no Palácio do Catete, ou com residência oficial no Palácio Guanabara, de muros tão expugnáveis que, em 1938, no chamado Putsch Integralista, quando o então ditador Vargas percebeu, os fascistas já atacavam a guarda nos jardins – ele e a família pegaram em armas para se defender.

Em 1954, o chefe da guarda do Catete contribuiu indiretamente para a derrocada, ao ordenar a apaniguados seus que matassem o jornalista Lacerda.

O frustrado atentado da Rua Toneleros, do qual Lacerda saiu apenas com um suposto ferimento no pé, levou à criação de um precursor dos Doi-Codis da ditadura militar instaurada dez anos depois: a República do Galeão. Os acusados e implicados, nas mãos de militares da Aeronáutica e dos policiais chefiados por Cecil Borer, foram torturados à vontade. Não houve brutalidade que esquecessem.

Havia uma ligação direta entre a República do Galeão e a imprensa, através principalmente do Diário Carioca. Tão íntima, que seu editor-chefe Pompeu de Souza ficou conhecido como “presidente da República do Galeão”. A Tribuna de Imprensa já era íntima, pela ligação de Lacerda com os militares golpistas.

Pompeu de Souza tinha livre acesso ao antro de torturas da Base Aérea. E o Diário Carioca virou um house-organ da República do Galeão. Um repórter desse jornal, por acaso, se tornaria célebre

mais tarde, como diretor de jornalismo da Rede Globo durante os piores anos da ditadura militar. Armando Nogueira, aos 27 anos, conversava com amigos na Toneleros na madrugada de 5 de agosto de 1954, quando ouviu tiros na frente do edifício Albervânia, ali perto. E virou testemunha ocular da história.

Viu Alcino João do Nascimento disparar contra Lacerda, enquanto seu guarda-costas, o major da Aeronáutica Rubens Vaz, agonizava, atingido pelo pistoleiro. Armando contou o que viu, no Diário Carioca. A oposição, incendiada pelo próprio Lacerda, iria explorar o atentado com tal sanha, que levaria o “pai dos pobres” ao suicídio 19 dias depois.

Nos 30 anos do crime da Toneleros, Armando Nogueira, agora todo-poderoso diretor de jornalismo da Rede Globo, ao gravar um Globo Repórter, reencontrou Alcino – que havia cumprido mais de 21 anos de prisão. Um de nós, autor de uma biografia de Alcino, trabalhava na Globo: Palmério Dória, a quem Armando fez confidências. Ele segredou que não contou na época exatamente o que viu.

O que levou Armando Nogueira a contar o que não viu? – “Na verdade, a cena que vi foi um fogo cruzado de Lacerda com Alcino, o major no meio”. Armando, morto aos 83 anos em março de 2010, contou só o que convinha aos torturadores e seus superiores militares e civis.

Lacerda simulou um tiro no pé para posar de vítima, carregado no colo por soldados, e assim fotografado para publicação na imprensa. No tiroteio se usou arma calibre 45. Um balaço de 45 destruiria até o pé do Cyborg, o homem biônico. Por isso nunca houve exame de balística.

O mestre-de-obras Alcino, vivíssimo aos 87 anos em 2010, não abriu mão de sua versão. Atirou, sim, no peito do major Vaz, mas não no pé de Lacerda.

Quais razões ele teria para mentir? As razões do jornalista Armando Nogueira e do Diário Carioca não sabemos, só podemos supor:

ajudar a derrubar o presidente que havia voltado ao Catete “nos braços do povo”.

O suicídio de Getúlio provocou comoção nacional. E, no Rio de Janeiro, imediata reação popular, com ataques a jornais antigetulistas, embaixada dos Estados Unidos, escritórios de empresas americanas. A oposição se desarvorou. Lacerda fugiu para Cuba – a Cuba do ditador sanguinário Fulgêncio Batista. E 1 milhão de pessoas acompanharam o cortejo até o aeroporto, de onde o corpo de Gegê rumaria para o enterro em São Borja, sua terra natal.

Os meios de comunicação monopolistas, a Igreja católica, os militares de direita formados nas academias norte-americanas, as empresas transnacionais e o Departamento de Estado trataram de aprimorar a estratégia para, dez anos depois, enfim barrar a revolução brasileira, com a reforma agrária, a reforma urbana, uma nova e menos rapinante Lei de Remessa de Lucros das empresas estrangeiras aqui instaladas – medidas com as quais acenava o presidente reformista João Goulart, afilhado político de Getúlio. A CIA, Agência de Inteligência dos Estados Unidos, já agia em 1961. Deu no Washington Post em 1973, pouco depois do pinochetaço:

Em 1962 e 1963, a CIA interveio contra o governo João Goulart no Brasil por meio de fundos secretos e manipulação política, principalmente instrumentos da guerra política, camuflada dentro da imprensa e do movimento operário.

O ano é mais recente e, no alvorecer da segunda década do século 21, há milhões de testemunhas do que foi 1964 vivas por aí. Os maiores de 60 anos se lembram bem.

Injeção de dólares no treinamento policial e militar, a compra de intelectuais como Nélide Piñon, Rubem Fonseca, Rachel de Queiroz para redigir artigos e roteiros de filmetes, o patrocínio e financiamento de empresas de comunicação via Ibad, Instituto

Brasileiro de Ação Democrática, com dinheiro da Texaco, Shell, Esso, Standard Oil, Bayer, Schering, General Electric, IBM, Coca-Cola, Souza Cruz, Belgo-Mineira, General Motors, a campanha de difamação do presidente João Goulart, o Jango, que incluía até a vida pessoal, com sugestão de mulher adúltera, o fantasma do "comunismo", as "marchas da família com Deus pela liberdade", de novo Lacerda no rádio e na televisão em discursos incendiários, e uma reta final com manchetes arrasadoras, como "Basta", "Fora!" – as últimas escritas a várias mãos, entre elas as mãos de Antônio Callado, Osvaldo Peralva, Edmundo Moniz e Carlos Heitor Cony.

Se alguém duvidasse que toda essa imensa curriola estava a soldo e a mando de Washington, a dúvida se dissiparia quando, pouco tempo depois, se soube da Operação Brother Sam, uma frota se deslocando do Caribe para nosso litoral com 100 toneladas de armas, petroleiros, porta-aviões com caças e helicópteros, seis destróieres, encouraçado, navio de transporte de tropas e 25 aviões de transporte de material bélico, para garantir o golpe em caso de reação.

Reação? Milhares de brasileiros de esquerda caíram presos entre a noite de 31 de março e o dia 1º de abril de 1964 e não se soube de um só caso de quem tenha reagido.

No dia 10 de outubro de 2010, o domingo seguinte às eleições do primeiro turno, havia uma tensa expectativa no eleitorado de Dilma quanto ao seu desempenho no primeiro debate do segundo turno, na Band. Será que ela havia superado o baque? Até a véspera do 3 de outubro era considerada eleita sem necessidade de segundo turno, e no Dia D a vitória lhe escapou por pouco mais de 3% dos votos. A semana tinha começado com as hostes governistas em clima de exército que já se via tomando a cidadela inimiga e sofre um contra-ataque paralisante. No lado adversário, havia exultação. Os tucanos preparavam uma campanha respaldada na "discussão de valores", com um lema batido no jingle "Serra é do bem" – ou seja, portanto "Dilma é do mal", em alusão à questão do aborto, explorada contra a candidata do PT.

Mas perdeu quem apostou que Serra viria “pra cima”, reanimado pela possível virada. O que se viu foi Dilma, ao fazer a primeira pergunta, acuar Serra. Como uma mãe que apanha o filho em grave transgressão, a futura presidente não bateu, não pôs de castigo, não gritou nem muito menos vociferou. Usou um tom sereno, da mãe que aconselha, que ralha não com o fígado, mas com o coração.

Eu acho, Serra, que você precisa ter cuidado para não ter mil caras. Porque a última mentira e calúnia contra mim ocorreu no caso em que vocês diziam que nós, que a minha campanha tinha aberto sigilo. E aí, o que aconteceu? Há hoje uma denúncia em que você... o juiz denunciou e você hoje é réu pelo crime de calúnia e difamação. Então você se cuida, porque você está dando os primeiros passos pra entrar na questão da ficha limpa. (...) Tem uma campanha contra mim. Essa campanha se caracteriza pelo fato de eu ter sido acusada de coisas. Inclusive eu acho estranho você dizer certas coisas, porque você regulamentou o aborto, regulamentou o acesso do aborto no SUS [Serviço Único de Saúde]. Então, veja bem: eu sou acusada de coisas, que inclusive eu não vou gostar de mencionar, pela sua própria esposa, sendo que você regulamentou. Eu até concordo com a regulamentação. Porque sou contra tratar a questão das duas mulheres que morrem por dia, dia sim dia não, nesse país, por aborto, como uma questão de polícia. Entre prender e atender, eu fico com atender.

Daí até o fim do debate, o que se via era, a cada frase de Serra, seu pomo-de-adão subindo e descendo, e quase que se podia ouvi-lo engolir em seco – “gulp!”. As mil caras, alegadas por Dilma, por tabela aludiam à capa de Veja daquela semana, com a candidata em duas fotos, uma delas de ponta-cabeça, confundindo em vez de esclarecer. Crimezinho de imprensa vagabundo.

Um sofisma.

Na cara de cima, Dilma diz em outubro de 2007 que é a favor da “descriminalização” do aborto; na cara de baixo, a de ponta-cabeça (quanta criatividade!), ela diz, agora candidata, que é contra e que não acredita que haja “uma mulher que não considere o aborto uma violência”. Vamos pegar uma carona na performance do perito em fonética Ricardo Molina:

“São dois eventos completamente diferentes”, dizemos nós, “um é o evento aborto e o outro é o evento descriminalização do aborto.”

As mil caras de Serra eram todas falsas, menos uma, a única verdadeira: a cara de um homem de mil caras. Na campanha, logo no primeiro programa, ele aparece com... Lula! A claque dos Grandes Irmãos arrepiou os pelos da nuca. Onde estava o Fernando Henrique? Serra tentou desempenhar o papel de continuador do governo Lula, candidato da união, de homem acima dos partidos, de mais preparado, de honesto, de devoto de santa, de marido extremoso, de vítima, de indignado, de verdadeiro, de bem humorado, de cantor do Hino Nacional. Mas, já dissemos, é péssimo ator. Não convence.

A partir deste primeiro debate do segundo turno, a face obscurantista da Igreja católica e de igrejas menos votadas entrariam com vigor total na campanha. E, quem diria, a bala de prata que mata o vampiro viria do Vaticano, do papa Bento XVI em pessoa, do papa que, creem os católicos, é infalível. Será que Dilma escaparia dessa?

Se escapasse ficaria provado que contava com forças superiores ao próprio papa, esse que na juventude serviu ao exército nazista. Os inimigos de Dilma espalhavam-se aos milhares na internet, e por todo meio difundiam que ela disse (era mentira deles) que nem Jesus Cristo lhe tiraria a vitória naquela eleição. Mentira, ao mesmo

tempo verdade, pois Dilma venceu, portanto o Filho do Pai estava com ela, e não a desamparou. Como se daria isto?

Milagre da multiplicação dos panfletos

Você viu na mídia Tasso agredir o padre que condenou a distribuição de panfletos anônimos antiDilma na igreja? – Gráfica tucana imprimiu mais de 20 milhões – Polícia apreende – Tucanos explicam: foi coincidência

No dia 13 de outubro de 2010, o presidente Lula foi visto entrando pela porta dos fundos de um hotel em Brasília. Ia tratar de assunto tão delicado, que preferiu a discrição. Ele encontraria Dilma Rousseff já reunida num auditório com mais de cem lideranças evangélicas. Havia deputados federais, mas o maior ali era o senador fluminense Marcelo Crivella, do PRB – Partido Republicano Brasileiro. Brasileiro pode ser, mas republicano jamais. O que eles queriam era pré-republicano, e a questão não se encerraria ali – perseguiria Dilma até depois de passar a governar: no quinto mês como presidente, teria de recuar e mandar suspender a distribuição de uma cartilha contra a homofobia nas escolas.

Dilma iria assinar documento se comprometendo a não enviar ao Congresso mensagem alguma prevendo a descriminalização do aborto nem propondo a regulamentação do casamento entre homossexuais. Dilma também aceitou que os pastores divulgassem entre os fiéis sua (deles) posição contrária à prostituição e a descriminalização das drogas. Era a condição para que as igrejas ali representadas apoiassem a candidatura Dilma à presidência.

No nosso tempo isto se chamava chantagem. Mas ela teve de engolir o maior sapo da campanha, tal foi o tsunami de mensagens de ordem religiosa, insuflado e repercutido pelos Grandes Irmãos: Dilma é a favor do aborto, Dilma vai liberar as drogas, Dilma é leniente com a prostituição, Dilma vai aprovar o casamento gay.

Na véspera, tinha sido obrigada a pisar num lugar que talvez jamais tenha pisado na vida, o santuário de Aparecida do Norte, onde estava tão à vontade como crioulo sem capuz em reunião da Ku-Klux-Klan. Quem não reparou em seus olhares de esguelha durante a missa para ver o que devia fazer? Cochilou e entrou atrasada na hora do pelo sinal da cruz – e ainda esqueceu-se de beijar o polegar no fim.

Estava em território minado. Centenas de obreiros distribuía milhares de panfletos contra ela, desde a estrada até dentro da catedral, tão acintosos e impertinentes que as autoridades eclesiásticas pediram-lhes que fossem distribuir aquilo lá fora.

Mas os milhares ali distribuídos eram gotículas num oceano. Estavam encomendados em quantidades bíblicas: 20 milhões. Você faz ideia? Nós não. Não somos bons em matemática. Mas deve ser coisa para se transportar em contêineres.

A gráfica agraciada com a milionária encomenda, Editora Gráfica Pana Ltda., fica no Cambuci, centro de São Paulo. Anuncia que imprime panfletos, jornais, revistas, com o selo FSC, sigla em inglês para o Conselho de Manejo Florestal, iniciativa para o uso racional das florestas. Mas com gente é diferente. Aqueles panfletos difamavam Dilma Rousseff, diziam que ela era a favor do aborto. E embora a produção estivesse em andamento, já chegavam até o sertão do Ceará, a Canindé, cidade de turismo religioso a 120 quilômetros de Fortaleza. O povo de Canindé é devoto de São Francisco de Assis, seu padroeiro. E, no sábado daquela mesma semana, assistiam missa durante a Festa de São Francisco, maior evento religioso da cidade, quando, quase ao fim da cerimônia, se deu um tumulto, provocado pelo panfleto.

O frade já tinha ficado incomodado quando Serra, mais o ex-senador tucano cearense Tasso Jereissati e comitiva chegaram à igreja com a cerimônia em andamento, ocupando as primeiras fileiras e conversando, o que provocou “uma pequena confusão”, na versão do enviado especial da Folha, Fábio Guibu. O padre pediu que, se

fosse para causar tumulto, que se retirassem, “porque o povo lá estava para ouvir São Francisco, e não políticos”, segundo o repórter Ítalo Coriolano, do principal jornal cearense, O Povo. O celebrante, padre Francisco, quase no fim da missa, mostrou então o panfleto com críticas a Dilma em temas relativos à religiosidade. E disse que “ninguém podia falar em nome da Igreja, e que aquela não era a posição da Igreja. Relata O Povo:

“Tasso, que estava na frente, não se conteve e partiu para cima do padre, chamando-o de petista. Foi contido por uma assessora e por sua mulher, dona Renata.”

O desrespeito dentro do templo, e o tumulto causado, não mereceram sequer uma nota ao vivo no Jornal Nacional. Tampouco referências nos grandes jornais e revistas para tão abusado gesto. O coronel eletrônico Tasso Jereissati divide com irmãos e com a família Queiroz, de sua mulher, a holding em que transformaram seu Estado. Portanto, não podia admitir que um padre o admoestasse dentro de sua propriedade, o Ceará. E ele ainda curtia a ofensa de, duas semanas antes, ter sido implacavelmente rejeitado nas urnas. Tasso não se reelegeu para o Senado.

Por trás do panfleto que saiu pela culatra havia o dedo de uma Igreja dos tempos da Inquisição e o dedo de uma frente tucano-demista-opus-tefepista, por aí. A encomenda recebida pela Gráfica Pana vinha assinada pelo bispo Luiz Gonzaga Bergonzini, o Torquemada de Guarulhos, na Grande São Paulo, município que concentra o segundo maior colégio eleitoral paulista – só perde para a capital. Esse bispo não é lá muito católico. Separação Igreja-Estado para o bispo Luiz Gonzaga? Ele era, naquela eleição, o próprio coração das trevas. Centralizava o horror. Partia da Mitra Diocesana de Guarulhos todo tipo de patifaria.

Os Grandes Irmãos não fizeram questão alguma de ressaltar algo bem cristalino, que em suas páginas, físicas ou eletrônicas, ficou obscurecido. Vamos instigar nossa imaginação. Suponhamos que um bispo encomendasse 20 milhões de panfletos, numa gráfica ligada ao PT, acusando José Serra de num carnaval passado ter saído de baiana, requebrando e virando os olhinhos. Que carnaval não fariam os Grandes Irmãos, hem? Você acha o exemplo absurdo? Pois é, mas e o panfleto do bispo?

Desde julho de 2010 o Torquemada de Guarulhos vinha achincalhando o PT e Dilma. Agora, recorria a uma gráfica pertencente a uma mulher filiada ao PSDB desde 1991, Arlety Satiko Kobayashi. Irmã de Sérgio Kobayashi, que outrora pertenceu à Arena, partido de sustentação do regime militar. E agora, era coordenador de infraestrutura da campanha de Serra. Infraestrutura, que cuida de produzir a infra, que inclui panfletos. Mas os Grandes Irmãos publicavam as negativas de Serra e Kobayashi sem exclamação, sem "sic" e sem qualquer questionamento. Vamos abrir os microfones para as desculpas de Serra e Kobayashi. Sobre a gráfica pertencer a sua irmã, Kobayashi foi sucinto:

"É uma coincidência."

E Serra:

"O fato da gráfica ser ou não ser de uma parente de alguém que está trabalhando na campanha é inteiramente irrelevante."

Claro, relevante seria se a gráfica fosse de alguém ligado ao PT e estivesse imprimindo panfletos contra ele.

Como Monica Serra virou a mulher invisível

Dilma a favor de matar criancinhas! - Ex-aluna de Mônica diz que ela fez aborto - Excepcionalmente reconhecemos que fizeram jornalismo e tiramos o chapéu - Mulher de Serra depois dessa vai ao Chile e desaparece

Os Grandes Irmãos possuem, cada um, sua lista negra. Quem entra ali não tem seu nome noticiado mesmo que ateie fogo às vestes – o Estadão chegou ao ridículo de não publicar o nome do próprio governador de São Paulo, Adhemar de Barros – grafava A. de Barros. Caso a pessoa inclusa na lista negra tenha projeção nacional ou internacional, minimizam ou omitem seus feitos. Também possuem suas listas de “queridinhos”. Um deles, na campanha eleitoral de 2010, era José Serra, que o Estadão, em atitude rara (e louvável) na nossa imprensa diária, apoiou no editorial O mal a evitar, de 25 de setembro, um sábado. O que não se pôde louvar foi o que aconteceu uma semana depois, 2 de outubro, véspera da votação do primeiro turno. A psicanalista Maria Rita Kehl, colunista do Estadão, publicou o artigo Dois Pesos..., em que desqualificava aqueles que desqualificam o voto dos pobres – em sua maioria pró-Dilma.

Primeiro, o diretor de redação Ricardo Gandour tentou livrar-se de Maria Rita alegando que a fúria de leitores e conselheiros da empresa havia tornado a situação “insustentável”. Depois, como o boato sobre a iminente demissão dela correu pelo mundo virtual e gerou protestos, Gandour tentou voltar atrás, mas propondo que Maria Rita não tratasse de nenhum outro assunto que não a psicanálise. Por fim, porque para Maria Rita o mal a evitar era Serra na presidência, o Estadão a demitiu. O jornal que se gaba de

paladino-mor da liberdade de imprensa e de expressão queria pôr a colunista em liberdade de expressão vigiada.

O que os Grandes Irmãos não fazem por seu "queridinho". Na campanha de 2002, quando Lula afinal chegaria à presidência, o principal concorrente do Estadão em São Paulo, a Folha, preparou uma cilada para ele. Em *Do Golpe ao Planalto*, livro de 2006, o jornalista Ricardo Kotscho narra sobre o dia em que Lula foi recebido no tradicional almoço do jornal da Barão de Limeira, com diretores, editores e repórteres especiais. O clima já "não pareceu muito amigável desde o momento em que 'seu' Frias recebeu Lula e José Alencar", escreve Kotscho, e conta:

Assim que os comensais sentaram à mesa, Frias Filho disparou a primeira pergunta: se Lula se sentia em condições de governar o país, mesmo sem ter se preparado para isso, não sabendo nem falar inglês. O candidato fez uma expressão de incredulidade, olhou prá mim como quem diz: "E eu tinha que ouvir isso?", engoliu em seco e deu uma resposta até tranquila diante daquela situação constrangedora.

Como se tivessem sido ensaiadas, as perguntas seguiram no mesmo tom hostil ao convidado até que, já quase na hora em que seria servida a sobremesa, alguém quis saber como ele se sentia ao aceitar uma aliança com Paulo Maluf. O argumento era que, se o PL apoiava Maluf na eleição para governador de São Paulo, o candidato do PT a presidente também estaria se aliado ao político que mais combatera durante toda a história do partido. Não havia porém, nenhuma aliança em São Paulo entre o PP e o PT, que disputava a mesma eleição tendo como candidato o deputado federal José Genoíno. Foi a gota d'água. Lula não respondeu; levantou-se, dirigiu-se a "seu" Frias e comunicou: "O senhor me desculpe, mas não posso mais ficar aqui. Vou embora. Não posso aceitar isso, em nome da minha dignidade."

Ficou todo mundo paralisado. "Seu" Frias levantou-se também. Antes de sair, Lula ainda disse a Otavinho, o único que permaneceu na sala: "Eu não tenho culpa se você está nervoso porque teu candidato vai mal nas pesquisas". Para ele, a Folha estava apoiando José Serra. Pegando no braço do candidato, "seu" Frias o acompanhou até o elevador e depois até o carro, no estacionamento, com os outros todos caminhando atrás. "Nunca tinha acontecido isso antes na nossa casa", lamentou.

Pois é. Nunca antes na história do jornalismo brasileiro tanta falta de berço. Quem nasceu para Frias, jamais chegará a Samuel Wainer.

Os Grandes Irmãos não são perfeitos. Tiveram de publicar no meio de setembro de 2010:

Mônica Serra passou a tarde desta terça-feira (14) em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, acompanhada de Indio da Costa (DEM), candidato a vice na chapa encabeçada por seu marido, José Serra, anunciando a quem passasse:

"Sou a mulher do Serra e vim pedir seu voto." Na cidade que foi governada pelo candidato ao senado Lindbergh Farias, do PT, nos últimos cinco anos, a mulher de Serra partiu para o ataque à adversária do marido, a petista Dilma Rousseff.

A um eleitor evangélico, que citava Jesus Cristo como o "único homem que prestou no mundo" e que declarou voto em Dilma, a professora afirmou que a petista é a favor do aborto. Mônica falou com o vendedor ambulante Edgar da Silva, de 73 anos.

“Ela é a favor de matar as criancinhas.”

A notícia veio da Agência Estado, no dia 14 de setembro de 2010. Era a isto que se referia Dilma Rousseff quando enquadrou José Serra no primeiro debate do segundo turno, na Band, reclamando que o adversário e seus asseclas vinham sustentando uma campanha movida a calúnias, partidas inclusive da “sua própria esposa”.

De fato, Mônica Serra vinha peregrinando pelo país disseminando aquela e outras barbaridades, assumindo com tal convicção o papel de “mulher do Serra” que dava a impressão de ainda dividir o mesmo teto com ele. Estava tomada. Mônica e Serra achavam que haviam descoberto o caminho da vitória. Ele, duas semanas depois, se fez fotografar em Uberlândia, Triângulo Mineiro, beijando uma imagem de Nossa Senhora da Abadia. Era voto entrando por uma urna e saindo pela outra. Os evangélicos abominam o culto a imagens.

A mesma falta de percepção do ridículo da vida teve Mônica, passadas mais outras duas semanas. Ela recebeu na basílica de Aparecida do Norte, no dia 12 de outubro, uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, para levar no dia seguinte aos 33 mineiros chilenos que seriam resgatados de uma mina a 700 metros de profundidade, onde se encontravam presos desde 5 de agosto de 2010. Para lá voou num avião do banqueiro Ronaldo Cesar Coelho, amigo de Serra. E lá se encontrou com outro amigo de Serra, Sebastian Piñera, presidente do Chile.

De uma só tacada, Mônica Allende Serra incomodava prováveis eleitores de esquerda e, de novo, evangélicos. Estes, pela já mencionada ojeriza ao culto de imagens. Aqueles, por ser recebida por um presidente de direita, ela que, sendo chilena, casou com Serra quando ele se exilou no Chile e tiveram, os dois, de abandonar Santiago quando um golpe militar sangrento de direita depôs um parente distante dela, Salvador Allende.

A hipocrisia do casal seria desmascarada pelo jornal fluminense *Correio do Brasil*. Seu editor-chefe, Gilberto de Souza, viu na rede social Facebook o desabafo da artista Sheila Ribeiro. A moça, bailarina, havia sido aluna de Mônica Serra na Unicamp, Universidade de Campinas, no início dos anos 1990. E, dia 10 de outubro de 2010, assistindo ao debate na Band no qual Dilma cobrou de Serra as “calúnias” de sua mulher, e vendo que Serra não respondeu, ficou indignada. Postou:

Com todo respeito que devo a essa minha professora, gostaria de revelar publicamente que muitas de nossas aulas foram regadas a discussões sobre o aborto, sobre o seu aborto traumático. Mônica Serra fez um aborto.

A repórter Conceição Lemes, do *Correio do Brasil*, fez o que nenhum outro repórter dos Grandes Irmãos fez: foi atrás. Localizou Sheila, ouviu sua história. Conversou com outras três ex-alunas de Mônica Serra, que confirmaram o que Sheila havia contado. E publicou a reportagem no *Correio do Brasil*, a 13 de outubro de 2010. Então a *Folha de S. Paulo* se rendeu, três dias depois. Outra mulher, Mônica Bergamo, que assina uma das colunas mais lidas da *Folha*, publicou no sábado, 16 de outubro, uma das peças mais decisivas da campanha eleitoral de 2010.

Vamos estender tapete vermelho para o discurso de Sheila Ribeiro Canevacci, nome artístico Sheila Ribeiro, por acreditar que, se juntar tudo quanto todos os candidatos daquela campanha disseram de bom, não chega ao nível da compreensão do que seja humanismo, ética, republicanismo dessa moça de 37 anos. Segundo os relatos, em seu meio Sheila é conhecida e reconhecida aqui e lá fora e “quem priva do seu convívio pessoal ou profissional não se espantou com a atitude dela”. A bailarina é filha de Majô Ribeiro, militante feminista, pesquisadora do Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero da Universidade de São Paulo. Foi candidata

derrotada a vereadora e vice-prefeita pelo PSDB de Osasco, Grande São Paulo.

Antes de ouvir o que Sheila diz, ouça o que falam sobre ela alguns de seus pares e mestres. Helena Katz, professora no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica e no Curso Comunicação das Artes do Corpo, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo:

“A potência da sua poética sempre crítica insufla, em cada um dos que entram em contato com as suas produções, a esperança de que um mundo melhor é possível”.

Coreógrafo Wagner Schwartz, do Rio:

“Como sempre, seja em suas práticas artísticas ou entre amigos, Sheila reafirma a necessidade de se pensar o lugar das classes menos favorecidas, independente da grande escala de forças contrárias às suas ações, porque sua finalidade é, sempre, investigar a causa, sua dor e a sua liberdade.”

Artista e produtora Cândida Monte, de Curitiba:

“Sheila Ribeiro é uma mulher que escolhe atuar, pessoal e profissionalmente, com sinceridade e transparência. Age sempre de forma observadora, pensadora e questionadora. Tem um enorme interesse em discutir e refletir.”

Vamos aos melhores momentos dos depoimentos da moça:

NÃO ADMITO QUE A PRÓPRIA VÍTIMA SE ASSEMELHE AO SEU OPRESSOR

A minha primeira preocupação foi exercer a minha cidadania. Acharam que eu fiz isso porque eu vivi praticamente a minha vida inteira de adulta no Canadá, onde as pessoas falam abertamente sobre esses assuntos e outros assuntos complexos de se abordar. O que me interessa é a saúde pública.

No Canadá, o aborto é legalizado. Eu te contei das clínicas [públicas] de ginecologia lá? Você telefona, funciona assim. Bem-vinda à clínica da mulher. Para urgências, disque zero. Consultas, disque 1. Abortos, disque 2. Exames, disque 3.

Se a pessoa é religiosa, ninguém a obriga a fazer o aborto. Muito bem. A pessoa pode ser religiosa, dizer eu sou contra o aborto em todos os níveis, eu nunca vou fazer o aborto, porque é um crime perante Deus. Ok. Só que você pode não misturar essa coisa crime perante Deus, porque no Estado laico não tem Deus.

Quem é religioso, não é obrigado a fazer. No Canadá, é visto como problema de saúde pública.

O que me chocou mais, mais, mais, é que o aborto é uma questão de todos. Até uma pessoa militante contra a descriminalização do aborto já fez aborto. Além da Mônica, eu cito a Benedita da Silva (PT), que é contra a descriminalização do aborto e também fez aborto.

Significa o quê? Olha a lógica da matemática. Se eu sou contra a descriminalização, acho o aborto um crime e faço o meu clandestino, eu deixo criar uma coisa perversa em mim que é o contrário absoluto da cidadania. Morrer não é só porque tomou Cytotet, colocou agulha de crochê. Morrer é também não poder exercer a sua cidadania. Daí a importância da descriminalização.

Agora se você é uma religiosa e faz aborto, está cometendo um crime religioso. É um problema seu cultural, social, religioso. Isso é um problema da pessoa.

O que mais me deixou indignada, portanto, é que até as militantes contra o aborto fazem aborto.

Outra coisa que me chocou foi que a Mônica Serra no debate virou uma carta do jogo, assim como o pré-sal, a Petrobras, a banda larga, privatização Então, diante de qualquer carta do jogo, o Serra não enfrentava, não dialogava.

Está errado as pessoas se calar. Eu como cidadã, mais ainda como ser humano, não admito que a professora que, traumatizada, falou para mim sobre a experiência do aborto que ela teve por causa da ditadura – é super importante citar o contexto –, venha hoje não considerar a sua própria dor que ela me fez escutar.

Serra e sua assessoria ficaram, pela resposta que deram, nocauteados. Conseguiram balbuciar seis palavras de esclarecimento: "Mônica Serra nunca fez um aborto." Depois se estendem em lembrar o caso Miriam Cordeiro na eleição de 1989, e acusar Sheila de "jogo sujo". Ao fluminense Correio do Brasil, sequer responderam.

Ainda que os proprietários da *Folha* tenham publicado Sheila a contragosto e com atraso, lhes tiramos o chapéu por se curvar ao jornalismo.

Depois dessa, Mônica Serra sumiu da campanha. Só iria reaparecer, ao lado de Serra, no discurso da derrota, no fim da noite de 31 de outubro de 2010, quando o Brasil e o mundo já sabiam que tínhamos a primeira mulher presidente.

Não se abandona o amigo no meio do Rodoanel

Dilma menciona um Paulo Preto, Serra vai mal no debate e a mídia diz que houve “empate” – TV mostra que uma espécie de Paulo Preto do passado deixou 11 milhões de herança – Como amealhou tanto? Isso não explicaram

Já que os Grandes Irmãos não tocavam em assuntos que pudessem levar água para o moinho de Dilma, Dilma tinha que dar um jeito de conseguir essa água. No mesmo debate que abriu o segundo turno na Band, em 10 de outubro, ela puxou o prontuário de um personagem pouco conhecido do grande público. Ele tinha aparecido em agosto de 2010 na revista *IstoÉ*, em matéria de capa, acusado por líderes de seu próprio partido, o PSDB, de dar sumiço em R\$ 4 milhões arrecadados ilegalmente para a campanha eleitoral – o famoso caixa dois. Seu nome, Paulo Vieira de Souza, conhecido como Paulo Preto. Então, no debate, mencionando o caso e pedindo explicações, Dilma – que logo no começo já havia acuado Serra queixando-se das baixarias de sua mulher – acabou de desestabilizar o adversário. Só mesmo o imparcialismo dos Grandes Irmãos para considerar, no dia seguinte, que houve “empate” no debate da Band.

Quem acusou Paulo Preto de sumir com o dinheiro foi Eduardo Jorge Caldas Pereira, o EJ. Não falamos que ele ia exercer muitos papéis nessa história? Desta vez ele é alcaguete de um companheiro do próprio partido. Que coisa feia. O que o dinheiro não faz. A história tinha sido levantada pela revista *IstoÉ* dois meses antes, em agosto de 2010. Dilma puxava dos arquivos um prato que os Grandes Irmãos haviam esquecido no congelador.

E agora Serra, com a caveira de Paulo Preto na mão, posta ali por sua adversária Dilma Rousseff, se via no papel de um Hamlet diante da dúvida:

“Ser ou não ser... amigo de Paulo Preto.”

Decidiu que não conhecia Paulo Preto algum. “Nunca ouvi falar”, respondeu. Não podia ser. O homem era simplesmente o arrecadador de dinheiro de sua campanha. Íntimo da cúpula, amigo de Aloysio Nunes Ferreira, senador eleito, ex-chefe de gabinete de Serra, a quem Paulo Preto havia até emprestado R\$ 300 mil para a compra de um apartamento. Engenheiro, tinha sido o todo-poderoso diretor de Engenharia da Dersa, estatal responsável pelas maiores obras do Estado de São Paulo, como o Rodoanel. José Serra, ex-governador, tinha de saber que...

... houve troca de emeios entre ele e o vice-governador Alberto Goldman, que escreveu a Serra descrevendo Paulo Preto como “ vaidoso, arrogante e incontrolável” e se comportava como “super-homem” na estatal. Assim que substituiu Serra, Goldman afastou o engenheiro do governo.

... duas filhas de Paulo Preto eram umbilicalmente ligadas aos tucanos, uma como advogada de empreiteiras contratadas pela Dersa, outra contratada para a diretoria de eventos da SPTuris quando Serra era o prefeito paulistano, depois em cargo de confiança no cerimonial do Palácio dos Bandeirantes, onde ainda estava lotada.

... Paulo Preto recebeu o título de Engenheiro do Ano em 2009, saudado em discurso de Aloysio Nunes: “Não é apenas o seu preparo técnico, mas a paixão que dedica a seu trabalho que consegue magnetizar aqueles que colaboram com você.”

... Paulo Preto recebeu quatro parcelas de mais de R\$ 400 mil da construtora Camargo Correia, que executou obras no Rodoanel, segundo relatório da Operação Castelo de Areia, da Polícia Federal em março de 2009.

Naquele momento, o ideal para o PSDB seria Paulo Preto aparecer no fundo das águas do Tietê vestido num paletó de concreto armado, à moda da máfia norte-americana nos anos da Lei Seca. Paulo Preto não gostou nem um pouco da amnésia do candidato no debate nem de sua tibia declaração no dia seguinte – “Evidente que conheço o Paulo Souza, ele é competente.” No estilo mafioso, Paulo Preto disparou na Folha:

“Não se larga um líder ferido na beira da estrada a troco de nada. Não cometam esse erro.”

Serra entendeu o recado e, no mesmo dia, cercado pela imprensa, inocentou-o enfaticamente:

“Ele não fez nada. Ele é totalmente inocente nessa matéria.”

Paulo Preto tornou-se o “homem-bomba” de Serra. Mais histórias viriam em catadupas. Mesmo vivendo como nababo, num prédio de alto luxo, em apartamento avaliado em R\$ 5 milhões, que não bate com sua declaração de renda, tentou vender bracelete de R\$ 20 mil numa loja da Gucci; a joia havia sido roubada da própria loja, e ele ali foi para conferir se era autêntica, e foi preso, isto logo depois de deixar o governo.

Como um personagem de tantos poderes entra no circuito de receptação de joias roubadas é um mistério. Mas não é tão misteriosa assim sua função “natalina” durante a campanha de Serra. Paulo Preto chegava ao comitê central, no edifício Joelma, Anhangabaú, anunciando:

“Chegou o Papai Noel.”

O dinheiro do pagamento do pessoal vinha no porta-malas do automóvel. Sua relação com dinheiro era de total intimidade, como se desse em árvore no quintal. Um empreiteiro que o procurou em seu apartamento, reclamando o atraso de pagamento de R\$ 800 mil, esperou uns momentos na sala enquanto Paulo Preto ia até um cômodo e de lá voltou com um pacote com os R\$ 800 mil cash. Gente que trabalhou com ele no Rodoanel paulistano acha graça quando fazem escarcéu diante da acusação dele sumir com R\$ 4 milhões: relatam que nos escritórios da Dersa no canteiro de obras, tinha dinheiro vivo em tudo quanto era armário e escaninho.

O que não se faz por causa de dinheiro. Siga-nos, que essas histórias os Grandes Irmãos não costumam apresentar. Um funcionário da Dersa, espécie de Paulo Preto do governo Mário Covas, perdeu a vida. Dinheiro vivo não faltava em sua casa. Descendia do célebre Barão Vermelho, aviador alemão que atuou na I Guerra Mundial (1914-1919). Tinha inclusive o mesmo nome: Manfred Albert Freiherr Von Richthofen. Ele e a mulher, a psiquiatra Marísia Von Richthofen, foram assassinados na noite de 31 de outubro de 2002, a mando da própria filha, Suzane, o “anjo mau”.

Causa mortis: dinheiro. O pai teria depositado uma fortuna num banco suíço no nome de Suzane e os dois teriam tido uma desavença. A moça convenceu o namorado e um irmão dele, os irmãos Cravinhos, de que poriam a mão em muito dinheiro, com seus pais mortos. Os rapazes mataram o casal a golpes de barra de ferro.

Dissemos há pouco que os Grandes Irmãos não costumam contar as histórias direito (no próximo capítulo, teremos outro exemplo espetacular). O Fantástico, da Rede Globo, depois que a Justiça, em fevereiro de 2011, considerou Suzane “indigna” de receber a herança dos pais, dedicou sua principal reportagem ao tamanho daquela herança: R\$ 11 milhões.

Como? Se a reportagem falou em Dersa? Se questionou o fato de um engenheiro contratado por uma estatal conseguir amealhar tal fortuna? Claro que não.

Num capítulo sobre rodoanel e engenharia de trânsito, cabe questionar igualmente por que os Grandes Irmãos abduzem os fatos acima relatados, como se apressam a acondicionar no frizer casos como o de João Faustino. O suplente do senador potiguar Agripino Maia, do DEM, foi preso a 24 de novembro de 2011, durante a Operação Sinal Fechado, deflagrada pelo Ministério Público Federal nas capitais de São Paulo e do Rio Grande do Norte. Nas duas cidades, as investigações diziam respeito à inspeção de veículos. Em São Paulo, um empreiteiro chegou a lucrar R\$ 170 milhões antes mesmo da validação do contrato; em Natal, renderia aos contratados R\$ 1 bilhão durante a concessão. É dinheiro que daria para fundar um partido, e sobraria troco.

A justiça bloqueou os bens do prefeito paulistano Gilberto Kassab, por causa de um contrato considerado fraudulento, na área da inspeção de veículos. Em Natal, a operação causou mais *frisson*, com 14 mandados de prisão expedidos. João Faustino, preso com o filho, é tucano com pedigree – estava entre os 18 fundadores do PSDB; e é figura bem próxima de José Serra, a quem serviu na Casa Civil quando Serra governou São Paulo. E, durante a campanha presidencial de 2009-2010, Faustino fazia em outros Estados o que Paulo Preto fazia em São Paulo: arrecadar dinheiro.

O Ministério Público pegou no pé de Kassab por validar, 12 anos depois, um contrato com suspeição de irregularidade fechado na gestão Celso Pitta, de quem ele, Kassab, era secretário do Planejamento. O MP chegou a cogitar de pedir o impedimento do prefeito. Se você, que nos lê, não imaginou, imagine: se um prefeito do PT incorresse em tal anomalia, não estaria preso com alvíssaras e aplausos dos Grandes Irmãos?

Se a grande mídia não faz alarde das peripécias tucanas na área dos transportes a céu aberto, não será embaixo da terra que se meterá. Enquanto redigimos estas linhas para uma segunda edição de *Crime de Imprensa*, está fresquinha na memória o mais novo escândalo do metrô de São Paulo. Uma licitação que o MP tentou barrar estava viciada, e as empresas vencedoras de uma obra na linha Lilás apresentaram preço quase R\$ 327 milhões maior que as empresas que apresentaram o menor preço. Afastado do cargo por uma juíza, o presidente do Metrô, Sérgio Avelleda, ao cargo voltou menos de duas semanas depois por decisão judicial. Não era a primeira indecência apontada nas obras do metrô de São Paulo. Durante o segundo mandato de Mário Covas como governador, entre 1998 e 2001, quando se deu a farra das estatizações, a Alstom, empresa francesa encarregada de obras de ampliação do metrô paulistano, destinou 6 milhões e 800 mil dólares para contas em paraísos fiscais, a fim de garantir seus contratos. Os documentos que provam isto, enviados pelo Ministério Público da Suíça, estão aí. A farra, no entanto, foi maior, foi uma farra federal. Segundo o jornal alemão *Der Spiegel*, o governo suíço acusa a Alstom de, durante a era FHC, pagar 200 milhões de dólares a membros do governo, para garantir a concessão da usina de Itá, negócio de 4 bilhões de dólares.

Vamos esclarecer vossa mercê

Falaram besteira do livro que nem leram - Onde se diz que o aluno "pode" falar os livro, eles maldosamente leram "deve" - Nova orientação do ensino diante do falar "errado" vem desde FHC, mas os panacas não sabiam

Em fins de maio de 2011, uma "polêmica" tomou a mídia nacional, impressa e transmitida pelo éter. Eles chamaram de polêmica o besteiro vazado por colunistas, comentaristas e colaboradores, aos quais os donos das comunicações permitem dizer e escrever qualquer abobrinha que sirva para parar ou mesmo atrasar o relógio da história. Uma reedição do Festival de Besteira que Assola o País, criado por um dos patronos deste livro, Stanislaw Ponte Preta.

O Febeapá da linguística se deu por causa de um livro assinado pela educadora Heloisa Ramos, Por uma Vida Melhor, coleção Viver, Aprender, do MEC, Ministério da Educação. Das revistas semanais, apenas CartaCapital não atacou o livro. Participaram do Festival, entre outros, defendendo as cores da Folha de S. Paulo, José Sarney, Ferreira Gullar, Ruy Castro e Clovis Rossi – que abriu o espetáculo chamando o livro de "criminoso"; pela Globo, William Waack, Mônica Waldvogel e Carlos Monforte em espetacular atuação – depois de desancar o livro, perguntou:

"Como é que fica então as concordâncias?"

José Sarney escreveu que se resolveu no Brasil "criminalizar quem fala corretamente"; e seu amigo Ferreira Gullar, confessando que

nem leu o livro, diz que “se para o professor o errado está certo, não há o que aprender”.

Pelo Jornal do Brasil, Carlos Eduardo Novaes deu um show.

“Confeço qui to morrendo de enveja da fessora Heloisa Ramos”, começa o cocoroca, e vai até o fim do artigo por aí, escrevendo “pobrema”, trocando cedilha por dois esses e dois esses por cedilha, se achando o rei da criatividade.

No Rio, o deputado estadual Átila Nunes, do Partido Social Liberal, caprichou: apresentou projeto de lei para que se proíba a distribuição do livro nas escolas fluminenses, “notícia revoltante em sua miudeza obscurantista”, como classificou o músico e multimídia José Miguel Wisnik.

Curioso é que a moderna posição dos linguistas, com aprovação do MEC, vinha desde o governo FHC, guru dos papalvos que criticaram o livro de Heloisa, conforme veremos.

Sírio Possenti, professor do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp (Universidade de Campinas), foi outro a defender o livro. “O jornalismo nativo teve uma semana infeliz”, escreveu em artigo. “Ilustres colunistas e afamados comentaristas bateram duro em um livro, com base na leitura de uma das páginas de um dos capítulos.

Disseram que o MEC distribuiu um livro que ensina a falar errado; que defende o erro; que alimenta o preconceito contra os que falam certo.”

O professor Sírio aponta uma das bases para os sofismas apresentados: à pergunta “posso falar os livro?”, a linguística responde que “pode”, mas malandramente os críticos leram “deve”. Sírio anotou o que ouviu na televisão naqueles dias, os doutos que ironizaram ou atacaram o livro falando “errado” segundo seus próprios critérios, William Bonner dizendo “vamu lá sortiá a próxima cidade”, um comentarista perguntando “onde fica as leis da

concordância?” e outro usando este solecismo: “a língua é onde nos une”.

No Estadão, Dora Kramer entregou a si própria e a toda a curriola, mostrando o que está de fato por trás da enxurrada de impropérios. Escreveu Dora:

Tal deformação tem origem na plena aceitação do uso impróprio do idioma por parte do ex-presidente Lula, cujos erros de português se tornaram inimputáveis, por supostamente simbolizarem a mobilidade social brasileira.

Nojo de povo. Já mencionamos a “massa cheirosa” no capítulo 5, e mencionaremos adiante o artigo de FHC pedindo que os tucanos esqueçam “o povão”. Falta lembrar como a ascensão das classes C e até D provocam reações de desdém em gente da “massa cheirosa” quando gente do “povão” faz suas primeiras viagens de avião ou passam a frequentar universidade. É o que os deixa ouriçados. Como qualificar tal reação?

O que articulistas e comentaristas detestaram no livro é que ele é uma beleza. E o que mais os irritou está logo no primeiro capítulo, Escrever é Diferente de Falar, onde já na primeira página a autora apresenta a estrela do aprendizado que ali se propõe, ao contrário do que os mal intencionados apregoam no rádio, na tevê, na imprensa:

“... vamos estudar uma variedade da língua portuguesa: a norma culta. Para entender o que ela é e a sua importância, é preciso antes conhecer alguns conceitos.”

Heloisa Ramos explica que a língua apresenta muitas variantes, “pode se manifestar de diferentes formas. Há variantes regionais, próprias de cada região do país. Elas são perceptíveis na pronúncia,

no vocabulário (fala-se 'pernilongo' no Sul e 'muriçoca' no Nordeste, por exemplo) e na construção de frases”.

Heloisa aborda então outro tema que aflige as classes dominantes, igualmente razão para a malhação de seu livro: o uso da linguagem como instrumento para submeter os que “falam errado”. A autora diz que as variantes da língua também podem ter origem social, ou seja, falam línguas “diferentes” os menos escolarizados – a “norma popular” – e os mais escolarizados – a “norma culta”. Mas, observa Heloisa, “é importante saber o seguinte”:

As duas variantes são eficientes como meios de comunicação. A classe dominante utiliza a norma culta principalmente por ter maior acesso à escolaridade e por seu uso ser um sinal de prestígio. Nesse sentido, é comum que se atribua um preconceito social em relação à variante popular, usada pela maioria dos brasileiros. Esse preconceito não é de razão linguística, mas social. Por isso, um falante deve dominar as diversas variantes porque cada uma tem seu lugar na comunicação cotidiana.

Como a linguagem possibilita acesso a muitas situações sociais, a escola deve se preocupar em apresentar a norma culta aos estudantes, para que eles tenham mais uma variedade à sua disposição, a fim de empregá-la quando for necessário.

Há ainda mais um detalhe que vale a pena lembrar. A norma culta existe tanto na linguagem escrita como na linguagem oral, ou seja, quando escrevemos um bilhete a um amigo, podemos ser informais, porém, quando escrevemos um requerimento, por exemplo, devemos ser formais, utilizando a norma culta. Algo semelhante ocorre quando falamos: conversar com uma autoridade exige uma fala formal, enquanto é natural conversarmos com as pessoas de nossa família de maneira espontânea, informal. Assim, os aspectos que vamos estudar sobre a norma culta podem ser postos em prática tanto oralmente como por escrito.

A professora, que dá cursos de formação para professores, tratada como meliante, delinquente, e até criminosa, numa entrevista ao portal Ig afirmou que a proposta da obra é que se aceite na sala de aula todo tipo de linguagem, em vez de reprimir quem usa a norma popular.

“Não queremos ensinar errado, mas deixar claro que cada linguagem é adequada para uma situação. Só que esse domínio não se dá do dia para a noite, então a escola tem que ter currículo que ensine de forma gradual”, diz ela.

Heloisa elaborou o livro didático, adotado pelo MEC para turmas do Ensino de Jovens e Adultos (EJA), junto com outros especialistas, todos eles calcados em décadas de experiência em salas de aula. Sobre o trabalho, tratado como lixo pela maior parte da mídia, ela diz:

“Nossa coleção é seria, temos formação sólida e não estamos brincando.”

Ao tolerar todo tipo de linguagem, diz Heloisa, a escola contribui para a socialização e melhor aprendizado do estudante, sem medo de “falar errado”.

A mais precisa defesa do livro veio de Marcos Bagno, professor do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília, doutor em filologia e língua portuguesa pela Universidade de São Paulo – formação que põe no chinelo os panacas: “A grande imprensa brasileira mais uma vez exibiu sua ampla e larga ignorância a respeito do que se faz hoje no mundo

acadêmico e no universo da educação no campo do ensino de língua”, principia ele, desmontando a “polêmica”, pois fazia “mais de quinze anos que os livros didáticos de língua portuguesa disponíveis no mercado e avaliados e aprovados pelo Ministério da Educação” abordavam o tema. Bagno se diverte:

“Não é coisa de petista, fiquem tranquilas senhoras comentaristas políticas da televisão brasileira e seus colegas explanadores do óbvio. Já no governo FHC, sob a gestão do ministro Paulo Renato, os livros didáticos de português avaliados pelo MEC começavam a abordar os fenômenos da variação linguística, o caráter inevitavelmente heterogêneo de qualquer língua viva falada no mundo, a mudança irreprimível que transformou, tem transformado, transforma e transformará qualquer idioma usado por uma comunidade humana. Somente com uma abordagem assim as alunas e os alunos provenientes das chamadas classes populares poderão se reconhecer no material didático e não se sentir alvo de zombaria e preconceito.”

Com a chegada ao magistério de mais e mais professores vindos das classes populares, observa Bagno, esses profissionais “entenderão que seu modo de falar, e o de seus aprendizes, não é feio, nem errado, nem tosco, é apenas uma língua diferente daquela – devidamente fossilizada e conservada em formol – que a tradição normativa tenta preservar a ferro e fogo, principalmente nos últimos tempos, com a chegada aos novos meios de comunicação de pseudoespecialistas que, amparados em tecnologias inovadoras, tentam vender um peixe gramatiquero para lá de podre”. Defender o respeito à variedade linguística “não significa que não cabe à escola introduzi-los ao mundo da cultura letrada”, diz Bagno, encerrando:

“Cabe à escola ensinar aos alunos o que eles não sabem! Parece óbvio, mas é preciso repetir isso a todo momento.”

Os desavisados comentaristas e articulistas, aos quais os Grandes Irmãos deram tempo e espaço à vontade para denegrir Heloisa Ramos e seu livro, deviam tomar umas lições sobre a origem e a evolução dos idiomas, pelo menos o nosso. Tomemos um exemplo. A palavra bispo, com duas sílabas e cinco letras, há 20 séculos era episcopus, com quatro sílabas e nove letras.

Tal como as pedras do rio ao rolar vão ficando polidas, as palavras e até a sintaxe vão ficando mais enxutas, atendendo a uma regra que os gramáticos chamam de “lei do menor esforço”. Se formos atrás dos policiais da língua, devemos voltar a tratar- nos uns aos outros por vossa mercê. Que o povo, ao longo de apenas cinco gerações, tratou de enxugar primeiro para vassuncê, e vosmicê, depois o nosso atual e “norma culta” você, passando a ocê e brevemente apenas cê – é brasileiro, já passou de português, diria Noel. E um poeta do povo, Patativa do Assaré (1909-2002), deixou esta máxima, que encerra o papo:

Mais vale escrever a coisa certa com as palavras erradas que escrever a coisa errada com as palavras certas.

O Rio de Janeiro continua bumbo

Cobrado sobre privatizações, Serra se enrola – WikiLeaks informa: ele ia entregar o Pré-Sal – Mídia menospreza encontro de artistas – Vim reiterar meu apoio a esta mulher que não tem medo de nada, diz Chico Buarque

Quando Dilma Rousseff desembarcou do helicóptero no heliporto da Rede TV!, em Osasco, São Paulo, as câmeras mostraram sua dificuldade para, de bota ortopédica, descer a escada que leva ao estúdio, para o segundo debate do segundo turno, na noite de 17 de outubro, domingo.

Dilma vinha usando o adereço havia 34 dias, desde que torceu o pé direito ao caminhar numa esteira no Hotel Tívoli, em que se hospedava na capital paulista. Achava que ia ficar uma semana assim. Ficou o resto da campanha. Tal como os terninhos feitos pela gaúcha Luísa Stadlander, sua amiga há 20 anos, o corte do cabeleireiro Celso Kamura, o rosto remoçado por pequena cirurgia que removeu rugas sob os olhos, a bota torna-se parte de seu visual. Dos 118 dias de campanha, ela passará a fase mais intensa com aquilo no pé.

Mas a candidata tem know-how de temporadas no inferno. Nem precisamos descer aos porões do centro de torturas Doi-Codi. Em 5 de abril de 2010, na chefia da Casa Civil e pré-candidata, contou em coletiva, no hospital Sírio-Libanês, que se vinha tratando contra um nódulo detectado na axila havia um mês. Noutras palavras, câncer linfático. Até que contasse em entrevista à Rádio Gaúcha, cinco meses depois, que estava curada, o país ficou em suspense. Apesar dos prognósticos médicos tranquilizadores, veio o tratamento mais

agressivo, a quimioterapia, perda dos cabelos, uso de peruca. Quando o PT oficializou sua candidatura, em 13 de junho, Dilma já estava em forma. Mas os adversários de Lula, naturalmente, viam ali um possível xeque-mate no presidente, avalista da candidatura, aparentemente sem outra opção.

Esses adversários, um ano e meio depois, teriam novo motivo para regozijo, e cabe aqui abrir um parêntese e avançar no tempo. Eis que, Dilma curada e terminando seu primeiro ano de mandato como presidente, o criador da criatura, ele mesmo, o Lula, será diagnosticado como portador de câncer da laringe. Atingido no órgão da fala, no principal instrumento de trabalho. Da boca pra fora, haverá as civilizadas manifestações de solidariedade. Mas, cantou o sambista Ataulfo Alves, a maldade dessa gente é uma arte. Choverão provocações. A primeira onda a inundar a internet é a sugestão para que Lula vá tratar-se no SUS, Sistema Único de Saúde. A piadinha, que zomba de uma proposta em permanente aperfeiçoamento, zomba de Lula e zomba do povo brasileiro. Será logo repercutida nos meios de comunicação pela boca da atriz da TV Globo Luana Piovani. Na rádio CBN, que pertence ao sistema Globo, Lúcia Hippolito quer nos fazer crer – segundo a avaliação de Nirlando Beirão na *CartaCapital* – “que o câncer do Lula, ainda que não seja um recado dos deuses, é uma punição terrena”.

“Não é surpresa”, dirá ela no ar. “Não é surpresa, tendo em vista o abuso da fala do presidente que jamais teve um exercício de fonoaudiologia, de nada disso, e tava no palanque todo santo dia, tabagismo, alcoolismo...”

Antes que o bom-senso acabasse linchado em praça pública, era preciso que algum colega pedisse para que parassem com aquilo. Então, na semana seguinte, a revista *Época* – das mesmas Organizações Globo da CBN – dará na capa a chamada:

O SUS e o preconceito

Época investiga o sistema público de saúde e revela que – em alguns hospitais – ele funciona melhor do que sugerem as baixarias contra Lula.

Eles não são perfeitos.

Fechemos o parêntese, voltemos ao segundo debate do segundo turno. Dilma estava animada com o desempenho no primeiro debate, na Band, e entra no estúdio da RedeTV! com outro trunfo. Seu adversário seria confrontado, já no primeiro bloco, com a questão da qual os tucanos querem distância. De tudo fizeram para tirá-la dos holofotes no primeiro turno: as privatizações na Era FHC. É um dos mistérios da campanha. Por que a campanha petista se apruma a partir dali apesar de quase toda a mídia vir para o segundo turno com mais sede de sangue ainda? O segredo foi, numa palavra, “politização”.

Uma análise pertinente veio quase cinco meses depois, no blog *Escrevinhador*, de alguém que na campanha de 2006 foi expelido da Rede Globo, ao denunciar – lá também – a manipulação de informações, naquele ano em favor de Geraldo Alckmin contra Lula: Rodrigo Vianna, já nosso conhecido. Eis o que ele escreve:

Quem acompanhou os bastidores da campanha eleitoral de 2010 sabe qual foi a opção de Dilma e do núcleo dirigente do PT no primeiro turno: tentaram ganhar a eleição só com o programa de TV e a popularidade do Lula. A idéia era ganhar sem fazer política. No primeiro turno, foi assim: campanha controlada pelo marqueteiro e pelos 3 porquinhos (Palocci, Dutra e Zé Eduardo).

Quem fez política foi o Serra. Politizou pela direita: trouxe aborto e religião para a campanha. Com isso, empurrou milhões de votos

para Marina, e levou a eleição pro segundo turno. Aí, a ficha no PT caiu. Dilma e o núcleo da campanha finalmente compreenderam o que já estávamos vendo na internet há semanas: o terrorismo conservador. Dilma deixou os conselhos do marqueteiro de lado, teve coragem de ir pra cima no debate da Band (primeiro domingo do segundo turno): atirou para cima de Serra a história do aborto (a mulher de Serra tinha dito que Dilma gostava de "matar criancinhas"), falou em Paulo Preto, reanimou a militância.

Se Dilma tivesse insistido no figurino do primeiro turno, poderia ter perdido a eleição. Pesquisas internas, pouco antes do debate da Band, davam apenas 4 pontos de diferença sobre Serra no início do segundo turno. Foi a realidade que levou Dilma a mudar de figurino.

Dilma não pega pesado, não lembra que o Brasil teve larápios de todos os calibres, inclusive 45, mas nenhum deles ousou vender o Brasil como FHC quase conseguiu. Na verdade, FHC queria vender o Brasil de porteira fechada, com povo e tudo. Dilma não fala nada disso. Apenas pergunta por que o governo paulista não quer vender a empresa de Gás Brasileiro para a Petrobras, que oferece um preço bem melhor que uma empresa japonesa também no páreo. O que os tucanos têm contra Petrobras?

Serra morde a isca contrafeito. Tenta desconversar – “O que acontece é que na véspera da eleição o PT bota no centro a questão da privatização.” Mas seu desconforto, como no debate anterior, está na cara. Parece que adoraria estar em outro lugar, mas o fato é que está ali, talvez lembrando o mesmo suadouro que Geraldo Alckmin padeceu no segundo turno de 2006, quando Lula o confrontou com o mesmo tema. Talvez se imagine na mesma situação do inimigo de partido, que lhe tomou o lugar naquela eleição. Serra está vendo a caixa d’água vir abaixo. Será obrigado como Alckmin a protagonizar uma das cenas mais ridículas das campanhas na televisão? Em 2006, Alckmin apareceu de jaqueta e boné, com a marca, não só da Petrobras, mas da Caixa, do Banco do Brasil e outras empresas

estatais, para provar que era antiprivatista desde o bisavô. Parecia um piloto de Fórmula 1.

A Petrobras, recordemos, FHC queria rebatizar de Petrobrax a pretexto de captar dinheiro no exterior e sair vendendo em retalhos, desmontando a empresa como fizeram com a Vale, detentora da maior província mineral do mundo. Foi o que Dilma lembrou naquele debate, arrastando a própria mídia para o assunto. A Petrobras, agora dona do Pré-Sal, que lhe permitiu promover uma das maiores capitalizações da história, elevando a Bolsa de São Paulo à condição de segunda maior do mundo no pregão de 24 de setembro, só atrás da Bolsa de Nova York. Abriam-se perspectivas inéditas de atração de recursos para o país – e isto em plena campanha.

Imagine o desgosto dos Grandes Irmãos, obrigados a dar manchetes para tais fatos. Contudo, caso possa crer, o desconforto de Serra não se prendia a decisões tomadas no governo FHC. Mas à decisão que ele próprio tomara se eleito: completar o serviço de FHC. Coisa que os brasileiros só ficariam sabendo oito meses depois, quando o saite WikiLeaks divulgaria mais uma leva de documentos secretos americanos, obtidos por seu criador, Julian Assange. O fluminense Correio do Brasil pôs a bomba na manchete de 14 de maio de 2011:

WikiLeaks

Serra ia entregar Pré-Sal à
exploração norte-americana

Você acha que os Grandes Irmãos deram o mesmo destaque? Mesmo com as eleições passadas, fizeram “cara de paisagem” para notícia de tal magnitude. Teoria conspiratória? Nada disso. FHC, Serra e Alckmin são incorrigíveis e irrecuperáveis. Olhe o que dizia a notícia:

As petroleiras norte-americanas contavam com o apoio do candidato derrotado à Presidência da República José Serra para não se submeter às novas regras definidas no marco de exploração de petróleo na camada pré-sal que o governo aprovou no Congresso. A Chevron chegou a ouvir do então pré-candidato favorito à Presidência, José Serra (PSDB), quando estava à frente da presidente eleita, Dilma Rousseff, a promessa de que a regra seria alterada caso ele vencesse. A revelação está em um telegrama diplomático dos EUA, datado de dezembro de 2009 e vazado pelo site WikiLeaks.

Não é impressionante? Mas tem mais:

“Deixa esses caras (do PT) fazerem o que eles quiserem. As rodadas de licitações não vão acontecer, e aí nós vamos mostrar a todos que o modelo antigo funcionava... E nós mudaremos de volta”, disse Serra a Patricia Pradal, diretora de Desenvolvimento de Negócios e Relações com o Governo da petroleira norte-americana Chevron, segundo relato do telegrama.

O despacho relata a frustração das petrolíferas com a falta de empenho da oposição em tentar derrubar a proposta do governo brasileiro. O texto diz que Serra se opõe ao projeto, mas não tem “senso de urgência”. Questionado sobre o que as petroleiras fariam nesse meio tempo, Serra respondeu, sempre segundo o relato: “Vocês vão, [mas] voltam”.

A executiva da Chevron relatou a conversa com Serra ao representante de economia do consulado dos EUA no Rio. O cônsul Dennis Hearne repassou as informações no despacho:

“A indústria do petróleo conseguirá derrubar a lei do pré-sal?”

Pelo que disse Serra, as petroleiras “voltariam”. Bacaninha, não?

Mesmo que na noite de 17 de outubro de 2010 ninguém soubesse das mutretas de dimensões planetárias, o mundo desaba em cima e embaixo de Serra no estúdio da Rede TV!, assim como desabou para Alckmin nos debates do segundo turno de 2006. Como Serra, Alckmin perdeu o eixo e ficou com cara de picolé de chuchu diet quando Lula lhe botou o guizo da Petrobras no pescoço. Valha-nos o saite WikiLeaks. Outro documento, divulgado no início de 2011, mostra que as próprias autoridades americanas reconheceram o quanto o tema da privatização contribuiu para a vitória de Lula:

O despacho [27 de outubro de 2006] foi assinado pelo conselheiro político da embaixada, Dennis Hearne, que já previa uma derrota Tucana por larga margem. O consultor afirma que o fato de Lula ter associado Alckmin e seu partido às privatizações surtiu efeito, mas a causa principal da vitória petista teria sido o auxílio dos programas sociais do governo à parcela mais carente da população. Hearne comparou Lula com o ex-presidente Getúlio Vargas, e à sua alcunha de Pai dos Pobres.

O conselheiro revela que, na conversa com Tasso Jereissati, o presidente do PSDB criticou Alckmin por ter adotado posição defensiva a respeito das privatizações, e que este deveria ressaltar o sucesso do plano nacional de desestatização, especialmente no setor de telecomunicações.

Que proeza! Qual é o país de primeiro mundo que põe a telefonia em mãos de estrangeiros? Venderam a telefonia na véspera de sua modernização, do salto tecnológico mundial, e vêm com essa conversa de que, vendendo nossa telefonia, trouxeram o progresso. O progresso viria apesar deles. É como a história do galo, que acha que o dia nasce porque ele canta. Querem dizer então que venderam tudo, e ficou tudo moderno? Fizeram o que os militares

não ousaram fazer. Podem ser burros, autoritários, mas não são entreguistas. FHC, sim, entregou o ouro para os bandidos. E Serra, se ganhasse, ia entregar de cara o ouro negro. Ainda teve o descaramento de dizer, em sua tréplica no debate, que ações da Petrobras tinham subido naqueles dias com “a melhoria de minha posição nas pesquisas”.

Imagine se os Grandes Irmãos iriam reconhecer que Serra havia caído numa sinuca de bico, tendo de sair em defesa das privatizações e do próprio FHC, que o visionário Glauber Rocha, no meio dos anos 1970, já havia carimbado:

“Fernando Henrique é apenas um neocapitalista, um kennedyano, um entreguista.”

Tampouco imagine se os Grandes Irmãos iriam aplaudir a retomada de questões dessa envergadura que estancavam o tom obscurantista trazido pela oposição e insuflado por eles mesmos, fazendo o país avançar célere rumo ao século 19.

O golpe definitivo nesse baixo astral veio no dia seguinte, uma noite de segunda-feira, quando o Rio de Janeiro voltou a ser a capital cultural do Brasil. Vamos recordar o que os Grandes Irmãos não conseguiram impedir.

Milhares de pessoas, boa parte artistas e intelectuais, lotam o teatro Casa Grande, no Leblon, em ato pró-Dilma, recebida aos gritos de “olê, olê, olê, olá! Dilma, Dilma!”, relembrando o jingle pró-Lula. O arquiteto Oscar Niemeyer, aos 102 anos, é ovacionado de pé ao chegar em cadeira de rodas. Discursa o teólogo Leonardo Boff – cassado pelo Vaticano –, principal formulador da Teologia da Libertação, que empolgou a América Latina nas décadas de 1970-80 ao defender o engajamento de religiosos em movimentos sociais. Boff, que, junto com o sociólogo Emir Sader, organizou o evento Brasil Sem Ódio, emociona:

“Hoje cedo, pedi em minhas orações: Pai, me dê um sinal claro da vitória de Dilma. E o faça através da presença de Oscar Niemeyer. Se ele for ao encontro, é a confirmação de que venceremos!

Só pode ser porque iriam juntar-se no mesmo palco um cristão e um comunista. Fala sobre a saúde do arquiteto, seu esforço para estar ali, sua força moral, sua respeitabilidade e a certeza de que Dilma vencerá. A massa vibra.

Ao mesmo tempo, ao vivo, na blogosfera, Veja Online vê outra coisa: “Dilma travestida de Lula por uma noite”, diz o título. Para Veja tudo o que se vê aqui é apenas uma “noite tipicamente petista, cheia de jargões esquerdistas”. O discurso de Dilma, contando sua trajetória política, leva gente às lágrimas e aplausos a interrompem, “aplausos fanáticos” para Veja. A menção ao fato de Lula ter recebido o país com inflação elevada e de joelhos perante o Fundo Monetário Internacional? Receita, segundo Veja, para fazer sucesso entre militantes da esquerda. Dilma dá o recado principal, sobre o ódio religioso, que vinha sendo incitado pelos Grandes Irmãos:

“O país não destila ódio religioso. Todos os cultos podem se encontrar na mesma escola e conviver. Tentar destilar o ódio religioso ou qualquer preconceito não é característica de um país laico. Não queremos o estado apropriado por nenhuma crença, nenhuma religião. Pregamos a existência de um estado que não pode interferir na vida privada das pessoas.”

Isso a revista não comentou, claro. Dilma libertava-se nesse momento da pauta medieval, à qual tinha sido obrigada a render-se. Veja OnLine não conseguiu esconder, escreveu:

“Além do manifesto pró-Dilma, que defende a continuidade do governo Lula e as práticas sociais, foi entregue à candidata um documento organizado por advogados e outro com 694 assinaturas de diversos fiéis que votarão nela. Uma das passagens deste texto diz: ‘não aceitamos que se use da fé para recriminar alguma candidatura’.”

Os Grandes Irmãos tentam menosprezar o acontecimento. Mais uma vez, não fosse o papel dos “blogs sujos”, do Facebook, do tuíte e da própria propaganda eleitoral, seria enquadrado como tentativa de reedição “das manifestações de 1989, 2002 e 2006, em outra famosa casa de espetáculos da Zona Sul carioca”, como a definiu Veja. A ideia que queriam passar era a de que intelectuais e artistas tinham fechado com a verde Marina Silva no primeiro turno, e com ela ficaram, ao lado de descolados em geral, inclusive os fascistas descolados, e que o evento no Casa Grande, palco de memoráveis jornadas democráticas, não passava de pajelança petista. Mas as imagens que circulam na internet mostram delírio no teatro. Vemos Chico Buarque, alma da festa, em meio a um chão de estrelas – Margareth Menezes, Beth Carvalho, Fernando Morais, Alceu Valença, Renato Borghetti, o rapper brasileiro Gog, entre outros. O maior cientista brasileiro vivo, Miguel Nicolelis, um dos 20 mais importantes do mundo segundo a revista Scientific America, desculpou-se por não comparecer, estava fora do país, ele que é forte candidato a nos dar o primeiro Prêmio Nobel e que numa entrevista declarou voto em Dilma – “é vital para o futuro do Brasil”, para “nossa soberania intelectual”. Chico diz:

“Vim reiterar meu apoio a esta mulher, que já passou por tudo, e não tem medo de nada. Vai herdar um governo que não corteja os poderosos de sempre. O Brasil que é ouvido em toda parte porque fala de igual para igual com todos. Não fala fino com Washington, nem fala grosso com Bolívia e Paraguai.”

A reunião repôs o bloco na rua, preocupando oposição e Grandes Irmãos na reta final.

E os aprendizes de Murdoch não desistem

Furo sensacional da repórter: Serra pede ajuda ao Supremo - E o presidente do Supremo ia atender - Inimaginável, mas até o papa interveio contra Dilma! - Filhotes de Murdoch perdem a eleição mas não perdem o vício

O episódio da bolinha de papel em Campo Grande, dois dias depois, abalou o que restava de credibilidade dos Grandes Irmãos, como vimos no capítulo 6. O placar mostra vantagem de 11 pontos para Dilma, segundo o Ibope divulgado no Jornal Nacional: 51 a 40.

“A terceira onda que favorecia Serra no começo do segundo turno virou marolinha”, constata Ricardo Kotscho no mesmo dia em que escreve artigo demolidor sobre a falência moral das igrejas e da imprensa. Kotscho foi assessor de Imprensa do governo Lula nos dois primeiros anos do primeiro mandato. Para o jornalista, prêmio Esso de Jornalismo com a série conhecida como Escândalo das Mordomias, publicada no Estado de S. Paulo em 1975, igreja e imprensa foram os dois grandes derrotadas. O artigo retrata o momento à perfeição. Eis os melhores momentos:

Ganhe quem ganhar a Presidência da República no próximo dia 31, já dá para saber quais foram os grandes derrotados desta inacreditável campanha eleitoral de 2010: a imprensa da velha mídia, mais engajada e sem pudor do que nunca, e as igrejas em geral, com amplos setores medievais de evangélicos e católicos transformando templos em palanques e colocando a religião a soldo da política.

Por acaso, são as mesmas instituições que se uniram em 1964 para derrubar o governo de João Goulart e jogar o Brasil nas profundezas

da ditadura militar por mais de duas décadas. Como naquela época, os celerados e ensandecidos combatentes das redações e dos púlpitos acenam com novas ameaças às liberdades democráticas, outra vez o perigo vermelho, de novo a degradação dos costumes. Só falta uma nova Marcha da Família, com Deus pela Liberdade.

Sempre tive muito orgulho de ser jornalista e de professar a fé católica.

Agora, acompanhado de longe esta guerra santa em que se transformou a campanha presidencial, com igrejas, jornalistas, padres e pastores tomando partido fanaticamente a favor de uma candidatura e contra a outra.

Jamais tinha visto nada parecido na cobertura de uma eleição – tamanhas baixarias, tantos preconceitos, discursos tão vis e cínicos, textos inacreditavelmente sórdidos publicados em blogs e colunas.

No melhor momento social e econômico da história recente do país, chegamos ao fundo do poço na política.

Órgãos de imprensa e igrejas, jornalistas e religiosos, têm todo o direito de escolher seus candidatos, fazer campanhas por eles, detonar os adversários. Só não podem fingir que são santos e pensar que nós todos somos bobos.

Restava aos Grandes Irmãos tomar doses cavalares de Simancol.

Mas foi graças ao tino profissional de Cátia Seabra, da Folha, que se abriu espaço para um furo sensacional. A repórter pode ter evitado monumental fraude. De orelha em pé e olhos bem abertos, depois de uma entrevista coletiva de José Serra, ela ouviu o candidato falar ao celular que um assessor lhe passou:

“Meu presidente!”

A jornalista, com presença de espírito cada vez mais rara de se ver, piscou para o fotógrafo Moacyr Lopes Junior. Afastou-se para deixar Serra à vontade, e Moacyr, postando-se bem atrás dele, ouviu sua conversa pelo celular, em São Paulo, com o presidente do STF Gilmar Mendes, em Brasília. Serra pedia a Gilmar para “prejudicar” a eleição, de preferência “melar”. Tramavam um golpe eleitoral que permitiria a exclusão de milhões de brasileiros da votação no segundo turno – semelhante à fraude que elegeu o republicano George Bush presidente dos Estados Unidos em 2000, manipulando listas de eleitores que impediram de votar milhares de negros, em sua maioria pró-Al Gore, democrata. Lá, a fraude consistiu em incluir negros inocentes nas listas de gente com ficha criminal. Aqui, Serra combinava com Mendes um jeito de manter a exigência de dois documentos para votar, o título eleitoral e outro, com foto. O portal Terra repercutiu assim a reportagem que chegou às bancas na manhã de quarta-feira, 27 de outubro:

Gilmar Mendes nega
ter conversado por
telefone com Serra

O ministro Gilmar Mendes, do Supremo Tribunal Federal (STF), negou, nesta quinta-feira, que tenha tido uma conversa telefônica com o candidato do PSDB à presidência da República, José Serra, e rechaçou a suspeita de que seu pedido de vista nesta quarta no julgamento sobre a necessidade de dupla documentação para votar tenha tido objetivos político-partidários.

Nossa Suprema Corte derrubaria no dia seguinte a exigência do eleitor levar título e documento com foto aos postos de votação –

bastava levar a identidade, ou carteira de trabalho, passaporte por exemplo. Mas depois que Serra e Mendes se falaram na véspera, apesar de sete dos dez ministros já ter votado contra a exigência, Gilmar pediu "vista dos autos", paralisando a análise do caso. Sua negativa de estar favorecendo Serra, portanto, vai contra a lógica, aristotélica ou matemática – se já estava 7 a 0, mesmo que ele e mais dois votassem pela medida golpista, ficaria 7 a 3.

Escamoso. Bastaria Gilmar fazer cera, e no sábado todos os Grandes Irmãos trombetariam por rádio, jornal, revista e televisão que ninguém poderia votar sem dois documentos. Seria, nos Estados Unidos, como aqui, uma espécie de "limpeza étnica" na lista de eleitores. Lá, de negros e latinos; aqui, de nordestinos e assemelhados.

Quem muito se explica muito esconde. Não convence a própria mãe. O derradeiro golpe de Serra foi desarmado. E à coligação PSDB-DEM-PPS-Opus Dei-TFP-CCC-Senhoras de Higienópolis-Lions-Rotary-pastor Malafaia só restava rogar de novo por nuvens sombrias no país. Agora só contavam com o "Sobrenatural de Souza". Tomara que chovesse canivete no feriadão, pois 31, domingo, dia da votação final, poderia ser emendado com o 2 de novembro, Finados, na terça-feira, ameaçando levar serristas desenganados ou de pouca fé para longe das urnas se fizesse sol.

O sobrenatural falaria. Na quarta-feira, quatro dias antes da votação, os 130 milhões de eleitores brasileiros nem sonhavam que pudesse ainda haver algum penhasco intransponível para Dilma rumo ao Planalto.

Então, a menos de 72 horas da eleição, na quinta-feira 28 de outubro, o papa Bento 16 disparou um míssil endereçado à candidatura Dilma. Não se tratava de um Torquemada de Guarulhos qualquer. Era o "Santo Padre", o homem que fala direto com Deus, o líder espiritual de um em cada seis seres humanos, aquele que, para todos os católicos, falou está falado – o Infalível. O papa recebeu um grupo de bispos do Maranhão e aproveitou a deixa para dar uma

mão à candidatura Serra. Condenando o aborto, recomendou aos bispos brasileiros que “orientassem” seus fiéis. Questionados, os bispos do Maranhão disseram que o encontro estava agendado havia meses. Explicação mais marota que Judas Iscariotes.

A notícia explodiu nos portais dos Grandes Irmãos e nas manchetes do outro dia, dando um susto no eleitorado dilmista. Mas parece que a imensa maioria dos eleitores estava “por aqui” com a história de aborto no almoço, no jantar, no café da manhã, na merenda escolar. O míssil papal deu chabu. E a bala de prata reservada por um dos Grandes Irmãos, a Folha, era uma patética requentada do caso EJ na segunda manchete do jornal, logo abaixo da ingerência do Vaticano em nossos assuntos internos. Só que o povo continuava mais interessado na quebra do sigilo da Cleo Pires.

Não foi fácil para os Ruperts Murdochs Tupiniquins e Seus Editores Amestrados mastigar, engolir e digerir tudo para expelir, na noite de domingo 31 de outubro, as manchetes de seus jornais para o dia seguinte. O presidente do Tribunal Superior Eleitoral, Ricardo Lewandowski, proclamou a vitória de Dilma oficialmente às oito e dez da noite. Os aprendizes de Murdoch estavam cansados de saber que não influíram em nada os debates na TV Record, na segunda, e na TV Globo, na sexta – este, a desinvenção do debate, com eleitores ditos “indecisos” fazendo perguntas aos candidatos, mediadas por William Bonner. Eles eram apontados como decisivos por analistas por causa da força da Record e da Globo na audiência, ao contrário da Band e da Rede TV! Sonhar é livre.

E continuam sonhando no domingo. Apostam que as urnas mostram um país dividido – Dilma com 55,99% dos votos, Serra com 44,01%, e 21,45% de abstenção. E pedem a colunistas que escrevam sobre isso. Os 44,01% de Serra eram uma ilusão, que levaria FHC a escrever artigo pedindo a seu partido para desistir do “povão”. E a degradingolada da oposição, com o PSDB em vias de fusão com o DEM, pode ser medida em nota de Carlos Brickmann publicada em maio de 2010:

O PARTIDO DOS PUNHAIS

O Talmud, livro judaico de leis, diz que na época do Segundo Templo de Jerusalém os judeus estudavam a Bíblia e respeitavam as leis divinas. Mas o templo foi destruído assim mesmo, porque todos se odiavam. Não havia compaixão e uns falavam mal dos outros. Não lembra um grande partido com nome de ave?

O espirituoso Carlos Brickmann, quando o PSDB estava para ficar mais destroçado ainda com a futura derrota de Serra, fazia com os principais dirigentes tucanos uma paródia da Ciranda, poema de seu xará Drummond de Andrade:

Serra detesta Aécio que não gosta de Alckmin que não gosta de Serra que não gosta de Sérgio Guerra que não gosta de Alckmin que não gosta de Aécio que não gosta de Serra que não gosta de ninguém - muito menos de Tasso Jereissati, que também não gosta dele.

Todos gostariam de ganhar as eleições apesar desse relacionamento, e de dar maçãs aos companheiros e aliados, para que pareçam mais bonitos na assadeira.

Falta acrescentar que a ciranda de punhaladas seguiria também no segundo escalão da tucanagem. Paulo Preto, o caixa-preta das obras do Rodoanel e de ampliação da Marginal do Tietê, só esta orçada em 1 bilhão de reais, acionou judicialmente EJ por tê-lo acusado de desviar dinheiro arrecadado para financiar a campanha presidencial tucana de 2010.

O mesmo 2010 durante o qual o coordenador da campanha petista Antonio Palocci, conforme mostrou a Folha em 16 de maio de 2011, acrescentou a sua fortuna mais R\$ 20 milhões. Denúncias contra Palocci vêm de longe, desde quando prefeito de Ribeirão Preto, nordeste de São Paulo, por duas vezes, eleito em 1992 e em 2000. A denúncia mais saborosa se refere a um edital para compra de merenda escolar, no qual se exigia molho de tomate refogado e

peneirado com ervilha em latas de 330 gramas – só três empresas de Santo André, no ABC paulista, podiam atender às especificações. A denúncia mais malcheirosa menciona um esquema pelo qual se hiperdimensiona a varrição de rua e coleta de lixo, e a diferença vai do erário municipal para vários bolsos particulares.

Não seria surpresa, portanto, para o bom observador da cena política brasileira, que ao chegar ao segundo cargo mais importante do governo, abaixo apenas da presidente, Antonio Pallocci desse um salto olímpico em matéria de denúncia – e patrimônio.

Tal como ficou maneta quem pôs a mão no fogo por Erenice Guerra, maneta ficou quem por Antonio Palocci pôs a mão no fogo. Mas, insistimos, este livro não trata de corrupção; trata, isto sim, do tratamento que a mídia lhe dá. Verônica Allende Serra, por exemplo, filha de José Serra. A mídia diz que o patrimônio de Palocci cresceu 20 vezes em 4 anos.

E que dizer do patrimônio de Verônica Serra, que engordou 50.000 vezes em 42 dias? Como vimos no capítulo 9, ela abriu com outra Verônica, irmã do banqueiro Daniel Dantas, a Decidir.com Brasil. Isto aconteceu no dia 8 de fevereiro de 2000, e o capital era de R\$ 100; a 22 de fevereiro, 15 dias depois, o nome muda para Decidir.com Brasil S.A. e Verônica, a Serra, assume o cargo de diretora e vice-presidente; e a 21 de março, 42 dias depois, o capital aumenta para 5 milhões de reais – 50.000 vezes. Segura que lá vem mais chuncho.

Verônica era também sócia do pai na ACP, Análise da Conjuntura Econômica e Perspectivas Ltda. – empresa de consultoria, exatamente o mesmo ramo da Projeto, de Palocci – como eles gostam de atender consulentes! Serra era ministro da Saúde, o Brasil estava nas mãos do tucano FHC; e São Paulo, nas mãos de outro, Mário Covas. Pela reação de Serra diante das denúncias contra Palocci, é o caso de se dizer: aí tem. Ele saiu em defesa de Antonio Palocci e disse:

“Acho normal que uma pessoa tenha rendimentos quando não está no governo e que esses rendimentos promovam uma variação

patrimonial.”

Por trás do texto de Serra pode-se ler que ele acha normal o patrimônio da filha crescer 50.000 mil vezes em 42 dias.

Os Grandes Irmãos jamais se preocuparam em destrinchar a fortuna incalculável de Tasso Jereissati e sua família, donos do Ceará, perto de quem os demais citados são pedintes. Muito menos de Aécio Neves, esperança deles para cortar a sequência de governos petistas em 2014. Apanhado numa blitz policial no Rio, em maio de 2011, a bordo de um de seus inúmeros carrões, acompanhado de uma namorada, o pré pré-candidato a presidente tucano estava com a carteira vencida e recusou-se a soprar no bafômetro. Imagine, você que nos lê, se isto tivesse acontecido com outro pré pré-candidato, o igualmente bonitão Eduardo Campos, postado mais à esquerda, neto de Miguel Arraes e apoiador de Dilma em 2010. Os Grandes Irmãos destruiriam sua carreira. O que não aconteceu com Aécio.

Logo após o incidente policial, surgiram aqui e ali notinhas sobre a frota de carros de luxo ligada a uma emissora, com o sugestivo nome de Rádio Arco-Íris, e um jato em nome de parentes que ele usa para circular mundo afora. Um jatinho de 20 milhões significa que por trás deve haver uma fortuna umas 20 vezes maior: o hangar, a tripulação, a manutenção, combustível. Só se ele tiver acesso ao pote de ouro que, dizem, existe no fim do arco-íris. A mídia, ao tomar conhecimento dessa vida que lembra a dos antigos playboys internacionais, Rubirosa, Jorge Guinle, Baby Pignatari, fez de conta que não era com ela.

E para quê finalidade a mídia iria mostrar os rabos presos de gente de todos os partidos? Do senador do centro-oeste, da deputada federal do sul, do governador do norte? Para atravancar o governo popular, é preciso macular alguém de seu alto escalão. Ou alguém do alto escalão do partido pelo qual Dilma se elegeu, o PT, o quadro mais destacado depois de Lula, o cabeça da primeira eleição, aquele que já estava programado para sentar na cadeira de presidente em 2011: José Dirceu. Para atingi-lo, Veja empatou consigo mesma em

matéria de safadeza. No segundo semestre de 2008, publicou uma capa denunciando que “arapongas” haviam grampeado conversa do então presidente do Supremo, Gilmar Mendes, com o senador Demóstenes Torres, do DEM goiano. Era mentira, como ficaria provado mais tarde, mas naquele momento causou uma crise institucional, que levou à queda da cúpula da Polícia Federal e paralisou procedimentos decisivos contra notórios corruptos e o crime organizado. A imprensa mundo afora divertiu-se com a história do “grampo sem áudio” – que jamais apareceu.

Dissemos que *Veja* empatou consigo mesma. Três anos depois, no fim de agosto de 2011, a revista pratica ato da mesma dimensão no terreno da sem-vergonhice. Escala um repórter júnior, Gustavo Ribeiro, para tentar espionar José Dirceu usando expediente criminoso: depois de instalar uma câmera no corredor do hotel em que o político mantém escritório em Brasília, para flagrar quem o visita, Gustavo tentou invadir seu apartamento usando uma camareira, a quem mentiu dizendo que o apartamento era dele e ali havia esquecido algo importante junto com a chave. Caso de polícia. Registrado em Boletim de Ocorrência pelo hotel. Sobre tais fatos os Grandes Irmãos entraram no reino da sem-vergonhice silenciosa. Duas semanas depois, o delegado responsável pelas investigações confirmou que o repórter da *Veja* de fato tentou violar o apartamento de José Dirceu no hotel Naoum. Alguém mostrou isto com o devido destaque?

Em sua capa, *Veja* chamou José Dirceu de Poderoso Chefão e, escorada no fato dele conversar com outros políticos, acusou-o de conspirar contra o governo Dilma. Claro, que perigo: políticos fazendo política... Se gente como Gustavo Ribeiro e outros do mesmo naipe são jornalistas, nós não somos. Se nós somos, eles não são.

O resumo da ópera nas manchetes do dia seguinte às eleições de 2011:

O Estado de S. Paulo

A vitória de Lula

Não pôr na manchete o nome de quem venceu as eleições é um desplante, além de péssimo jornalismo.

Folha

Dilma é eleita

“Isenta”, como a Folha gosta de parecer.

O Globo

Lula elege Dilma e aliados já articulam sua volta em 2014

Para O Globo, o nome do povo é Lula. E o homem do povo que, nas primeiras linhas desta história, atirou na careca de José Serra uma bolinha de papel, deve ter pensado em preparar outra para dali a quatro anos.

De toda essa história, resta uma certeza: dos 44 milhões de votos de Serra, ele cavou no máximo 30 milhões. Do resto, a mídia se encarregou.

Observação

Aos leitores poderá parecer que os autores votaram em Dilma Rousseff. Assim é se lhes parece. Foi um voto bastante por exclusão: não havia ninguém melhor do que Dilma na lista de candidatos em 2010 para nos governar. Não somos dilmistas, muito menos petistas. O mais adequado sufixo "ista" que se pode aplicar aos autores se encontra na palavra "jornalista".

Ebook adquirido na Livrarialivros.com